



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

MARIANA GALDINO SANTANA

**DISCURSOS SOBRE LETRAMENTO NA MÍDIA DIGITAL:  
uma Análise do Blog *Exequi***

MACEIÓ

2019

MARIANA GALDINO SANTANA

**DISCURSOS SOBRE LETRAMENTO NA MÍDIA DIGITAL:  
uma Análise do Blog *Exequi***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPGLL, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas – FALE/UFAL como requisito para obtenção do título de Mestre na área de concentração Linguística e na linha de pesquisa Linguística Aplicada.

Orientadora: Profa. Dra. Andréa da Silva Pereira

MACEIÓ

2019

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
Bibliotecário: Marcelino de Carvalho

S232d Santana, Mariana Galdino.

Discursos sobre letramento na mídia digital : uma análise do blog Exequi / Mariana Galdino Santana. - 2019.

100 f. : il.

Orientadora: Andréa da Silva Pereira.

Dissertação (mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2019.

Bibliografia: f. 93-96.

Anexos: f. 97-99.

1. Análise do discurso. 2. Letramento digital. 3. Blogs. 4. Educação pela mídia. I. Título.

CDU: 81'42



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA



## TERMO DE APROVAÇÃO

MARIANA GALDINO SANTANA

Título do trabalho: "DISCURSOS SOBRE LETRAMENTO NA MÍDIA DIGITAL: Uma análise do *blog Exequi*"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRA em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Prof. Dra. Andrea da Silva Pereira (PPGLL/Ufal)

Examinadores:

Prof. Dr. Daniel Adelino Costa Oliveira da Cruz (Ufal)

Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes (PPGLL/Ufal)

Maceió, 28 de fevereiro de 2019.

Dedico este trabalho a Deus, a minha mãe, Marlene, e às minhas irmãs, Meirilane e Michelane, pela força, apoio e toda a compreensão neste percurso; e ao meu querido namorado, Bruno Gomes, por estar sempre presente quando preciso tanto afetivamente quanto profissionalmente.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, minha base de vida, a quem eu confio todos os meus planos.

À minha família, pelo apoio e incentivo de todos os dias.

Ao meu namorado, Bruno Gomes, pela paciência, compreensão e apoio nos momentos decisivos deste percurso.

Aos amigos e colegas pela parceria e cumplicidade, sobretudo, aos amigos de sempre, Elyza Deodato, Maria Isadora, Thayane Marques e Geovâneo Souza.

À minha orientadora, Profa. Dra. Andréa da Silva Pereira, por todo o trabalho magnífico que desempenhou em suas orientações, por todo acolhimento e disposição.

Aos professores do curso de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL) da FALE/UFAL, na pessoa da diretora Profa. Dra. Rita de Cássia Souto Maior, pela contribuição em forma de conhecimento.

Aos Professores Dr. Luiz Fernando Gomes, Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho e Dr. Daniel Adelino Costa Oliveira da Cruz, pelas contribuições e sugestões no trabalho.

À Universidade Federal de Alagoas, por ter me acolhido desde os primórdios da minha formação acadêmica como aluna da Graduação em Letras, e por ter me permitido a possibilidade de permanência nos cursos até o momento presente, e à CAPES/FAPEAL pela oportunidade de concessão da bolsa que me ofereceu todo o suporte necessário para concluir este curso de Mestrado.

Ao esforço dos educadores que fizeram parte da minha vida. Sem eles, tenho a certeza de que este percurso estaria incompleto.

A todos, de modo geral, meus sinceros agradecimentos!

“Quando contemplo no todo um homem situado fora e  
diante de mim, nossos horizontes concretos  
efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em  
qualquer situação ou proximidade que esse outro que  
contemplo possa estar em relação a mim, sempre  
verei e saberei algo que ele, de sua posição fora e  
diante de mim, não pode ver [...]. Quando nos  
olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila  
dos nossos olhos”.

(Mikhail Bakhtin, 2011, p. 21)

## RESUMO

Na atualidade, temos acompanhado as mídias nacionais jornalísticas, tais como: rádio, jornal impresso e o digital voltando cada vez mais sua atenção para a questão da educação, e, em especial, para a educação de língua. Esta pesquisa discute sobre os discursos sobre letramento circulantes em um *blog* intitulado *Exequi*, cujas postagens são também divulgadas semanalmente, em nível nacional, pela Rádio CBN como parte fixa de sua programação e, ainda, por meio de *streaming*. Observando, em um primeiro momento, a grande variedade de noções sobre letramento, os seguintes questionamentos norteiam este trabalho de pesquisa: 1) Quais discursos de letramento circulam nos principais agentes e meios de comunicação digital no *blog Exequi*? 2) Que discursos sobre educação estão subjacentes nessa esfera jornalística da comunicação? Em que medida a presença circulante desses discursos pode contribuir para o enfrentamento da questão do letramento de grupos sociais não familiarizados ou pouco familiarizados com práticas de leitura/escrita considerados relevantes para a educação formal? 3) Quais ações propositivas podem ser tomadas no sentido de inserir novos posicionamentos na discussão na esfera da mídia educacional? Para responder a estas perguntas, estabelecemos como objetivo geral desta pesquisa fazer um estudo dos diferentes conceitos de letramento trabalhados pelos estudiosos que vêm pesquisando sobre o complexo tema do(s) letramento(s). Deslocando os conceitos de letramento para o campo dos estudos dialógicos do discurso, propomos como objetivos específicos: a) por meio de uma análise dialógica-discursiva, estudar quais discursos, também entendidos como vozes sociais, do letramento circulam no *blog Exequi*; b) identificar o posicionamento do *blog* dentro do debate modernidade e pós-modernidade e, c) propor alternativas para a criação de *blogs* sobre educação que também tragam vozes sociais sobre letramento. O que nos motivou a empreender o presente estudo foi a preocupação com os discursos sobre o letramento presentes na mídia digital. A base teórica que sustenta a pesquisa é a concepção dialógica de linguagem de Bakhtin e seu Círculo. Em Street (2014) e Buzzato (2009), buscamos apoio para trabalhar os conceitos sobre letramento. Os procedimentos metodológicos são fundamentados em duas frentes: uma investigativa e, a outra, propositiva. Para a primeira, foram realizados procedimentos de geração de registros – pesquisas nos sites, *blogs*, plataformas etc. feitas diretamente pela pesquisadora, à luz da etnografia virtual, nos quais foi delimitado como dado de análise o *blog Exequi* – e análise dos dados, com a perspectiva dialógica-discursiva para estudo da linguagem de inspiração bakhtiniana. Para a segunda, foi elaborado um *blog*, levando em consideração questões relativas às forças centrífugas e o plurilinguismo. Os resultados apontam para a presença de uma ação pragmática na construção de sentido, de modo que a aproximação da ideia de excelência e justiça constituiu uma estratégia retórica do discurso, ou seja, uma impostura discursiva.

**Palavras-chave:** Discursos sobre letramento. *Blog*. Esfera midiática.



## ABSTRACT

Nowadays, we can notice the national media such as radio, newspaper and digital newspaper increasing their attention to issues related to education, especially languages. This paper is about the literacy discourse that circulates in a blog named Exequi, whose national posts are published by CBN radio weekly, those posts are a permanent session of the program and they are also released on streaming platform. Observing the variety of notions about literacy the following questions guide this research: 1) Which literacy discourses circulate in the main agents and digital media in the Exequi blog? 2) Which discourses about education are supported in this journalistic sphere of communication? How this discourses can contribute to the confrontation related to the literacy of social groups that are not acquainted with reading and writing practices considered relevant for formal education? Which propositional actions can be taken to insert new positions into the discussion in the educational media sphere? To answer these questions we set as general aim of this research to study the different concepts of literacy elaborated by scholars who have been researching the complex subject of literacy (s). Considering the concepts of literacy related to the dialogical studies of discourse, we propose as specific aims: a) through a dialogical-discourse analysis, to study which discourses of literacy, also know as social voices, circulate in the Exequi blog; b) to identify the blog position about modernity and postmodernity; c) to propose alternatives about blogs creation that brings social voices about literacy. What motivated us to develop this study was the concerning about the literacy discourses in the digital media. The theoretical basis for this research is the dialogical language conception of Bakhtin and his Circle. We seeked support in Street (2014) and Buzzato (2009), to work the literacy concepts. The methodological procedures are based on two fronts: one is investigative and the other is propositive. For the first, were executed procedures of records generation - surveys on websites, blogs, platforms, etc. – all of them were accomplished by the researcher in the light of the virtual ethnography, in which the Exequi blog was delimited as data analysis under the dialogical-discursive perspective for the language study of Bakhtin's inspiration. For the second, a blog was created taking into account issues related to centrifugal forces and plurilingualism. The results point to the presence of a pragmatic action in the construction of meaning, so that the approach of the idea of excellence and justice constituted a rhetorical strategy of discourse, what is, a discursive imposture.

**Keywords:** Literacy discourse. Blog. Media sphere.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Estrutura das postagens do <i>blog Exequi</i> .....	22
Figura 2 – Exemplo de link estrutural .....	45
Figura 3 – Síntese da Gramática do Design Visual .....	64
Figura 4 – Interface inicial de apresentação do blog <i>Exequi</i> .....	70
Figura 5 – Texto de apresentação do blog da Ilona.....	72
Figura 6 – Exemplo do uso de áudio no <i>blog Exequi</i> .....	75
Figura 7 – Exemplo do uso de vídeos sequenciados no <i>blog Exequi</i> .....	76
Figura 8 – Exemplo de vídeo único no <i>blog Exequi</i> .....	76
Figura 9 – Exemplo do uso de gráficos e tabelas no <i>blog Exequi</i> .....	77
Figura 10 – Exemplo da funcionalidade e refração dos links.....	78
Figura 11 – Os 3 pecados pedagógicos apontados por Ilona.....	80
Figura 12 – Exemplo de comparações entre Brasil e os EUA no <i>blog Exequi</i> .....	82
Figura 13 – Postagem disfarçada de notícia (?).....	84
Figura 14 – Layout do <i>blog-ato</i> .....	86
Figura 15 – Exemplo de <i>blog</i> multimodal .....	90

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantitativo de <i>posts</i> por categoria e por ano no <i>blog Exequi</i> .....	67
Tabela 2 – Quantitativo de <i>posts</i> mensais no <i>blog Exequi</i> .....	68

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>17</b>
<b>2.1</b>	<b>Por uma Concepção de Língua e Linguagem: o signo ideológico em Mikhail Bakhtin.....</b>	<b>17</b>
<b>2.2</b>	<b>O <i>Blog Exequi</i>: um olhar bakhtiniano a partir da perspectiva do gênero do discurso.....</b>	<b>21</b>
<b>2.3</b>	<b>A Escrita Digital como Criação-<i>Ato</i>.....</b>	<b>23</b>
2.3.1	Unindo os fios: a articulação entre as noções de <i>ato</i> e letramento.....	25
<b>2.4</b>	<b>Por um Conceito de Letramento: refletindo sobre a natureza do letramento.....</b>	<b>28</b>
2.4.1	Letramento “colonial e letramento “dominante”.....	29
2.4.2	Uma história sobre letramento: entendendo algumas relações de poder.....	32
2.4.3	Letramento autônomo e letramento ideológico.....	35
<b>2.5</b>	<b>Percurso Histórico sobre a Temática dos Multiletramentos.....</b>	<b>38</b>
<b>2.6</b>	<b>Sistemas Hipertextuais: o <i>blog</i> em análise.....</b>	<b>43</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>48</b>
<b>3.1</b>	<b>A Natureza da Pesquisa.....</b>	<b>48</b>
<b>3.2</b>	<b>O Espaço de Pesquisa: a cibercultura.....</b>	<b>51</b>
<b>3.3</b>	<b>A Netnografia: por uma metodologia de pesquisa no espaço virtual.....</b>	<b>52</b>
<b>3.4</b>	<b>Os Procedimentos de Geração de Dados.....</b>	<b>58</b>
3.4.1	Metodologia de seleção de dados.....	58
3.4.2	Metodologia de análise dos dados.....	59
<b>4</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>60</b>
<b>4.1</b>	<b>Percursos de Pesquisa: estar na internet.....</b>	<b>60</b>
<b>4.2</b>	<b>Um Percurso sobre a Origem e os “tipos” de <i>blog</i>.....</b>	<b>62</b>
<b>4.3</b>	<b>A Multimodalidade no <i>Blog</i>.....</b>	<b>64</b>
<b>4.4</b>	<b>Seleção dos Dados de Análise.....</b>	<b>65</b>
<b>4.5</b>	<b>Análise Dialógica-Discursiva do <i>blog Exequi</i>.....</b>	<b>69</b>
<b>4.6</b>	<b>Proposta de Criação do <i>Diálogos sobre Letramentos</i>: por uma Criação-<i>Ato</i> de <i>Blog</i>.....</b>	<b>85</b>
4.6.1	O <i>blog-ato</i> e suas refrações na estrutura hipertextual.....	87
4.6.2	O <i>blog-ato</i> na escolha das vozes.....	88
4.6.3	O <i>blog-ato</i> na multimodalidade.....	89

<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>91</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>93</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>97</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi desenvolvida no ambiente digital *blog* e discute acerca de discursos sobre letramento circulantes no *blog* Excelência e Equidade em Educação (*EXEQUI*) e propõe como produto final uma criação-ato de um *blog* como ação contradiscursiva. O letramento e suas concepções, ao contrário do que em um primeiro momento se poderia pensar, não estão restritos ao âmbito escolar, tampouco tem sido ignorado pela comunidade acadêmica. Ele hoje faz parte das mais variadas esferas da sociedade, tais como: a jurídica, a econômica, a das políticas públicas para a educação e, entre outras, a midiática, que constitui nosso interesse de estudo.

O letramento passou a ser considerado sob duas perspectivas: “num sentido restrito, o conhecimento de habilidades básicas de escrita (o que conhecemos como alfabetização) e, num sentido amplo, o conhecimento das práticas sociais relativas à cultura escrita” (SAITO e SOUZA, 2011, p. 110-111). Nesse sentido, a noção de letramento adotada nesta pesquisa é a de cunho social do letramento ideológico proposto por Street (2014), que será melhor apresentada no próximo capítulo.

Na contemporaneidade, as novas tecnologias da informação trazem a possibilidade de uma outra realidade para a comunicação midiática entre grupos e indivíduos, que de unilateral – com a difusão centralizada da informação massiva – pode passar a ser bidirecional. Assim, sendo multiplicados os polos de emissão, circulam hoje na mídia, especialmente na digital, uma oferta muito maior de informações sobre diversas temáticas, incluindo aqui as relacionadas à educação linguística (sobre letramento).

No contexto nacional, alguns documentos institucionais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) estabelecem uma uniformização do ensino básico, trazendo como proposta a “igualdade” de acesso à educação. Esse discurso de igualdade traz grandes prejuízos no que se refere a contextualização do saber, já que de modo racional ela não é possível para todos (devido a própria conjuntura do governo nacional não permitir), ou seja, acaba por ser uma proposta excludente por excelência.

Nesse sentido, é necessário que se compreenda e se conheça a multiplicidade das práticas letradas. Por isso, a escolha do tipo de letramento que é adotada por uma determinada campanha não se trata de uma escolha neutra, mas sim de uma questão política, que visa benefícios para um dado grupo de pessoas. Isso significa que um grupo dominante que participa de um certo tipo de letramento busca transferir essa prática para aqueles que não

fazem parte desse grupo, pois a lógica que se tem é a de que somente adquirindo esse tipo de letramento (o do grupo dominante) será possível fazer parte daquele grupo e obter bons resultados do processo, isso seria uma maneira de “incluir” os sujeitos que estão fora da centralidade do sistema.

Em nível nacional, temos acompanhado a mídia jornalística, rádio, jornal impresso e, em especial, o digital, voltando a atenção para a questão da educação. A rádio CBN, por exemplo, transmitida em rede nacional por *streaming*, tem na sua grade de programação diária pelo menos duas colunas dedicadas à temática sobre educação. Assim, o que nos motivou a empreender o presente estudo foi a preocupação com os discursos sobre o letramento presentes na mídia digital. Após esse contato, acessamos o *blog* de uma das educadoras, a Ilona Becskeházy, que, por meio de uma permanente publicação de artigos, propõe a discussão e a reflexão sobre questões atualizadas concernentes à educação no Brasil, e pudemos observar o conjunto de suas publicações em seu blog pessoal.

A partir da aproximação de duas temáticas (da economia e da educação) no título e subtítulo da parte introdutória do *blog*, a saber: *Excelência e Equidade em Educação: desenvolvimento econômico e justiça social de mãos dadas*, notamos estar diante de uma certa visão de letramento. Essa visão é aquela que promove a ideia da existência de um único letramento, neutro e universal que visa garantir o desenvolvimento cognitivo, o progresso econômico e a ascensão social. As publicações deixam vista e entrevista a circulação de discurso sobre letramento. Interessa-nos investigar quais são esses discursos circulantes.

Desse modo, as questões que norteiam essa pesquisa são: 1) Quais discursos de letramento circulam nos principais agentes e meios de comunicação digital no *blog Exequi*? 2) Que discursos sobre educação estão subjacentes nessa esfera jornalística da comunicação? Em que medida a presença circulante desses discursos pode contribuir para o enfrentamento da questão do letramento de grupos sociais não familiarizados ou pouco familiarizados com práticas de leitura/escrita considerados relevantes para a educação formal? 3) Quais ações propositivas podem ser tomadas no sentido de inserir novos posicionamentos na discussão na esfera da mídia educacional? Para responder a estas perguntas, estabelecemos como objetivo geral desta pesquisa fazer um estudo dos diferentes conceitos de letramento trabalhados pelos estudiosos que vêm pesquisando sobre o complexo tema do(s) letramento(s).

Deslocando os conceitos de letramento para o campo dos estudos dialógicos do discurso, propomos como objetivos específicos: a) por meio de uma análise dialógico-discursiva, estudar quais discursos, também entendidos como vozes sociais, do letramento

circulam no *blog Exequi*; b) identificar o posicionamento do *blog* dentro do debate modernidade e pós-modernidade, e c) propor alternativas para a criação de *blogs* sobre educação que também tragam vozes sociais sobre letramento.

O meu interesse pela temática dos letramentos nessa pesquisa é fruto de um histórico de estudos na área que se iniciou durante a graduação no curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas – UFAL/Campus do Sertão, no qual tive uma primeira aproximação durante a minha participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Foi a partir desse primeiro contato com a temática que me inquietei para desenvolver o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que também se inseria nos Novos Estudos do Letramento, tendo como objeto de análise os comentários de acadêmicos das licenciaturas em um *blog* proposto por mim.

Hoje, após o ingresso no PPGLL e com as contribuições da minha orientadora, bem como de outros docentes com quem tive contato por meio das disciplinas como, por exemplo, a disciplina sobre Hipertextos; Letramento, Discurso e Tecnologia; Linguística Aplicada e Perspectivas Dialógicas passei a olhar a pesquisa como fonte de autoconhecimento, de aprimoramento das bases de reflexão que nos orientam. Esse contato com as disciplinas na pós-graduação também me auxiliou na construção deste estudo. Apesar de durante o curso do mestrado não estar em efetivo exercício do magistério, os conhecimentos teóricos aos quais estou tendo acesso me forneceram uma base sólida para sustentar a minha prática como docente após o término do mesmo, e me ajudaram a manter uma postura responsável enquanto pesquisadora.

Tendo em vista esse meu percurso acadêmico, reflito e me questiono: para quê e para quem faço pesquisa? Eu, enquanto pesquisadora, faço pesquisa para estabelecer diálogos e pensar criticamente sobre questões sociais/da vida. Os sujeitos para quem faço pesquisa são os educadores de língua que se inquietam com o modo como a escola propõe o ensino linguístico (sobre letramento). É no tocante a esses questionamentos que conduzo minhas reflexões neste trabalho. Tudo isso me leva a pensar sobre como esta pesquisa poderá contribuir para a mudança ou transformação social dos sujeitos para quem eu faço pesquisa. Diante disso, entendemos que a necessidade de desenvolvermos um estudo mais aprofundado sobre o assunto se justifica.

Nesse sentido, o que essa pesquisa faz é “mapear a rede semântica e a episteme em jogo, necessariamente sustentadas por uma multiplicidade de vozes, sistemas de valoração, discursos e regimes de verdade” (FABRÍCIO, 2006, p. 59). O próprio estudo já é uma “reação” a determinadas práticas dentro de uma determinada agenda ética.



O estudo aqui proposto contribui com novos saberes e possibilidades de novos olhares sobre os sentidos de letramentos digitais, e também abre discussões para outras noções e formas de letramentos, as quais operam nelas uma força centrífuga que considera a diversidade ideológica presente nos discursos e nas práticas culturais, favorecendo a sociedade de um modo geral, principalmente o ambiente escolar – no qual ainda são cultivadas noções convencionais de uma prática de letramento homogeneizada.

Este trabalho está estruturado/organizado da seguinte forma: na segunda seção, apresentada após as considerações feitas nesta introdução, trazemos uma discussão sobre signo ideológico como concepção de língua assumida nesta pesquisa e sobre gêneros do discurso e a noção de *ato*, ambas fundamentadas em Bakhtin e seu Círculo. Em seguida, tratamos das questões sobre as abordagens de letramento, para isso tomamos como base Street (2014), e como forma de complementar essas discussões discutimos um pouco sobre o percurso histórico, a temática dos Multiletramentos e sobre o hipertexto como forma de compreender o contexto desta pesquisa.

Na quarta seção, aprofundamos os princípios teóricos da Linguística Aplicada como forma de situar a pesquisa nesse campo de estudos e o contexto da pesquisa – a cibercultura; em seguida, tratamos sobre a Netnografia (KOZINETS, 2014), método investigativo que utilizamos neste trabalho. Após isso, apresentamos os procedimentos de geração de dados através dos métodos de seleção e análise dos dados. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa de cunho netnográfico.

Na quinta seção, apresentamos os percursos da pesquisa, abordando a experiência de estar/pesquisar na internet. Na sequência, apresentamos a análise dos dados selecionados no *blog*. Nessa discussão, demarcamos através das vozes presentes nos discursos quais abordagens de letramento a autora se filia em seus textos e publicações e, por que não dizer, em suas práticas sociodiscursivas? E, por fim, apresentamos uma proposta de uma criação-*ato* de *blog*.

Por fim, tecemos algumas considerações sobre as reflexões desenvolvidas ao longo da pesquisa, que ao contrário de finalizar as discussões abre caminhos para novas investigações. Na sequência apresento as referências utilizadas na pesquisa e os anexos com os termos de autorização da utilização dos dados.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O propósito desta seção é abordar os aspectos teóricos que norteiam esta pesquisa. No tópico 2.1 apresentamos uma concepção de língua e linguagem segundo as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. No tópico 2.2 lançamos nosso olhar bakhtiniano sobre a perspectiva dos gêneros do discurso considerando o *blog* enquanto suporte. No tópico 2.3 trouxemos uma discussão a respeito da escrita digital como criação-ato e realizamos uma reflexão articulando as noções de *ato* e letramento. No tópico 2.4 nos dedicamos à discussão do tema central deste estudo sobre as concepções de letramento. Para tanto, buscamos como base de apoio os estudos de Street (2014), especialmente a respeito das diferentes abordagens de letramento – o modelo colonial, o dominante, o autônomo e o ideológico.

Procuramos trazer como interlocutores outros autores que também discutem sobre o tema, tais como Buzzato (2009) e Mey (1998). Essa é uma discussão central para a investigação que dará uma base teórica necessária para a compreensão a qual este trabalho se propõe a realizar. No tópico 2.5 apresentamos um percurso histórico sobre a temática dos multiletramentos. A abordagem dessa temática se justifica pela seguinte combinação de fatores: (a) os dados foram coletados na internet; b) a parte propositiva da pesquisa é a criação de um blog, sendo assim todos esses aspectos exigem uma imersão nessas temáticas. A última parte do capítulo, o tópico 2.6, traz os fundamentos teóricos sobre o hipertexto. Um estudo mais alentado sobre os links norteou tanto a leitura crítica do *blog* analisado, como também a produção do *blog* da parte propositiva da pesquisa, entendido como sistema hipertextual constituído por links com funções retóricas, para assim compreender como os discursos na *web* se engendram, se organizam e produzem determinados efeitos e implicações sociais.

### 2.1 Por uma Concepção de Língua e Linguagem: o signo ideológico em Mikhail Bakhtin

Com o propósito de trabalhar a temática da presente pesquisa, que focaliza a discussão das representações de letramento circulantes na rede mundial de computadores, entendemos ser relevante iniciarmos a construção de nosso suporte teórico buscando apoio na noção de signo ideológico tal como apresentada por Bakhtin/Voloshinov (1929/2006).

É importante considerarmos que subjacentes às abordagens de letramento, ou letramentos, encontram-se as concepções de linguagem. Koch (1992), por exemplo, em *A*

*inter-ação pela linguagem*, inicia a introdução da obra apresentando um didático e sucinto contexto histórico sobre três das principais concepções de linguagem ao longo da história ocidental. A língua/linguagem como representação, ou espelho do pensamento, constitui a primeira concepção. Desse modo, esta é a que se filia à ideia de língua dos estudiosos da Antiguidade, na sua maioria filósofos, que se propunham a pensar a linguagem a partir de uma perspectiva lógica. Essa concepção hoje ainda é muito utilizada em algumas áreas da Filosofia para se discutir disciplinas da Lógica, ou do Pensamento Lógico, chegando depois à Argumentação Lógica, que vai desembocar em uma discussão interna ao sistema da língua (de natureza imanente).

Tem-se ainda como segunda concepção de língua/linguagem a ideia da língua como instrumento (ou ferramenta) de comunicação, trata-se da função utilitarista da língua, herança de uma forma de entender o trabalho com a linguagem (iluminista) que distanciou o homem do uso da língua: sistema X uso. Essa concepção serviu de berço para nossa educação e concepção de língua-nação, e está muito viva enquanto concepção e valor de ideológico. A terceira já aponta para o novo paradigma de estudos da linguagem, que é a concepção da língua como lugar de ação e interação. Koch, em sua obra, posiciona-se filiada a essa terceira concepção ou modelo (ou, ainda, paradigma) da Linguística do Discurso (também conhecida como Linguística do Uso, nomenclatura utilizada por Koch).

Como são muitas as vertentes que se valem dessa terceira concepção de língua/linguagem, encontramos diferentes enfoques para o trabalho dentro do paradigma da linguagem em uso. Por exemplo, Koch (1992), explicita a sua opção por trabalhar com a concepção de língua/linguagem logo na introdução para, nas demais partes da mesma obra, apresentar as correntes da Pragmática e, sobretudo, da Análise da Conversação.

Conforme iniciamos a subseção deste capítulo, apresentamos a nossa filiação à concepção de língua/linguagem bakhtiniana, que é a do dialogismo. Dialogismo tem como uma de suas principais características a questão da interação, mas não se trata da interação face a face. Busca-se nas comunicações inter e intraverbais, que eventualmente podem até ocorrer face a face, os sentidos não dos interlocutores empíricos, da pragmática da conversação, mas sim da interlocução mais ampla, que é a das vozes localizadas nas valorações que circulam a partir das orientações axiológicas das relações dialógicas e, ainda, saber como a alteridade se estabelece.

Feita essas primeiras considerações sobre as concepções de língua/linguagem, e apresentando nossa opção pela terceira de lastro discursivo bakhtiniano, passamos a

apresentar sucintamente a noção específica de signo ideológico em Bakhtin/Voloshinov (1929/2006, p. 30, grifos do autor):

um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico.*

Nesse viés, o signo ideológico não é apenas a palavra, mas qualquer instrumento (ou corpo físico) pode se tornar signo ideológico, basta apenas que haja uma atribuição de sentidos a esse objeto que ultrapasse as suas particularidades. Portanto, os signos expressam a diversidade de experiências históricas dos grupos humanos, tendo os signos a plurivocalidade como característica, pois são múltiplas verdades, inúmeros discursos e vozes sociais que valoram e atribui sentidos ao mundo.

Desse modo, o signo assume um caráter vivo e dinâmico, e no mesmo material semiótico é possível haver uma diferente significação no ato social concreto da enunciação, dependendo da voz social que está ancorado, pois essas refratações podem ser diferenciadas. A refratação do signo diz respeito aos posicionamentos e juízos de valor que atribuímos e assumimos diante de um determinado objeto.

Segundo Bakhtin/Voloshinov (1929/2006), não há limites para o contexto dialógico, os sentidos produzidos no/pelo mundo serão sempre atualizados e poderão estabelecer um novo diálogo em qualquer momento histórico, e cada esfera ideológica refrata o signo à sua maneira. Ainda segundo o autor (1929/2006, p. 34), “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência”, é um signo social. Compreendendo essa natureza múltipla do signo é que entendemos a língua como sendo dialógica, plurivocal, ao contrário da ideia de língua única como valor ideológico de um discurso unívoco. Assim, encarar a dialeticidade da língua é perceber que as diversas valorações axiológicas serão estabelecidas e que o discurso permite uma multiplicidade de vozes sociais que se afirmam ou se opõem, sem se sobrepor uma à outra.

Conforme as noções discutidas aqui, poderemos compreender como essas duas visões de língua única e plurivocal podem afetar os letramentos, o que poderá ser melhor percebido na seção de análise desta pesquisa. Neste trabalho assumimos a noção trazida por Bakhtin/Voloshinov (1929/2006) sobre língua como signo ideológico.

Essa noção contribui para lançar um olhar de compreensão do signo ideológico, tanto na parte verbal dos nossos dados de análise presentes no *blog* como no próprio *blog* (parte propositiva desta pesquisa).

Outro aspecto relativo à natureza da língua estudado por Bakhtin (2002) são as forças comunicativas – a força centrípeta e a força centrífuga. Em relação à primeira, Bakhtin trata como a noção de língua enquanto valor ideológico único.

A categoria da linguagem única é uma expressão teórica dos processos históricos da unificação e da centralização linguística, das forças centrípetas da língua. A língua única não é dada, mas, em essência, estabelecida em cada momento da sua vida, ela se opõe ao discurso diversificado. Porém, simultaneamente ela é real enquanto força que supera este plurilinguismo, opondo-lhe certas barreiras, assegurando um certo *maximum* de compreensão mútua e centralizando-se na unidade real, embora relativa, da linguagem falada (habitual) e da literária “correta”. [...] A vitória de uma língua proeminente (dialeto) sobre outras, a expulsão de certas línguas, sua subjugação, o esclarecimento graças à palavra verdadeira, a participação dos bárbaros e das camadas sociais numa língua única da cultura e da verdade, a canonização dos sistemas ideológicos, a filologia e seus métodos de estudo e ensino de línguas mortas e, como tudo que é morto, unificadas e, finalmente, o estudo das línguas indo-européias que passam da multiplicidade de línguas diferentes para uma língua-mãe, tudo isso determinou o teor e a força da língua “única” no pensamento linguístico e estilístico e o seu papel criador e estilizador para a maioria dos gêneros poéticos, constituídos no curso daquelas mesmas forças centrípetas da vida verbo-ideológica (BAKHTIN, 2002, p. 81-82).

No que concerne às forças centrífugas, Bakhtin (2002) destaca o plurilinguismo afirmando que,

[...] as forças centrípetas da vida linguística, encarnadas numa língua “comum”, atuam no meio do plurilinguismo real. Em cada momento da sua formação a linguagem diferencia-se não apenas em dialetos linguísticos, no sentido exato da palavra (formalmente por indícios linguísticos, basicamente por fonéticos), mas, o que é essencial, em línguas sócio-ideológicas: sócio-grupais, “profissionais”, “de gêneros”, de gerações, etc. A própria língua literária, sob este ponto de vista, constitui somente um das línguas do plurilinguismo e ela mesma por sua vez estratifica-se em linguagens (de gêneros, de tendências, etc.). E esta estratificação e contradição reais não são apenas a estática da vida da língua, mas também a sua dinâmica: a estratificação e o plurilinguismo ampliam-se e aprofundam-se na medida em que a língua está viva e desenvolve-se; ao lado das forças centrípetas caminha o trabalho contínuo das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verbo-ideológica e da união caminham ininterruptos os processos da centralização e desunificação (BAKHTIN, 2002, p. 82)

O plurilinguismo das forças centrífugas é o que fortalece o interesse desta pesquisa com a criação-ato de um *blog*. Pensar em uma criação-ato consiste em enfrentar o debate sobre letramento inserido no contexto.

No tópico seguinte, apresentamos uma discussão acerca do debate sobre gêneros do discurso, encarando as especificidades do *blog* analisado à luz da concepção bakhtiniana e de seu Círculo.

## **2.2 O Blog Exequi: um olhar bakhtiniano a partir da perspectiva do gênero do discurso**

É consenso geral que a língua só acontece por meio de gêneros. Bakhtin (2011, p. 262) afirma que os gêneros do discurso são “[...] *tipos relativamente estáveis* de enunciados”. Ainda seguindo os pensamentos do mesmo autor (2011, p. 261), “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana.”. A partir dessa ideia, entende-se que o ato de enunciar está intimamente ligado ao ato de exprimir pensamentos, sentimentos, em palavras tanto escritas como orais. A enunciação é concreta e única, pois reflete os objetivos e finalidades de cada campo, e é composta por um conteúdo temático, por recursos linguísticos (estilo da linguagem) e por uma estrutura composicional.

Esses três elementos que compõem os enunciados, sejam eles – o conteúdo temático, o estilo e a estrutura composicional –, estão indissolivelmente ligados e todos são igualmente determinados pelo campo da atividade humana. Assim, cada campo se apresenta de forma individual elaborando o que o autor chama de “*tipos relativamente estáveis* de enunciados”, os quais já foram denominados de *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2011, p. 262).

Consoante a isso, tudo aquilo que dizemos ou escrevemos se organiza e se agrupa, conforme a finalidade da comunicação, em gêneros do discurso, estando cada gênero discursivo inserido numa esfera do conhecimento, aspecto que dita o que se propõe à discussão e aos objetivos de cada gênero específico. Por exemplo, no contexto discursivo da esfera religiosa, há elementos linguísticos e extralinguísticos que são pertinentes às construções discursivas que são ali feitas. Se pensarmos num Sermão, este possui um apanhado de enunciados e intenções contextualizadas que estão de comum acordo com as discussões a que se propõe a esfera religiosa.

No que diz respeito à estrutura composicional do blog em análise, nos deparamos com uma estrutura engessada, hierarquizada, fechada em blocos e com *links* que trazem conteúdos de uma mesma voz, da própria voz que enuncia e das vozes que se filiam a mesma matriz ideológica discursiva, ou seja, não há espaço para circulação de outras vozes, outras ideias. O estilo do *blog* é o do tipo jornalístico, centrado em publicações do tipo notícia-reportagem, trazendo o ponto de vista do autor. O estilo das postagens está marcado por uma escrita cheia de dados quantitativos presentes nas formas de quadros e tabelas, conforme é possível observar na imagem abaixo:

**Figura 1 – Estrutura das postagens do *blog Exequi***



Fonte: Disponível em: <https://exequi.com/2018/12/>. Acesso em: 19/02/2019.

A partir do exposto, os gêneros são entendidos como formas verbais de ação social relativamente estáveis, com realização em textos situados em comunidades de fala com práticas sociais e em domínios discursivos específicos. Em meio a uma nova face virtual os gêneros não são somente novos, mas híbridos, ou seja, misturam as modalidades da língua(gem), entre outros recursos semióticos, por isso fica difícil estabelecer aos novos gêneros digitais uma função, aspecto discutido por Bakhtin (2011) ao propor uma definição de gêneros do discurso. Em relação ao aspecto da alternância dos sujeitos, o texto precisa estar vivo, ou seja, precisa estar respondendo a alguém. Assim, o blog analisado responde a uma elite que pretende estar dentro do mesmo horizonte social dos países desenvolvidos, sem considerar o contexto local.

Um aspecto interessante relativo ao gênero do *blog* analisado, a postagem, é que ela parece se apresentar de forma subvertida, com um tom de notícia, pois embora as postagens pareçam se enquadrar num âmbito mais pessoal, a jornalista enuncia em forma de extensão dos discursos que ela veicula no programa *Missão Aluno*, da rádio CBN como colunista. Desse modo, parece-nos que o visitante do *blog* recebe as publicações não no formato do gênero postagem, mas com uma notícia embutida. Essa característica torna o *blog* muito além de sua funcionalidade inicial (diário pessoal) e amplia para efeitos secundários como a divulgação de uma notícia, que devido ao espaço digital permite que a blogueira/jornalista também se posicione, o que se entrevê é um engajamento de uma visão de letramento.

No próximo tópico é problematizada a questão da escrita digital como sendo uma criação-ato pelo fato de se tratar de uma escrita que pensa/reflete sobre o seu contexto.

### **2.3 A Escrita Digital como Criação-ato**

Para se pensar sobre a escrita digital como uma criação-ato é necessário discutir sobre a noção de ato postulada por Bakhtin (2017). Além do texto-base, também nos apoiamos na leitura feita por sua estudiosa, Amorim (2009). A obra bakhtiniana que discute a noção de ato é um texto de matriz filosófica devido os diálogos filosóficos que ele estabelece e que o constituem. Essa filosofia está marcada dentro do contexto da tradição filosófica russa em que se interessa pela questão moral.

Destaca-se também a utilização de termos russos como, por exemplo, a distinção das duas formas de verdade – *istina* e *pravda*. A palavra *istina* diz respeito à verdade universal



(científica), já a palavra *pravda* está relacionada a verdade singular, única e irrepitível de cada sujeito a partir do contexto e da posição que ele ocupa. O ato mobiliza essas duas formas de verdade, elas o constituem. Mas o que vem a ser um *ato*? Para Bakhtin (2017) em sua etimologia,

**“Postupok” é um ato, de pensamento, de sentimento, de desejo, de fala, de ação, que é intencional,** e que caracteriza a singularidade, a peculiaridade, o monograma de cada um, em sua unicidade, em sua impossibilidade de ser substituído, em seu dever responder, responsabilmente, a partir do lugar que ocupa, sem álibi e sem exceção. (p. 10, grifo nosso)

Com base na reflexão acerca da noção de ato apresentada por Bakhtin (2017), uma ação responsável é tida como ato, pois o que caracteriza o ato responsável é a assinatura do sujeito. Assim, a partir dessa reflexão compreendemos que quando uma ação não é responsável ela tende a estar mais ligada a abstração do conhecimento, ao contrário disso, quando a ação se torna responsável ela tende a dialogar com o mundo da vida dos sujeitos e esses assinam e se responsabilizam pelo ato de pensar, pois é a minha aproximação com determinado conteúdo que me faz assinar por ele eticamente.

De acordo com Amorim (2009, p. 21), o que está em debate é a seguinte questão: “qual é a ética de um pensamento? Ou ainda: em que condições um pensamento teórico pode ser ético?”. Essa dimensão ética em jogo afirma que embora um conteúdo teórico (científico) possa ser verdadeiro, isso não garante que ele seja ético, pois

O ato de pensar é sempre singular e diz respeito a um sujeito único. Somente o *ato* de pensar pode ser ético, pois é nele que o sujeito é convocado. Enquanto abstração, o único dever da teoria é ser verdadeira. Mas o próprio dever de buscar a verdade, aquilo que me obriga a pensar verdadeiramente enquanto estou pensando, não decorre do conteúdo do pensamento, mas do ato de pensar. Uma teoria verdadeira, ao virar ato, isto é, ao ser pensada por alguém singular e único, vira ética. E pode, assim, completar sua verdade universal com a verdade singular a que Bakhtin chama de *pravda*. (AMORIM, 2009, p. 22)

O reconhecimento de que um determinado conhecimento tem validade para mim é o que confirma a minha assinatura nele, pois me reconheço nele. A palavra *pravda* já significou justiça, equidade, notadamente porque considera as singularidades dos sujeitos e suas verdades, e não ser indiferente se posicionando responsabilmente. A verdade *istina* tem sua validação por si mesma. É necessário destacar que uma verdade universal somente se torna válida se considerar um contexto individual, é o conjunto dessas verdades singulares que completam o valor universal.

A concretude do meu *ato* singular se dá na articulação com as diferenças, cada sujeito é um centro de valores. Assim, é com esses múltiplos centros que devo responder com meus atos. O dever de pensar como *ato* manifesta o não-álibi do ser, que diz respeito ao fato de o sujeito não se eximir da sua responsabilidade. “Preciso *reconhecer* um *conhecimento* como meu, como algo que diz respeito ao meu lugar e que, portanto, me leva a assiná-lo” (AMORIM, 2009, p. 33).

Tornar o pensamento-ato significa inserir a temática da escrita digital do nosso interesse no debate da modernidade versus pós-modernidade (e seus valores). Isso é tornar um pensamento ético.

Mediante tais reflexões, esperamos que o conceito complexo de *ato* possa estabelecer sentido com os posicionamentos que tomamos, sobre a nossa responsabilidade diante do *ato* de pensar. Esse tipo de debate destaca-se pela necessidade que os sujeitos têm de posicionar-se responsabilmente e pela discussão a respeito da ética, que se encontra quase em esquecimento na atualidade. A seguir, apresentamos como se estabelece a articulação entre a noção de ato e de letramento.

### 2.3.1 Unindo os fios: a articulação entre as noções de *ato* e letramento

Como foi visto no tópico anterior, as duas verdades que mobilizam o *ato*: a *istina* que está relacionada à verdade universal e abstrata e a *pravda*, relacionada à verdade singular, dependem uma da outra, não se pode ver o mundo da vida separado do mundo da cultura. Da mesma maneira, as quatro noções de letramento postuladas por Street (2014) apontam para, de um lado, uma noção única/universal de letramento e, do outro lado, uma noção de caráter mais social e ideológico. São elas o letramento colonial, o dominante, o autônomo e o ideológico.

Os dois primeiros modelos estão relacionados a uma questão de dominação estrangeira, embora o segundo não necessariamente esteja, de uma nação sob a outra no modelo colonial, temos como exemplo disso o processo de “descobrimto” do Brasil, e a dominação interna em que um grupo dentro de uma mesma nação ou estado faz intervenções na cultura letrada de outro grupo. Em ambos os casos o que há é a introdução de convenções orais e escritas e formas específicas de letramento por meio da educação e campanhas

institucionais, e não a introdução de um processo inteiramente novo de aquisição do letramento.

Já o modelo autônomo de letramento é aquele que considera a existência de um único letramento, universal e neutro, capaz de, por si só, desenvolver um grande desenvolvimento cognitivo, estimular a ascensão social e o progresso econômico. O foco está na aquisição individual dos aspectos técnicos (e tecnológicos) da escrita, e é a partir desse foco que o impacto dos programas de leitura e escrita são avaliados nacionalmente. Esse modelo, de modo geral, vê o acesso à escrita mais como desempenho da competência individual e menos como função social, apenas como desempenho da competência individual do sujeito que aprende, um trabalho de decodificação cuja principal consequência seria levar ao “progresso” individual.

Segundo o modelo autônomo, o letramento é considerado um conjunto de habilidades de leitura e escrita que, sendo transparentes isentas de valores e fundamentadas em uma ideologia grafocêntrica, podem ser transferidas de um contexto a outro. O que pode ser notado até aqui é o fato de que a existência do letramento colonial e dominante confere ao letramento autônomo uma certa continuidade da sua matriz discursiva defendida por tantas campanhas institucionais e governamentais como, por exemplo, as campanhas do Governo Federal sobre as “benesses” da criação de um currículo nacional a partir da proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), porém este último modelo se apresenta forjado de uma nova denominação que mascara seus verdadeiros sentidos. Essas noções de letramento se colocam em diálogo com a verdade *istina*, que circula, em seu único centro de valor, uma voz social dominante e mais privilegiada.

Em contraposição, o modelo ideológico de letramento apresenta uma mudança de foco e vem para romper com todos os modelos anteriores que desprezavam o aspecto social do letramento. Passa a atuar e refletir sobre as práticas de letramento presentes na comunidade-alvo e não apenas as habilidades individuais de leitura e produção de textos. A avaliação dos projetos deixa assim de ser sobre o impacto do letramento em receptores supostamente passivos, reprodutores do conhecimento adquirido, e passa a ser sobre as consequências do letramento adquirido (resposta – sentido bakhtiniano). Na abordagem *ideológica*, considera-se as diversas vozes e a diversas práticas situadas e contextualizadas de letramento, ou seja, de práticas socialmente situadas de leitura e escrita, não enfatizando a “grande divisão”, mas a interação entre essas duas modalidades. Vê-se, então, que essa abordagem ideológica está mais próxima da verdade *pravda* que considera as singularidades dos sujeitos a partir do lugar de onde falam.

Aqui carece, para dar conta da ideia de voz social, trazermos Mey (1998), que faz uso da metáfora da voz para melhor explicar o discurso do letramento. O uso da metáfora está relacionado aos discursos da sociedade, em que qual cada voz individual representa um subdiscurso de uma comunidade específica. Para entender o discurso do letramento na sociedade e suas “vozes” Mey (1998, p. 4) diz que: “o letramento é mais do que a habilidade de ler e escrever. Sem dúvida, em um sentido, o *letramento* pode ser considerado como uma forma de tecnologia em que a leitura e a escrita são os efeitos *primários* desta determinada técnica”.

Sabendo que a aquisição da leitura e da escrita está numa primeira instância do letramento, quais seriam os efeitos secundários do letramento em um nível individual e na sociedade? Pois bem, tentando apresentar um direcionamento para esta pergunta, mas não uma resposta absoluta, penso que os efeitos do letramento sendo considerado em um nível individual estão para as noções de letramento colonial/dominante/autônomo, bem como a verdade *istina* do *ato*, visto que nessa concepção os efeitos secundários são meramente individuais, sem nenhum comprometimento em causar alguma mudança na realidade social. Já no que diz respeito ao efeito secundário a um nível social, isso resultaria numa mudança do sistema, uma transformação da realidade econômica e social de toda uma comunidade ou nação, é este último que nos interessa e que devemos lutar para alcançar. Este pode ser caracterizado como a noção de letramento ideológico e a noção da verdade *pravda* do *ato responsivo e responsável*.

Assim, “[...] O letramento sempre incorpora a voz letrada de alguém, ou melhor, a voz letrada de algum agente social” (MEY, 1998, p. 6). O letramento deve ser também o produto de uma participação ativa em alguma atividade social. Significa, portanto, aprender no contexto da ação. Dessa maneira, a ação em si não estabelece um letramento social, mas quando se pensa e reflete sobre essa ação de modo responsável, articulando a variedade de vozes e práticas letradas aí acontece verdadeiramente o *ato*.

A seguir, apresentamos uma discussão a respeito dos tipos de letramento com base em Street (2014) assumindo uma abordagem social que se relaciona com a concepção dialógica de língua.

## **2.4 Por um Conceito de Letramento:** refletindo sobre a natureza do letramento

A fim de apresentar a concepção de letramento de Street (2014), com enfoque para o social, objeto de nosso interesse, consideramos importante apresentar um pouco a respeito de sua biografia. Street foi professor emérito do King's College, Londres, e professor visitante da Faculdade de Educação da Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos. O autor fez pesquisas sobre o letramento nas vertentes teórica e aplicada, esteve envolvido em projetos de desenvolvimento no sul da Ásia e na África, aplicando a perspectiva etnográfica à formação de professores de letramento em um programa conhecido como LETTER (Lerning Empowerment through Training in Ethnographic Research). Street trabalhou com colegas brasileiros, com foco na perspectiva etnográfica e acadêmica de letramento.

Uma das suas maiores contribuições é a proposição de uma abordagem de letramento com enfoque para a realidade local, o que significa dizer que há na proposta de Street um comprometimento com a educação a partir de uma perspectiva social (Novos Estudos do Letramento – NTL, ou modelo ideológico de Street). Uma das teses centrais dos Novos Estudos do Letramento é compreender o letramento como prática social e numa perspectiva transcultural, ou seja, não existe nenhuma prática discursiva ou de letramento fora do social, por isso é necessário preocupar-se com os diferentes contextos históricos e culturais nos quais mobiliza-se atividades que envolvam leitura e escrita, fala e escuta. Considerando essa natureza social do letramento e o caráter múltiplo das práticas letradas, e opondo-se à ideia da existência de um único modelo de letramento dominante, único e “neutro”, o foco se dá no contexto social real.

Com o objetivo de interpretar e refletir sobre as representações do letramento em sites e blogs sobre educação, buscando identificar os efeitos de sentido expressos nesses ambientes, esta pesquisa aprofunda a discussão sobre os sentidos que circulam em torno do conceito de letramento como forma de entendê-los, para, assim, poder, em momento posterior de criação, ressignificá-los.

Desse modo, passamos a apresentar a seguir as concepções de letramento descritas por Street (2014) a partir de um estudo etnográfico feito por ele que envolveu trabalhos de pesquisa de campo em vários continentes a respeito do letramento, conforme mencionado em parágrafos anteriores. Contrapondo-se a elas, o autor faz posteriormente a proposição do que ele vem a chamar de modelo ideológico de letramento, que constitui na realidade uma pedagogia de trabalho com a língua.

#### 2.4.1 Letramento “colonial” e letramento “dominante”

De acordo com Street (2014), há muitas maneiras pelas quais a aquisição do letramento afeta toda uma sociedade, existe um impacto considerável da cultura sobre os sujeitos que adquirem esse letramento. Assim, implanta-se toda uma mudança na maneira de pensar, na ideologia local, e não simplesmente uma mudança nas habilidades técnicas de apreensão da leitura e escrita. Investigações dão conta que historicamente a cultura dominante trabalha com todo seu arsenal político, ideológico, histórico e social para fazer com que os “iletrados” se adaptem às novas práticas letradas às quais são submetidos. É por esse motivo que Street (2014), ao elaborar um construto teórico para uma abordagem de letramento social, recupera na história como o resultado das relações de poder está diretamente atreladas a modelos pedagógicos de ensino de língua e estabelece a diferença entre quatro modelos: o letramento colonial, o dominante, o autônomo e o ideológico, este último será sua proposta pedagógica como contraponto aos demais modelos.

Para apresentar os dois primeiros tipos Street (2014) examina e apresenta alguns exemplos citando alguns casos históricos para efeito de comparação entre ambos. Para explicar sobre o letramento “colonial” o autor apresenta um caso histórico ocorrido na Inglaterra medieval e na sequência, apresenta uma combinação de um trabalho de campo contemporâneo e análises de documentos históricos em Madagascar no século XIX (STREET, 2014, p. 48). Em seguida, para abordar a respeito do letramento “dominante”, traz a questão o caso do Irã, revelado através das variadas campanhas de alfabetização conduzidas sob o regime do xá, no Irã, durante os anos 1960 e 1970, estabelecendo uma comparação entre essas duas realidades em contextos de colonização e de dominação.

Com o intuito de explicitar o modelo de letramento “colonial”, Street (2014) traz como exemplo primeiro o caso ocorrido na Inglaterra medieval. Para compreender esse tipo de letramento é necessário entender que o foco deve estar centrado nos impactos da cultura dos que levam esse letramento para aqueles que o recebem, pois o letramento nesse caso está sendo transferido de uma cultura diferente, podendo ser transferidos além dos aspectos técnicos da leitura e da escrita, valores, crenças, costumes etc. de uma sociedade externa para os nativos “iletrados”.

No letramento colonial há uma delegação dos valores das sociedades não ocidentais sob as ocidentais, ou seja, trata-se da supervalorização da cultura estrangeira de dominação sob as demais culturas. Voltando-se para o caso da Inglaterra medieval, Street (2014) diz que Clanchy (1979), ao fazer uma descrição de como os normandos introduziram o letramento na

Inglaterra medieval, em que houve a dominação normanda sobre a população inglesa, foi preciso que se estabelecesse uma “mentalidade letrada”. Com isso, houve uma mudança sobretudo no modo de pensar a cultura, a ideologia e não apenas uma mudança nos procedimentos técnicos. Assim, alguns membros da cultura inglesa passaram a incorporar algumas práticas letradas. Segundo esses estudos de Clanchy descritos por Street (2014), no século XI, para validar os direitos à terra e as alegações de veracidade era utilizada a exibição de espadas ou outros símbolos de autoridade, também pelo uso de selos e pelo testemunho oral de um júri.

Já por volta do século XIV, esses estudos mostram que se passou a utilizar documentos validados por tabeliões ou cartas precisamente datadas, e isso incluiu uma mudança profunda nos costumes medievais, pois esse sistema de datação, que envolvia uma questão de significação legal e prática por estabelecer uma sequência das correspondências no tempo, se chocou contra crenças religiosas da época, tidas como algo sagrado e que só teria livre arbítrio para o uso em documentos religiosos e não para questões comerciais, pois o nascimento de Cristo era o ponto de referência para datação. Essa nova mentalidade foi sendo estabelecida gradualmente, e assim a visão forasteira foi sendo imposta radicalmente.

Acrescentando a esse exemplo da Inglaterra medieval, Street (2014) traz o exemplo de Madagascar, no qual relata que Maurice Bloch (1989), fazendo uma combinação de trabalho de campo antropológico e análises de documentos históricos, busca explicar o súbito florescimento de manuscritos históricos de Madagascar durante o século XIX. É relatado que, durante aquele período, os missionários foram os primeiros a contribuir com o letramento em massa em Madagascar. Desse modo, foram introduzidos a essa cultura o alfabeto latino e a imprensa através da Sociedade Missionária de Londres a partir dos anos 1820, desprezando a escrita árabe. Com esse fim, os missionários traduziram a Bíblia e a transcreveram em malgaxe. Contudo, em 1835, a Sociedade Missionária de Londres foi expulsa, o cristianismo foi banido e as escolas fechadas, restringindo drasticamente a difusão do letramento. Bloch (1989), fazendo referência ao seu trabalho de campo desenvolvido na ilha em 1960 junto a um grupo denominado Merina afirma que como forma de reivindicar a Bíblia trazida pelos missionários eles acabaram criando a sua própria bíblia contendo narrativas locais, genealogias e relatos importantes de eventos que legitimavam o seu poder. Desse modo, os Merinas adotaram os aspectos da cultura forasteira em suas próprias convenções, embora rejeitassem a superioridade dos europeus sobre a cultura local, fazendo com que a tradição oral ganhasse também espaço na cultura “letrada”, e como forma de perpetuar as práticas ideológicas que exerciam antes oralmente.

Esses dois exemplos dos casos de Madagascar e da Inglaterra medieval mostram como membros de uma cultura estrangeira introduzem sua forma particular e específica de letramento a um povo que sofre a colonização, cuja implicações vão além da aquisição de habilidades técnicas e desenvolvimento cognitivo, mas que abrange uma questão de dominação mais ampla. Contudo, pode ser percebido que nos dois casos as populações encontraram uma maneira de incorporar os elementos dessa nova ideologia as suas crenças e práticas nativas, pois ambas já possuíam um determinado grau de letramento, o que marca uma diferença nesse quesito são as particularidades que assumiam as práticas letradas dos grupos forasteiros.

No que tange ao letramento “dominante”, o que acontece é algo mais ou menos parecido, em que segmentos ou grupos privilegiados dentro de uma mesma sociedade/governo/país demarcam suas culturas em detrimento de culturas minoritárias, apagando-as, tendo esses grupos que passar por uma condição de adaptação a essas novas práticas letradas a que são introduzidos (STREET, 2014, p. 53). Nesse sentido, trata-se de uma cultura dominante que tem como “responsabilidade” difundir o seu letramento às subculturas dentro de uma mesma sociedade.

Street (2014, p. 53), para ilustrar um pouco sobre o letramento dominante no que concerne à “dominação interna”, apresenta pesquisas que desenvolveu durante os anos de 1960 e 1970. Nesse cenário, os principais agentes de dominação de letramento tendem a ser o próprio governo nacional ou especialistas que possuem uma base cultural restrita. De algum modo, esse tipo de letramento reproduz aspectos da situação “colonial”, pois os governos de nações em desenvolvimento cada vez mais buscam basear seus programas de letramento com a cultura ocidental, sendo introduzidos com todo um leque de características ocidentais como, por exemplo, as formas de industrialização, burocracia, escolarização formal e assim por diante. Além disso, deve-se levar em conta um certo grau de “dominação interna” que favorece a manutenção da “hegemonia das áreas urbanas sobre as rurais, dos homens sobre as mulheres e das elites centrais sobre as populações locais” (STREET, 2014, p. 53). Nesse sentido, esse tipo de letramento surge como uma ampliação do modelo colonial, seria uma espécie de “neocolonialismo”.

No caso do Irã, diversas campanhas foram dirigidas às mulheres com o intuito de, através delas, alcançar as crianças. Um pesquisador iraniano sugeriu que era preciso mudar as mães para mudar as crianças. Para isso, houve a implantação de faculdades rurais a fim de ensinar as mulheres a profissão docente. Contudo, alguns garotos e meninas que foram “instruídos” nesse novo letramento se deparam com a ausência de emprego provocada pelo



declínio da economia iraniana nos anos 1970 e decidiram voltar a trabalhar com as tarefas do campo, que, no período em questão, eram mais lucrativas. Foi nesse sentido que muitos dos que permaneceram na aldeia compreenderam que a educação local os preparava melhor para um letramento “comercial”. Lá eram desenvolvidas práticas ocultas de letramento que atendiam às necessidades dos aldeões. O que esses alunos nativos aprendiam fazia parte de uma prática específica que eles utilizavam em seu contexto de aprendizagem, por isso, não podiam ser taxados de “iletrados”, ainda que fossem vistos dessa maneira nos testes formais das escolas e do governo. Considerando essa questão, percebemos que o que ocorreu em todas as situações de letramento descritas aqui por Street (2014) foi uma introdução de convenções orais e escritas e formas específicas de letramento por meio da educação e campanhas institucionais, e não a introdução de um processo inteiramente novo de aquisição do letramento.

Para melhor ilustrar o modo dominante de letramento, trazemos no próximo item uma breve história que demarca algumas características e práticas específicas desse modo. Esse breve relato apresentado a seguir foi inicialmente pensado após assistir a um documentário intitulado *Schooling the world – Escolarizando o mundo*. As bases apresentadas por ele delineiam a ideia de dominação de uma cultura sob a outra, na qual o letramento em massa proporcionado pelo governo ignorava as práticas letradas da vida rural, em grande medida centradas na oralidade, em que as escolas consistiam em servir às necessidades do governo com propósito de atender a economia moderna.

#### 2.4.2 Uma história sobre letramento: entendendo algumas relações de poder

O documentário *Schooling the world – Escolarizando o mundo*<sup>1</sup> examina o pressuposto escondido da superioridade cultural por trás dos projetos de apoio educacionais, que, no discurso, procuram ajudar crianças a "escapar" para uma vida "melhor". Aponta a falha da educação institucional em cumprir a promessa de retirar as pessoas da pobreza. Essa perspectiva de letramento está fundamentada no que Street (2014) chama de letramento “dominante”.

---

<sup>1</sup> Link de acesso ao documentário no YouTube: <[https://www.youtube.com/watch?v=6t\\_HN95-Urs](https://www.youtube.com/watch?v=6t_HN95-Urs)> Acesso em 23/01/2018.

De acordo com o documentário *Schooling the world – Escolarizando o mundo*, um filme de Carol Black<sup>2</sup> filmado no período de 2006 - 2010 e lançado em outubro de 2010, a cultura ocidental instituiu pelo mundo a obrigatoriedade de estudar, levando crianças e jovens à força para as incluírem na cultura mundial. Esse tipo de escola busca fazer/formar pessoas iguais nos seus modos de pensar e, com isso, ela também acaba por sobrepor a cultura do outro, causando um apagamento nas demais culturas. Assim, essa escola acaba formando alunos passivos, voltados apenas para o consumo e produção, sendo esta a lógica do acúmulo.

De acordo com o histórico sobre a educação apresentado no vídeo, na cidade de Ladakhi na Índia os primeiros relatos de camponeses é que seus filhos se mudaram para frequentar escola em Leh, e revelam que, por agora estarem “educados”, não querem mais voltar para seus lugares de origem, mesmo que antes fossem mais felizes com suas famílias.

Os Estados Unidos eram/são a nação referência destes povos. Com isso, milhares de crianças nativas eram retiradas à força de suas famílias e enviadas para internatos administrados pelo governo, e o objetivo mais evidente desta ação era destruir o seu modo de vida. Para isso, esses nativos precisavam estar imersos nessa outra civilização que agora iria educá-los, fazendo com que tudo que fosse de suas origens se perdesse. Essa lógica nos mostra que o mundo “precisava” ser educado/escolarizado.

Segundo os americanos, todas essas ações eram feitas sob a ideia de que tudo isso era feito para o bem da humanidade. De acordo com o autor Wade Davis, etnobotânico, explorador residente na National Geographic Society, através da nossa “Miopia cultural” achamos que educamos nossas crianças, mas o que acontece de verdade é um processo de enculturação, e aqueles que não seguem os mesmos padrões de educação, que não levam seus filhos para serem educados são taxados de pessoas que não educam seus filhos. Assim, o objetivo de quem vai estudar é poder ganhar muito dinheiro. Esse interesse está mais ligado à questão material do que de conhecimento.

A metáfora usada pelo pesquisador Davis mostra que “uma cultura tradicional é um ecossistema, uma rede complexa de relações entre seres humanos e a terra onde eles vivem”. Pensar que o nosso modo de ser cultural é único e válido, e que os outros modos não são nos faz omitir a cultura do outro, causando um apagamento. Devemos compreender que somos apenas mais uma realidade cultural com as escolhas que fizemos. Todo indivíduo na sua cultura, mesmo que imperfeita, consegue lidar com todos os aspectos, ferramentas e códigos. Ao inserir um nativo numa outra cultura corre-se o risco dele não conseguir se adaptar nesta

---

<sup>2</sup> Para maiores informações sobre o filme visitar: <<https://schoolingtheworld.org/>> Acesso em 09/08/2018.

nem ter sucesso, assim como não conseguir mais se adaptar a sua cultura de origem, ou seja, não consegue mais sobreviver em seu próprio ambiente.

Seguindo esse raciocínio, as pessoas que eram educadas/escolarizadas não passavam de um produto que era vendido para o mercado financeiro, que trabalhava para a manutenção de toda a produção industrial. Essa lógica de uma educação voltada para produção e consumo acarretou a migração de sabedoria para conhecimento, e deste para a informação. Dessa maneira, agora estamos migrando do conhecimento para a informação, isso transforma o ser humano em algo incompleto, parcial, pois não possui a sabedoria em sua totalidade. Nessa “educação”, o que se pretendia era treinar pessoas para servir às necessidades de uma elite para fazer com que as pessoas dependam de uma cultura centralizada.

O mundo segue “avançando” em seu processo de escolarização, e neste momento vivenciamos uma ação chamada “educação para todos”, que é um programa sancionado por todos os governos do mundo. O objetivo deste programa é colocar todas as crianças na escola, com a justificativa de que indo para a escola as comunidades serão capazes de se desenvolver para que todos possam fazer parte da economia global. Essa educação é vista como algo crucial capaz de tirar as pessoas da pobreza e situações difíceis. A cultura ocidental, do progresso, do avanço, do conhecimento acabou gerando uma relação de inferioridade nas demais culturas.

Com a democratização da educação, a ideia de oferecer oportunidades iguais e justas entre os membros de uma sociedade eclodiu. Contudo, o pensamento de igualdade de oportunidades foi se transformando, e logo surgiu a ideia de que a origem social dos alunos interferia no sucesso escolar. Um exemplo claro disso é o filme *Escritores da liberdade*, de Richard LaGravenese, lançado em 2007, no qual os alunos vindos de periferias e de condições sociais baixas tinham uma grande dificuldade em ter acesso aos códigos escolares, e conseqüentemente isso gerava um fracasso escolar. A partir dessa democratização, o destino de muitas crianças e jovens era passar suas vidas numa escola interna e viver longe de seus lugares de origem, suas famílias, suas culturas. Ao chegar a seus novos “lares” e entrar em contato com outras culturas, muitas até então desconhecidas, diversos jovens se depararam com as diferenças, com o preconceito. A maioria dessas famílias enviava seus filhos com o intuito de poder dar para eles um futuro diferente do que tiveram, pois muitos sobreviviam do trabalho no campo, muitas vezes árduo, e, com as exigências do mundo moderno, não queriam ver seus filhos fora do padrão da cultura mundial.

As escolas que recebiam esses alunos eram de cultura clássicas e não conheciam as diversas culturas que adentravam pelos seus muros, o que gerava uma escolha de valores,

deixando a cultura do outro de lado com o argumento de ser menor que a cultura da escola, e isso fazia com que, com a passagem dos anos, muitos desses jovens já não se reconheciam como parte de seu lugar de origem. Um dos conceitos-chave dessa relação é a *miopia cultural* que, segundo o pesquisador entrevistado no filme, Davis, diz respeito ao olhar que é lançado para a cultura do outro como se ela não fosse válida, e como se apenas o seu modo cultural fosse bom, válido ou melhor, sendo que este é apenas mais um modo cultural.

Esses alunos imigrantes passavam por um processo de aculturação, ou seja, eram moldados para fazer parte da cultura dominante. Esse processo interessava à cultura de massa, pois esta buscava formar um aluno para ser um instrumento a serviço de uma elite urbana voltada para o consumo e a acumulação material. Através disso, a escolarização ocidental foi responsável pela introdução de uma monocultura humana (consumista e urbana) ao redor do mundo.

Nesse sentido, a cultura se transforma em um instrumento de dominação, pois as classes dominantes impõem às classes dominadas a sua própria cultura, dando-lhe um valor incontestável, fazendo com que esta seja considerada a cultura boa e válida, chamada de arbitrário cultural dominante. A escola é um dos meios mais importantes que contribui para o fortalecimento dessa sobreposição da cultura dominante sobre a dominada. Assim, são os alunos de classes sociais menos favorecidas que possuem um baixo capital cultural, seja por falta de acesso a coisas concretas como livros, seja por uma viagem em que se colocam em contato com outras culturas.

Através dessa narrativa é possível notar que as formas dominantes e únicas de letramento mascaram a sua verdadeira face que é, por trás das propagandas de progresso, causar o apagamento desses sujeitos considerados “iletrados”. Considerando-se as duas perspectivas apresentadas, discutimos as outras duas concepções postuladas por Street (2014) – o modelo autônomo e o modelo ideológico.

#### 2.4.3 Letramento autônomo e letramento ideológico

Nesta subseção apresentamos outros dois modelos de letramento de Street: o autônomo e ideológico. São eles os mais relevantes, pois é a partir do confronto com o modelo autônomo que Street (2014) propõe o modelo ideológico. O que vemos hoje nas escolas formais é, via de regra, a primazia sendo dada à abordagem de um único tipo de letramento, de prática social; aquela que, em tese, deve levar o sujeito aprendiz ao alcance do

desenvolvimento cognitivo e socioeconômico. Dessa forma, esse modelo é privilegiado pelas instituições de ensino.

As principais características dessa visão de letramento são a crença na aquisição da leitura e escrita enquanto técnica; a concepção na superioridade da modalidade escrita em relação à oral; a teoria da “grande divisão”, ou seja, a supervalorização da escrita em detrimento da oralidade e o fato de eleger uma única forma de letramento que concebe aos sujeitos uma “ascensão social”.

Delineando quadros teóricos de letramento, Street (2014) situa que dentro do quadro do modelo autônomo a questão que norteia as campanhas de alfabetização está em torno de como ensinar pessoas a decodificar sinais escritos e como evitar problemas ortográficos para se ter uma boa escrita. Dentro dessa abordagem, a ideia que circula é a de que as consequências da aquisição desse tipo de letramento sejam “maiores oportunidades de emprego, mobilidade social, vidas mais plenas, etc” (STREET, 2014, p. 43), pressupondo, portanto, uma única direção.

Desse modo, há uma generalização de uma prática que é restrita e culturalmente específica, entendendo que o letramento “em si mesmo” fosse capaz de levar ao “progresso” econômico ou cognitivo. Nesse sentido, o modelo autônomo mantém no controle social a cultura hegemônica que traz o letramento para os sujeitos supostamente “iletrados”, e enfatiza nesse aspecto o que aborda a teoria da “grande divisão” de Ong, a qual, a grosso modo, sobrepõe e separa a modalidade letrada (embora Ong utilize o termo “escrita”, utilizaremos aqui o termo “letrada”) como sendo mais privilegiada e contextualizada do que a modalidade oral.

Conforme já mencionado, o modelo autônomo de letramento é aquele que considera a existência de um único letramento, universal e neutro, capaz de promover um grande desenvolvimento cognitivo e estimular a ascensão social e o progresso econômico. O foco está na aquisição individual dos aspectos técnicos (e tecnológicos) da escrita, e é a partir desse foco que os impactos dos programas são avaliados nacionalmente. Esse modelo, de modo geral, vê o acesso à escrita mais como desempenho da competência individual e menos como função social, apenas como desempenho da competência individual do sujeito que aprende, um trabalho de decodificação cuja principal consequência seria levar ao “progresso” individual.

Assim, segundo o modelo autônomo, o letramento é um conjunto de habilidades de leitura e escrita que, sendo transparentes, isentas de valores e fundamentadas em uma ideologia grafocêntrica, podem ser transferidas de um contexto a outro. O que pode ser notado

até aqui é o fato de que a existência do letramento colonial e dominante confere ao letramento autônomo uma certa continuidade da sua matriz discursiva, defendida por tantas campanhas institucionais e governamentais, porém este último modelo se apresenta forjado de uma nova denominação, que mascara seus verdadeiros sentidos.

Em contraposição, o modelo ideológico de letramento apresenta uma mudança de foco e vem para romper com todos os modelos anteriores que desprezavam o aspecto social do letramento, passando a atuar e refletir sobre as práticas de letramentos presentes na comunidade-alvo e não apenas as habilidades individuais de leitura e produção de textos. A avaliação dos projetos deixa, assim, de ser sobre o impacto do letramento em receptores supostamente passivos, reprodutores do conhecimento adquirido, e passa a ser sobre as consequências do letramento adquirido (resposta – sentido bakhtiniano). Na abordagem *ideológica*, considera-se as diversas vozes e a diversas práticas situadas e contextualizadas de letramento, ou seja, de práticas socialmente situadas de leitura e escrita, não enfatizando a “grande divisão”, mas a interação entre essas duas modalidades.

No entanto, uma ideia que se propaga largamente é de que vivemos de modo incontestável em uma sociedade grafocêntrica que “[...] confere ao domínio da escrita as benesses para uma “vida melhor”, que inclui tanto a possibilidade de mobilidade social, quanto a abertura de janelas para o desenvolvimento cognitivo.” (CAVALCANTI; SILVA, 2007, p. 219). Com base nessa ideia, apenas adquirindo as habilidades técnicas de leitura e escrita o sujeito letrado seria capaz de alcançar lugares privilegiados na sociedade, algo que, para Street (2014), é uma forma de apagamento e de rejeição da cultura e dos letramentos locais que cada sujeito possui. O pensamento criado pelas agências e programas de alfabetização nacionais e internacionais promove a ideia de que “[...] os ‘analfabetos’ careciam de habilidades cognitivas, vivendo na ‘escuridão’ e no ‘atraso’, e que a aquisição do letramento causaria (por si só, ‘automaticamente’) grandes ‘impactos’ em termos de habilidades sociais e cognitivas e de ‘desenvolvimento’” (STREET, 2014, p. 29).

Essa ideia propagada de que para um país chegar ao desenvolvimento é preciso combater o “analfabetismo”, e que as pessoas que adquirem o letramento de algum modo “vão se dar melhor” (STREET, 2014) tem por trás uma imagem muito restrita do que seja letramento e uma visão muito ocidentalizada. Portanto, “[...] reconhecer a multiplicidade das práticas letradas em vez de supor que um letramento único tem de ser transferido em cada campanha” (STREET, 2014, p. 30). A escolha do letramento adequado a um dado contexto ou campanha é em si uma questão política e não simplesmente uma escolha neutra. Dessa maneira, Street (2014, p. 30) diz que é preciso “trazer os letramentos para a agenda política”,

esta é a nossa tarefa enquanto educadores, e é também tarefa das agências de desenvolvimento.

Por isso, devemos procurar compreender que “pessoas não são ‘tábulas rasas’ à espera da marca inaugural do letramento, como tantas campanhas parecem supor” (STREET, 2014, p. 31), ao contrário disso, são sujeitos que possuem suas culturas locais e seus graus de letramentos e compreensões de mundo.

[...] Longe de serem analfabetos passivos e atrasados, agradecidos pela iluminação trazida pelo letramento ocidental, os povos locais têm seus próprios letramentos, suas próprias habilidades e convenções de linguagem e suas próprias maneiras de aprender os novos letramentos fornecidos pelas agências, pelos missionários e pelos governos nacionais. (STREET, 2014, p. 37)

Street (2014) contesta e rejeita a chamada teoria da “grande divisão”, a qual diz que os “iletrados” são fundamentalmente diferentes dos letrados. Na prática, isso significa dizer que os iletrados são menos capazes de refletir sobre a língua, são mais passivos e menos críticos, ou seja, seriam mais carentes em relação ao grau de autorreflexão acerca da língua. Outro ponto é que esses “iletrados” no plano social ficariam “atrasados” em relação aos demais letrados. No entanto, a teoria atual postulada por Street (2014, p. 41), “[...] nos diz que o letramento em si mesmo não promove o avanço cognitivo, a mobilidade social ou o progresso: práticas letradas são específicas ao contexto político e ideológico e suas consequências variam conforme a situação”. O nosso grande desafio e tarefa política é desenvolver estratégias para programas de alfabetização/letramento para que possam lidar com a variedade e a existência das diversas necessidades letradas, sendo preciso rejeitar o modelo dominante que caminha para um progresso unidirecional, lançando o olhar para o caráter ideológico em cada contexto nos mais variados letramentos.

Tendo estudado as quatro noções de letramento que constituem o objetivo da pesquisa, na análise essas noções serão tratadas como discurso. No próximo tópico, abordaremos um pouco sobre a questão do uso do termo Letramento e das abordagens múltiplas que esse termo ganhou. O foco dado é para os letramentos digitais, nos quais o suporte são as tecnologias digitais e ambientes virtuais.

## **2.5 Percorso Histórico Sobre a Temática dos Multiletramentos**

Nesta seção, discorreremos sobre o percurso histórico sobre a temática dos Multiletramentos, trazendo as contribuições dos estudos de Saito e Souza (2011) para respaldar as discussões pretendidas, abordando desde o sentido mais abrangente do termo letramento até um conceito mais definidor por assim dizer. Dentro desse diálogo, entendemos a relevância de voltar a atenção ao trabalho com os letramentos digitais, apresentado a partir das reflexões de teóricos como Buzato (2008; 2009), que trata sobre o conceito de inclusão digital, e Mey (1998), que discute as vozes que estão intrínsecas aos letramentos.

Partindo de um conceito mais abrangente de letramento – letramento como prática social – o termo “letramento” vem do inglês *literacy*, que, por sua vez, deriva filologicamente do latim *littera*, que quer dizer “letra” – (SAITO; SOUZA, 2011, p.110), entende-se que “os usos sociais e institucionalizados das TICs se configuram como práticas de Letramento Digital”. O letramento passou a ser considerado sob duas perspectivas: “num sentido restrito, o conhecimento de habilidades básicas de escrita (o que conhecemos como alfabetização) e, num sentido amplo, o conhecimento das práticas sociais relativas à cultura escrita” (SAITO; SOUZA, 2011, p. 110-111).

Há, como foi possível observar no tópico anterior, inúmeras vertentes sobre letramento, no entanto, essa pesquisa se propõe a assumir como foco de análise a vertente utilizada e defendida por Street (2014), que se trata do letramento ideológico. As abordagens do autor sobre os diferentes tipos de letramento – colonial; dominante; autônomo e ideológico – dão suporte para entender/discutir os dados dessa pesquisa. A escolha por essa abordagem se dá em razão da adequação da mesma nas novas práticas de ensino que consideram o aspecto social e os impactos éticos, políticos e sociais do uso da linguagem.

A partir do conceito de letramento apresentado até aqui, reportamo-nos à outra discussão relevante para melhor compreender como ocorre a incorporação dessas tecnologias nas práticas sociais a partir do conceito de inclusão digital utilizado por Buzato (2008).

Buzato (2008) justifica a escolha do termo inclusão como sendo uma forma mais comum de leitura e interpretação. Ao tratar sobre inclusão digital o autor relata o caráter hegemônico do uso do termo, pois para ele, quando se trata de inclusão, de um modo geral, se fala de um lugar o qual todos devem, ou pelo menos deveriam, fazer parte. Esse tipo de noção cria na população um processo de subalternação e inferiorização de uma classe sob a outra. A inclusão digital seria, portanto, mais uma faceta desse processo de hegemonia.

Na perspectiva do autor, os termos de inclusão ou exclusão não significam estar dentro ou fora de uma determinada cultura. Ao contrário, isso se trata de dois modos de estar no mundo. A perspectiva trazida por Buzato (2008) é a baseada na heterogeneidade (da



linguagem, da cultura, do sujeito e da tecnologia); nessa compreensão, percebemos que somos sempre iguais e diferentes um do outro e que estamos incluídos e excluídos ao mesmo tempo.

Inclusão, então, seria a possibilidade de subversão das relações de poder e das formas de opressão que se nutrem e se perpetuam por meio da homogeneização, da padronização, da imposição de necessidades de alguns a todos e do fechamento dos significados das novas tecnologias da comunicação e da informação (doravante, TIC) em função de tais necessidades (BUZATO, 2008, p. 326).

A apropriação dessas novas tecnologias baseada nessa concepção deve ser vista como uma maneira de tornar os sujeitos agentes da sociedade, como forma de transformar as relações sociais entre o sistema que rege e os que estão marginalizados. De igual modo, como se propõe este trabalho, a apropriação dos letramentos é o que faz com que os sujeitos se tornem agentes ativos na sociedade, não é meramente a aquisição da técnica, mas compreender como ele ocorre em diferentes contextos da comunicação.

A visão de inclusão digital que orienta a pesquisa de Buzato (2008) é a da sociologia do cotidiano de De Certeau (1994). Essa noção trata da questão de que os sujeitos comuns do cotidiano buscam subverter as imposições sociais de valor e de cultura. Nesse sentido, trazendo para o conceito de inclusão digital, não se trata de um sujeito meramente passivo, mas que busca agentividade. Desse modo, associando esse mesmo conceito aos estudos do letramento e ao que é realizado nessa pesquisa, ocorre justamente essa subversão das imposições sociais, o que torna os sujeitos mais reflexivos, pois ao refletir sobre as representações de letramento formamos uma consciência crítica sobre os seus usos e buscamos avaliar as reais implicações por trás das campanhas de alfabetização e letramento promovidas.

Os conceitos que orientam a pesquisa de Buzato (2008) são: a) produtores e consumidores; b) estratégias e táticas; c) lugar e espaço. Sobre o primeiro par de palavras, tanto os *produtores* quanto os *consumidores* produzem e consomem. O uso que fazemos dos discursos, bens simbólicos é o que estabelece as relações sociais. Sobre *estratégia*, De Certeau (1994) considera como uma ação do forte sobre um determinado espaço que lhe é próprio, já a *tática* seria como um conjunto de meios ou recursos empregados para alcançar um resultado favorável. Em relação ao *lugar*, diz respeito à ordem e posição a qual um elemento ocupa, e o *espaço* seria o lugar praticado. No contexto desta pesquisa, no que se refere às *estratégias* e *táticas*, percebemos que o que ocorre no âmbito dos letramentos é o mesmo, há sempre uma ação de um sujeito que representa a voz da maioria e que determina o uso do letramento com um único fim, e há aquele que por meio de táticas busca subverter a

noção única para transpor a questão a um ambiente que lhe seja necessário e favorável, algo que está presente nesse trabalho.

Um aspecto considerado por Buzato (2009) é que o letramento digital não é meramente a apropriação e uso dessas tecnologias,

Letramentos digitais são redes complexas de letramentos (práticas sociais) que se apoiam, entrelaçam, contestam e modificam mútua e continuamente nas e por meio, virtude ou influência das TIC (BUZATO, 2007), e que o fazem diferentemente em contextos culturais e situacionais diferentes (BUZATO, 2009, p. 328).

A pergunta central aqui é: no *blog* analisado, a posição e a voz do sujeito que trata a questão dos letramentos podem transformar as relações de hegemonia? Considerando o público alcançado pelo *blog Exequi* é possível que os impactos sejam de grandes proporções.

Em grande parte da coleta de dados vimos que estes consideram como letramento somente a apropriação técnica, ideia que se enquadra dentro da abordagem autônoma de letramento, que por si só é capaz de inserir o sujeito “incluído” no mercado de trabalho com um discurso de modificação dos perfis e das realidades ali encontradas na comunidade. Os usos sociais que esses sujeitos fazem desses letramentos também são formas de lhes garantir uma emancipação e participação da vida social.

Assim, as noções de letramentos utilizadas por grande parte desses meios da comunicação digital não relacionam e nem tornam esses espaços em um lugar que vai além da aprendizagem das práticas educativas formais. Sendo assim, os grupos “subalternos” ou considerados “iletrados” não produzem o seu cotidiano, são somente produzidos por ele.

Mey (1998), em seu estudo, faz uso da metáfora da voz para melhor explicar o discurso do letramento. O uso da metáfora está relacionado aos discursos da sociedade, na qual cada voz individual representa um subdiscurso de uma comunidade específica.

Inicialmente, o autor apresenta uma definição primária sobre tecnologia, afirmando que “[...] pode-se definir uma tecnologia como uma ‘técnica mediadora’, um meio material que provê o acesso a alguma área da atividade ou do conhecimento humano” (MEY, 1998, p. 2). Com essa definição primária entendemos que a tecnologia, por exemplo, nos permite acessar a internet e outros conteúdos, fontes de informações e outras atividades virtuais. Contudo, aliada a essa definição, há outros efeitos que não são tão bem definidos. Para exemplificar esses outros efeitos, Mey (1998) cita um exemplo de um trecho de um Adágio do concerto para piano de Mozart em que o sentido dessa peça (uma herança cultural) foi, para nós, redefinido, através de um filme que se utilizou desse Adágio para compor sua trilha

sonora, o filme de um romance no qual um herdeiro de uma família nobre se apaixona por uma moça pobre, a Elvira Madigan. Essa história de amor culminou em um trágico fim, o duplo suicídio. Desse modo, o Adágio de Mozart ficou conhecido como o tema de Elvira Madigan como se aquele concerto tivesse sido feito pensando neste filme e nestes personagens. O que fica claro com isso é que Mozart ao fazer aquele concerto jamais o fez pensando nos outros efeitos secundários, no entanto, as pessoas acabaram dando um outro sentido à música, diferente daquele que foi proposto inicialmente por Mozart.

Foi estabelecido por pesquisadores que os efeitos *secundários* dessa nova tecnologia da consciência humana são, geralmente, mais importantes e mais amplos do que os *primários*. Como efeito primário entende-se que, como no famoso ‘exemplo do carro’, de Herbert Simon (1982), trazido por Mey (1998), ele foi feito originalmente para proporcionar às pessoas maior mobilidade, logo o efeito primário era justamente esse. Levando em consideração o mesmo exemplo citado anteriormente, o efeito secundário do uso do carro passou a ser como uma forma de instrumento de ambição, de desejos humanos, tido como um segundo lar de rodas, um instrumento para garantir um determinado status a uma pessoa e, até mesmo, como um lugar de dormir ou para se ter relações sexuais. “Enquanto que na primeira categoria do efeito, nós definimos a tecnologia, na segunda, é a tecnologia que nos define: somos aquilo que dirigimos” (MEY, 1998, p. 3).

Para entender o discurso do letramento na sociedade e suas “vozes” Mey (1998, p. 4). diz que: “o letramento é mais do que a habilidade de ler e escrever. Sem dúvida, em um sentido, o *letramento* pode ser considerado como uma forma de tecnologia em que a leitura e a escrita são os efeitos *primários* desta determinada técnica”. Sabendo que a aquisição da leitura e da escrita está numa primeira instância do letramento, quais seriam os efeitos secundários do letramento em um nível individual e na sociedade? Pois bem, tentando apresentar um direcionamento para esta pergunta, mas não uma resposta absoluta, penso que os efeitos do letramento sendo considerados em um nível individual estão para a concepção autônoma de letramento, visto que nessa concepção os efeitos secundários são meramente individuais, sem causar nenhuma transformação ou mudança na realidade social. Já no que diz respeito ao efeito secundário a um nível social, isso resultaria numa mudança do sistema, uma transformação da realidade econômica e social de toda uma comunidade ou nação, é este último que nos interessa e que devemos lutar para alcançar, este pode ser caracterizado como a noção de letramento ideológico.

Na maioria dos discursos que circulam socialmente, em primeiro lugar, consideram o letramento como um bilhete de ingresso para uma vida melhor, sendo entendida normalmente

como ocupar uma posição social mais alta, e que para fazer parte dessa minoria que “chegou lá” seria necessário entrar e incorporar essa voz, esse discurso que dita quem entra e quem sai do sistema considerado mais adequado. Assim, “[...] o letramento sempre incorpora a voz letrada de alguém, ou melhor, a voz letrada de algum agente social” (MEY, 1998, p. 6).

O letramento deve ser também o produto de uma participação ativa em alguma atividade social. Letramento significa, portanto, aprender no contexto da ação. “O letramento não é o que torna as pessoas letradas: é a maneira pela qual as pessoas funcionam no discurso da sociedade, se utilizando das suas próprias vozes” (MEY, 1998, p. 7). No letramento funcional a representação não é a “voz” da maioria letrada, mas da minoria iletrada, a voz que representa um sujeito não é a mesma voz que representa uma determinada comunidade distante da sua realidade, por isso que para que o letramento seja verdadeiramente funcional ele precisa ser situado dentro de um discurso representativo daquele sujeito.

Conforme o que foi discutido até o presente momento, é de suma importância apresentar um pouco sobre os sistemas hipertextuais, tendo como foco da discussão o *blog*.

## **2.6 Sistemas Hipertextuais: o *blog* em análise**

Para trilhar o percurso do hipertexto, esta pesquisa faz uma articulação entre as discussões e contribuições das pesquisas dos autores: Ribeiro (2006); Junqueira (2012); Gomes (2010) e Snyder (2010). Até que se chegue a uma compreensão sobre o que seja o hipertexto, faz-se necessário estabelecer algumas noções desenvolvidas ao longo dos anos por alguns teóricos. Ribeiro (2006) propõe em seu artigo uma lista de teóricos, discutindo o amadurecimento da noção de hipertexto até o momento atual, assim como faz Gomes (2010) ao trazer em seu livro um histórico do hipertexto para que melhor possamos compreender a sua presença nos dias de hoje.

Abordar questões relativas ao hipertexto não é uma tarefa tão fácil, pois o seu conceito não parece ser um consenso entre muitos pesquisadores. As concepções que serão daqui por diante apresentadas serão organizadas da seguinte maneira: primeiramente faremos um sucinto histórico acerca do surgimento do termo; na sequência apresentaremos a noção trazida por Gomes (2010; 2012), trazendo exemplos da estrutura dos hipertextos e fazendo um contraponto com a noção equivocada apresentada por Costa (2005). Por fim, apresentaremos as contribuições de Diodato (2011), que acrescentam e corroboram com as ideias de Gomes (2010; 2012).

Para alguns autores, o hipertexto, no que concerne a sua linearidade, tratar-se-ia de um texto obrigatoriamente não-linear e precisaria estar dentro de um ambiente digital, na tela, dentro do computador. Para outros, não precisava necessariamente estar em ambiente digital, bastava tão somente que fosse não-linear, mesmo estando no papel. Mas, o que de fato caracteriza e configura um texto como não-linear? Seria o leitor e suas escolhas e forma de leitura ou simplesmente o formato do texto?. Para responder a essas questões precisamos ter em mente que a maneira como o leitor vai lidar com o processo de leitura vai diferenciar bastante de leitor para leitor. É possível que leitores que, mesmo estando com um livro em mãos, e este, por sua vez, não está em um ambiente digital, decidam o seu percurso de leitura, nem sempre ele irá ler desde as primeiras páginas obedecendo à sequência da disposição das palavras e frases.

O início dos estudos sobre o hipertexto é atribuído aos estudiosos Vannevar Bush e Theodore Nelson. Após esses estudiosos, diversos outros surgiram com suas contribuições, como, por exemplo, Pierre Lévy, Roger Chartier e alguns brasileiros como Luiz Antônio Marcuschi, Antônio Carlos Xavier, Carla Viana Coscarelli e Ingedore Villaça Koch. No entanto, as contribuições as quais mais destacaremos aqui são as trazidas Gomes (2010; 2012), que, após filtrar e condensar os estudos ao longo da história, nos permite compreender de modo mais concentrado a ideia de hipertexto.

Para Gomes (2010; 2012), o hipertexto é um texto exclusivamente digital, e a sua principal diferença em relação ao texto tradicional é a presença e centralidade dos links. Por essa perspectiva, sem a presença dos links que nos permitem uma leitura descentralizada com uma ampliação, pois há a inserção de múltiplas linguagens, é impossível que haja um hipertexto. Porém, nem todo texto que se encontra em ambiente digital é um hipertexto, na maioria dos casos, apenas o sistema é hipertextual, como os sites, as plataformas digitais, um perfil de Facebook, os *blogs*, que são um sistema hipertextual hierárquico e etc., nos quais podemos perceber a presença de links **estruturais** (ver exemplo na imagem abaixo) e semânticos.

Para tornar um texto hipertextual, faz-se necessário a existência dos links que, por sua vez, só conseguimos acessar através do ambiente digital. Outro ponto importante é que somente o texto que linkamos e acessamos por meio da leitura é que caracterizam o hipertexto, ou seja, os links precisam ser convidativos, pois só assim conseguirá alcançar os seus sentidos hipertextuais. Desse modo, “em termos de texto o link é central, mas em termos de leitura o leitor é o elemento central porque é a partir dele que o hipertexto se configura como hipertexto, se ele não clicar em nenhum link, só terá lido um texto!” (GOMES, 2012).

Figura 2 - Exemplo de link estrutural



Fonte: <https://blogpropostasdeensino.blogspot.com.br>. Acesso em: 23/02/2019.

Os links estruturais que estão presentes nessa imagem podem ser observados no lado direito da tela, que aparecem nos arquivos do *blog* com a marcação dos títulos de cada postagem, a função desses links é organizar a apresentação e busca dos conteúdos publicados.

O conhecimento digital está alterando toda a organização da sociedade civil. Um exemplo claro disso é o ensino virtual amplamente difundido e acessado atualmente, como graduações e cursos online a distância. Desse modo, o processo de conhecimento se dá de modo digital, através da virtualização da educação. Nesse contexto digital, a leitura e a letra são híbridas, visto que se misturam diversas possibilidades de leitura e escrita.

O hipertexto é, de modo geral, um texto que apresenta possibilidades de diversas outras pesquisas, a partir dele é possível, por exemplo, ter acesso e conhecer o mundo através dos hiperlinks que abrem páginas com novas informações. Ela representa um sistema textual não-linear, pois não segue um padrão fixo específico. Apesar de suas formas de organização e estruturação, ele é passível de mudanças muito rapidamente porque acompanha uma evolução diária através dos avanços tecnológicos. Sobre isso, Costa (2005, p. 41) traz uma reflexão um pouco equivocada, ao afirmar que:

por tais características, a fronteira entre leitor e escritor torna-se imprecisa, pois o leitor-navegador não é um mero consumidor passivo, mas um produtor do texto que está lendo, um co-autor ativo, leitor capaz de ligar os diferentes materiais disponíveis, e escolher seu próprio itinerário de navegação, que também pode trazer seus problemas decorrentes da sobrecarga exigida, a que Marcuschi (1999) chama de stress cognitivo.

A afirmação feita por Costa (2005) faz um julgamento quase que sem fundamento ao afirmar que ser um leitor navegador por si só já garante que este leitor seja um consumidor ativo, e que, contrariamente, um leitor “comum” seria um mero consumidor passivo. No entanto, o que compreendemos é que cada um escolhe e faz o seu percurso de leitura, não existe uma regra, cada pessoa atribui seus julgamentos e reflexões a partir do que leu, inclusive realizando uma leitura não-linear através da intertextualidade com outros textos. No caso do hipertexto, este é construído com o navegador-aluno, pois, à medida que vão surgindo novas dúvidas no meio da leitura, ele pode percorrer outros caminhos acessando determinados links que os leva as novas informações, e todos esses caminhos percorridos é que caracterizam o hipertexto.

Segundo Costa (2005, p. 23), “no tempo e no espaço da rede universal ciberespacial, tudo e todos podem interagir com tudo e com todos: com pessoas, com textos, com sites, com home-pages, com a mídia, etc., em qualquer parte do mundo”. É essa característica que demonstra a volatilidade desses hipertextos. É possível notar que os novos gêneros que surgem com o advento da internet são em grande maioria provenientes de gêneros textuais já existentes, como no caso do e-mail, que é uma versão mais atual da carta pessoal.

Ainda na tentativa de conceituar e caracterizar o hipertexto, trazemos algumas reflexões desenvolvidas por Diodato (2011) a esse respeito, quando ele afirma que:

o hipertexto é aquele texto em formato eletrônico que contém botões de link, e talvez o hipertexto seja mais criativo quanto mais os botões desenvolvem uma função além da utilidade. Ou seja, quanto mais os botões constroem um sistema de relacionamentos, um sistema de links, que tendem a aumentar a complexidade do sentido do sistema, mais o hipertexto será dotado de qualidade estética (DIODATO, 2011, p. 174)<sup>3</sup>.

Desse modo, seguindo o raciocínio de Diodato (2011), o hipertexto é visto como um sistema de relações que possui como aspecto central a *hipermodalidade* e a *multilinearidade*. Não se trata de um texto meramente fragmentado, mas da construção de sentidos através da conexão entre elementos variados, sejam verbais ou não verbais, sendo que quanto mais criarmos relações dentro desse sistema maior será o nível de complexidade do sentido do hipertexto. Segundo esse mesmo autor, os links estabelecidos no hipertexto precisam ser fecundos. Os enlaces feitos pelo hipertexto na *web* são finitos por seus efeitos quantitativos,

---

<sup>3</sup> **Citação original:** El hipertexto es ese texto en formato electrónico que contiene botones de enlace, y quizás el hipertexto es más creativo cuanto más los botones desarrollan una función más allá de la utilidad. Es decir, cuanto más construyen los botones un sistema de relaciones, un sistema de nexos, que tienden a aumentar la complejidad de sentido del sistema, tanto más el hipertexto estará dotado de cualidad estética. (DIODATO, 2011, p. 174)

porém infinitos do ponto de vista do usuário, pois os seus limites ou fronteiras se fluidificam e derretem continuamente no jogo da navegação (DIODATO, 2011, p. 178).

“A rede é um conjunto em contínua expansão que modifica e ao mesmo tempo é modificado por seus usuários” (DIODATO, 2011, p. 179)<sup>4</sup>. Considerando o hipertexto como um ciberespaço, Diodato (2011, p. 180) argumenta que é um lugar de integração em que o olho toca o ambiente e a mão vê as coisas em uma contínua reversibilidade, ou seja, é o olho que desempenha a função de entrar em contato com o ambiente virtual, ao contrário das mãos quando se toca em um objeto (um livro, por exemplo); e as mãos, nesse aspecto, desempenham a função de acessar os conteúdos por meio dos cliques.

O surgimento das tecnologias nos permite estar imersos no mundo hipertextual, contudo, isso não significa que saibamos lidar com ele. No ciberespaço, leitor e autor se confundem, se inter cruzam, pois ao mesmo tempo que escrevem eles leem e editam seu próprio texto ou, à medida que leem uma publicação, eles têm a oportunidade de comentar e acrescentar ao que foi escrito por outrem.

Vale ressaltar também que, com o avanço das tecnologias, os alunos passam a ler e produzir de modos diferentes que não somente pelos livros impressos ou pela escrita, pois os textos passaram a ganhar cor, movimento, forma, textura, enfim, é construído de uma forma multimodal, uma vez que produz sentidos através das diversas linguagens, verbais, visuais e sonoras usadas concomitantemente. A leitura ganha uma nova conotação, pois já não se trata mais daquela leitura horizontalizada, e sim verticalizada em decorrência dos novos hábitos e suportes como a tela do computador, smartphone ou tablets. Nesse sentido, nossa sociedade carece de mais informações para a educação voltada para esses novos parâmetros sociais, considerando sempre essa cultura híbrida e essa multiplicidade de linguagens advindas, principalmente, a partir da *web 2.0*.

Diante de todas essas discussões, compreendemos que a construção de sentidos feita pelo leitor não vai ser linear nem em textos tradicionais, nem em hipertextos.

---

<sup>4</sup> **Citação original:** “La red es un conjunto en continua expansión que modifica y al mismo tiempo está modificado por sus usuarios” (DIODATO, 2011, p. 179).



### 3 METODOLOGIA

Nesta seção apresentamos os processos levados em conta para a geração de dados ou processo de investigação, à luz da abordagem netnográfica de pesquisa. Os procedimentos metodológicos são fundamentados em duas frentes: uma investigativa e outra propositiva. Para a primeira, foram realizados procedimentos de geração de registros – pesquisas nos sites, blogs, plataformas etc., feitas diretamente pela pesquisadora, à luz da etnografia virtual – e análise dos dados, com a perspectiva dialógica-discursiva para estudo da linguagem de inspiração bakhtiniana. Para a segunda, foi realizada a elaboração de um *blog* a partir dos estudos sobre hipertexto. Dessa forma, a presente seção está organizada em cinco partes. No tópico 3.1, apresentamos a área da Linguística Aplicada (doravante LA) como forma de situar a presente pesquisa nesse campo do conhecimento. Para tanto, elencamos os objetivos e as características gerais da LA, tais como as noções de língua/linguagem; de sujeito; e de objeto de estudos. Entendemos ser relevante discutir alguns desses princípios da LA, uma vez que eles ajudam a lidar com o problema desta investigação, presentes nas seguintes questões de pesquisa: 1) Quais discursos de letramento circulam nos principais agentes e meios de comunicação digital no *blog Exequi*? 2) Que discursos sobre educação estão subjacentes nessa esfera jornalística da comunicação? Em que medida a presença circulante desses discursos pode contribuir para o enfrentamento da questão do letramento de grupos sociais não familiarizados ou pouco familiarizados com práticas de leitura/escrita considerados relevantes para a educação formal? 3) Quais ações propositivas podem ser tomadas no sentido de inserir novos posicionamentos na discussão na esfera da mídia educacional?. Na tópico 3.2 evidenciamos o espaço de pesquisa, situando a cibercultura como lócus de interação com o social, portanto ideológica. No subitem 3.3 trazemos os procedimentos teórico-metodológicos da abordagem de pesquisa netnográfica. No item 3.4 discutimos a metodologia utilizada para a geração/seleção dos dados analisados; e, por último, descrevemos a metodologia utilizada para analisar os dados previamente selecionados.

#### 3.1 A Natureza da Pesquisa

Nesta subseção, apresentamos a pertinência da LA como fundamentação para se pensar o problema da tecnologia e educação. Este trabalho de dissertação está concentrado nesse campo de estudos, que tem como “[...] objetivo fundamental a problematização da vida

social, na intenção de compreender as práticas sociais nas quais a linguagem tem papel crucial.” (MOITA LOPES, 2006, p. 102). A LA como campo de investigação surgiu na segunda metade do século XX, inicialmente trazendo concepções mais positivistas, por influência da ciência cartesiana. Somente nos fins do século XX e início do século XXI a LA ganhou uma conotação de pesquisa mais qualitativa e interpretativista. Nesse entendimento, compreende-se que na LA a teoria ilumina/problematiza a prática e vice-versa.

De acordo com Pennycook (2006, p. 67), a LA é compreendida como um conhecimento “transgressivo”, ou seja, que se apresenta como um modo de pensar e de fazer pesquisa sempre “problematizador”. Por se tratar de um campo do saber com base nas Ciências Sociais Humanas, utilizando-se para isso de diversos saberes que, articulados, contribuem para dar conta do objeto de pesquisa, a LA “busca analisar e interpretar as práticas sociais, por meio das práticas discursivas”, criando “inteligibilidades” (MOITA LOPES, p. 20) para questões de uso da linguagem nas práticas sociais. Moita Lopes (2006, p. 25) fala da LA como um espaço de construção de conhecimento “mestiço e ideológico”, pois é misto tanto em suas teorias como em suas metodologias.

A presente pesquisa adota essa linha epistemológica, pois ela irá possibilitar olhar para o problema levando em consideração o caráter ideológico, transdisciplinar e o modo de fazer pesquisa que é assumido nessa corrente teórica. Considerando a abordagem social dos letramentos, tal qual será aprofundada mais adiante nesta seção, com apoio em Street (2014), é relevante recuperar as características da LA, pois elas ajudam a lidar com o problema de pesquisa deste trabalho e a lidar com a natureza dinâmica e viva da língua cujo sentido acontece na articulação com e entre os sujeitos.

O sujeito é entendido como um “sujeito situado” (MOITA LOPES, p. 27), pois ele fala de um determinado contexto social, político e ideológico, e fala para alguém sobre algum aspecto do mundo. Sobre a caracterização do “sujeito social da LA”, de acordo com Bakhtin (1997), esse é um sujeito que sofre determinações, mas encontra espaço para resistência, ele é também, de acordo com Moita Lopes (cf. 2006, p. 102), um sujeito de natureza “fragmentada, heterogênea, contraditória e fluida”. É um sujeito que problematiza os constructos sociais, e que se constitui num espaço polifônico, que cria possibilidades com responsabilidade.

Na interface desta reflexão com os estudos de viés social, enquanto sujeito pesquisador, encontramos-nos no espaço da resistência, pois mesmo estando imersos nas determinações sociais que ditam o que é válido e façam mão de uma visão única sobre letramento, trazemos neste trabalho a possibilidade de problematizar as diferentes concepções

acerca do tema, apresentando as diferentes vozes encontradas nos documentos, dialogando com as concepções encontradas nos sites e blogs analisados.

A “língua aqui é tida como ação”, pois é através dela que construímos a realidade. Encarar essa visão de língua transforma e orienta completamente o nosso fazer pesquisa e a nossa conduta pedagógica. Dependendo da visão de língua com que o professor-pesquisador encara as suas práticas, pode ser mais interativa e subjetiva ou mais mecânica e objetiva, preocupada apenas em transmitir o conhecimento sem haver uma interação entre os sujeitos na produção de saberes.

O objeto da LA, portanto, tem como principal característica a “hibridez”, pois sendo um objeto complexo, exige que se utilize de diversas áreas do saber de forma que atenda sua complexidade e responda todos os seus questionamentos. É preciso, assim, que “os saberes criem uma configuração que responda à expectativa humana”. Para isso, é necessário ter uma compreensão de si e do outro. Portanto, o que se busca com esses estudos é a “renarração da vida social da maneira como ela se apresenta” na intenção de compreender as práticas sociais nas quais a linguagem tem um papel crucial. Nesse sentido, a LA se caracteriza como um campo marcado pela hibridez e mestiçagem teórico-metodológica.

O foco da pesquisa em LA não está centrado no produto final ou resultados, mas, considera toda pesquisa como “processual”, importando neste caso como se dá o processo de construção do conhecimento e não o fim em si.

Tendo em vista as características apresentadas acima sobre a LA, começamos a refletir sobre o nosso modo de fazer pesquisa e questionamo-nos: para quê e para quem faço pesquisa? É no tocante a esses questionamentos que conduzimos nossas reflexões neste trabalho. Tudo isso nos leva a pensar sobre como esta pesquisa poderá contribuir para a mudança ou transformação social dos sujeitos para quem eu faço pesquisa.

E para falar a respeito dos sujeitos a quem destino todo meu empreendimento de pesquisa – sujeitos que buscam uma maior reflexão sobre a língua e suas bases teóricas – percebemos que se trata de uma pesquisa realizada no contexto da cibercultura, e que as reflexões e problematizações aqui desenvolvidas contribuirão, em um contexto mais amplo, para a geração de conhecimentos teóricos acerca dos letramentos, o que possibilitará mais insumos para os pesquisadores e docentes.

Por não haver conhecimento desligado da cultura e por entender que os sujeitos são situados historicamente é que a LA se apresenta como um campo de grande contribuição nos Novos Estudos do Letramento, pois esse campo traz como foco a produção e reflexão de bases teóricas, permitindo uma reflexão sobre as noções de letramento. Aliando-se essa

crítica ao modelo autônomo e ocidentalista de letramento, Moita Lopes (2006) empreende uma crítica ao modo de fazer pesquisa ocidentalista que por muito tempo tem provocado um apagamento/marginalização de outras lógicas de vida e modos de produzir conhecimento. A noção ideológica de letramento está sendo utilizada como argumento base de toda a teoria que conduz esta pesquisa. No próximo tópico, abordaremos os aspectos da cibercultura que constitui o nosso espaço de pesquisa.

### 3.2 O Espaço de Pesquisa: a cibercultura

O contexto de pesquisa que emerge este trabalho é a cibercultura. Para o entendimento desse contexto, embasamo-nos no trabalho de Lemos (2010) que trata esse conceito como um processo amplo da relação entre técnica e sociedade. A respeito do surgimento da cibercultura, Lemos (2010, p. 16) aponta que:

ela nasce nos anos 50 com a informática e a cibernética, começa a se tornar popular na década de 70 com o surgimento do microcomputador e se estabelece completamente nos anos 80 e 90 com as redes telemáticas, principalmente com o boom da internet.

Há, nesse contexto, um entrecruzamento dos artefatos tecnológicos e a vida social, é um universo cibernético cultural que coexiste com a vida social, operando dentro dos seus limites territoriais. A cibercultura abraça um conjunto de campos ou tipos culturais específicos, como o “*cyberpunk*, cibersexo, ciberespaço, *cypherpunks*, cibermoda, cibereconomia, *ciber-raves*, etc.” (LEMOS, 2010, p. 17-18). Nessa compreensão, o autor defende que a cibercultura é uma forma cultural da tecnologia contemporânea e, por isso, é composta por relações complexas com o social. O mesmo autor também defende que a tecnologia deve fazer parte da cultura, já que ela é constitutiva do homem.

A cibercultura assume um caráter digital, imediato multimodal, rizomático e, portanto, requer uma transversalidade, uma descentralização de poder, uma interatividade. Nela, o que acontece é uma multiplicação dos polos de emissão em função de uma comunicação multidirecional, potencializando a presença de múltiplas vozes e visões que se afirmam ou se opõem. Esse aspecto da cibercultura põe fim ao espaço homogêneo e delimitado por fronteiras de tempo e espaço. Isso marca um novo tempo nos modelos de comunicação.

Lemos (2010) nomeia esse novo modelo comunicacional de modelo informatizado,

[...] cujo exemplo é o ciberespaço, é aquele onde a forma do rizoma (redes digitais) se constitui numa estrutura comunicativa de livre circulação de mensagens, agora não mais editada por um centro, mas disseminada de forma transversal e vertical, aleatória e associativa. A nova racionalidade dos sistemas informatizados age sobre um homem que não mais recebe informações homogêneas de um centro “editor-coletor-distribuidor”, mas de forma caótica, multidirecional, entrópica, coletiva e, ao mesmo tempo, personalizada (LEMOS, 2010, p. 80).

Nesse sentido, as informações não aparecem mais de forma homogênea, mas estão marcadas por múltiplas textualidades, pois a cibercultura está intimamente relacionada à dinâmica da sociedade contemporânea caracterizada como uma “cibersocialidade” (LEMOS, 2010, p. 80). Nessa compreensão, entende-se que as tecnologias digitais criam novas formas de sociabilidade, ou seja, ela não permite que o indivíduo esteja sozinho, mas permite criar vínculos comunitários. Um exemplo claro da atualidade sobre um vínculo comunitário criado na internet é um acontecimento festivo, evento político ou de ativismo social no qual alguns sujeitos se unem por objetivos comuns, para o compartilhamento de emoções em comum.

O ciberespaço é operante por links, portais, sítios e *home pages* que coloca o poder de emissão nas mãos das culturas digitais, a exemplo disso temos os hipertextos, que figuram como parte central deste trabalho. No mundo da cibercultura, conforme nos aponta Lemos (2010), existe uma simulação do mundo pelas tecnologias do virtual que mantém uma relação dialógica com a vida social contemporânea. Desse modo, é dentro desse diálogo com a vida social contemporânea que a cibercultura se instaura e se constrói. A seguir, abordaremos os aspectos da netnografia, a metodologia de pesquisa que orienta este trabalho.

### **3.3 A Netnografia:** por uma metodologia de pesquisa no espaço virtual

Para compreender a netnografia, que é um campo de derivação da etnografia, é preciso mencionar inicialmente a aproximação que existe entre esses dois métodos. A etnografia como processo metodológico tem sido bastante utilizada nos estudos dos Novos Estudos do Letramento, como tem denominado Street (2003), por se tratar de pesquisas que tem se preocupado mais com as práticas de leitura e escrita e seus significados para os sujeitos em contexto específicos do que com as habilidades técnicas individuais para usar a escrita (FRITZEN, 2012, p. 66). A pesquisa etnográfica se trata, portanto, de uma pesquisa autorreflexiva, que busca mergulhar nas culturas em que pesquisam.

Segundo Kozinets (2010), a netnografia é uma metodologia vastamente utilizada por profissionais de marketing. A pesquisa etnográfica é de caráter exploratório e não inclui a

verificação de hipóteses, além disso as questões de pesquisa podem ser redefinidas ao longo do processo. De modo geral, a pesquisa de base antropológica se preocupa com o particular.

A netnografia, segundo Nogueira *et al.* (2011, p. 185), é um “neologismo que designa uma abordagem metodológica para pesquisa etnográfica em ambientes virtuais, e sua aplicação no contexto educacional”. É importante lembrar que a escola não é um espaço exclusivo da educação, “a mídia, o trabalho, as comunidades, as redes sociais (informáticas ou não) e as entidades civis organizadas, entre outras, no mundo contemporâneo também educam, ou pelo menos desempenham parcialmente essa função” (NOGUEIRA *et al.*, 2011, p. 187).

Hine, (2000 *apud* NOGUEIRA *et al.*, 2011, p. 187), distinguem dois tipos de estudos da internet:

a internet, como objeto de estudo, pode ser pensada tanto como cultura quanto como artefato cultural, conforme propõe Hine (2000). Como cultura, a internet seria um espaço distinto do off-line onde se estuda o contexto cultural dos fenômenos que ocorrem nas comunidades, ou mundos virtuais, para saber o que as pessoas fazem quando estão online, considerando que os grupos sociais atuais são definidos através de seus relacionamentos e de suas conexões. [...] Já a visão da internet como artefato cultural, ou seja, como um elemento da cultura e não como uma entidade à parte, abre-nos um amplo campo de estudos sobre a inserção da tecnologia na vida cotidiana e seus impactos no cotidiano escolar.

A nossa pesquisa entende a internet enquanto cultura, e busca interpretar o contexto cultural dos fenômenos sociais e de linguagem, dos posicionamentos a respeito do conceito de letramento que ocorrem em espaços virtuais para que com isso se possa compreender o que as pessoas fazem/pensam sobre letramento quando estão online.

Nogueira *et al.* (2011, p.187) apoiando-se em outros estudos importantes diz que: “pesquisar a internet como cultura ou como artefato cultural implica migrar para outro espaço e outra cultura, a cibercultura que, nas palavras de Rocha e Montardo (2005), é a matriz de sentidos dos nossos tempos”. Essa migração é o que ocorre quando se faz pesquisa online, tentamos conhecer, mesmo que de modo abstrato, o que pensam os sujeitos que produzem tais discursos de poder.

A web é entendida como um não-lugar, um espaço que não é antropológico, o que a diferencia da etnografia tradicional, que considera o espaço antropológico. “A etnografia é uma metodologia de pesquisa originária da antropologia, que está intimamente relacionada com o conceito de cultura”. Originou-se nos fins do século XIX a sua essência que permanece

até os dias de hoje está baseada no “estudo cultural através de uma imersão profunda no grupo que está sendo estudado” (ROCHA; MONTARDO, 2005, p.188).

Algumas posturas precisam ser levadas em conta no fazer pesquisa netnográfica. Conforme aponta Nogueira *et al.* (2011, p. 189):

a netnografia mantém as premissas básicas da tradição etnográfica levantadas a partir dos trabalhos de Geertz (2001), a saber: manter postura inicial de estranhamento do pesquisador em relação ao objeto; considerar a subjetividade; considerar os dados resultantes como interpretações de segunda e terceira mão; e considerar o relato etnográfico como sendo de textualidades múltiplas.

Nogueira *et al.* (2011) citando as reflexões dos pesquisadores Geertz (1989 *apud* HERRERA; PASSERINO, 2008, p.190):

[...] explica que a netnografia procura interpretar (é portanto, um método interpretativo) a cultura a partir de fatos observados, procurando motivações e significados, indo além de uma leitura detalhada, no sentido de uma leitura interpretativa das interações sociais, de uma *descrição densa*, como ele chama.

É por esse caráter investigativo e de observação que a netnografia compõe suas bases para compreender a realidade do outro que está disposto na rede. De acordo com Kozinets (2010), a netnografia segue as seguintes fases sobrepostas:

1. Planejamento de pesquisa
2. Entrada
3. Coleta de dados
4. Interpretação
5. Garantia de padrões éticos
6. Apresentação da pesquisa

Seguindo essas fases, nesta pesquisa foi possível caminhar por todas elas, desde o planejamento através do projeto de pesquisa até a coleta, as análises e a garantia dos padrões éticos, visto que para a utilização dos dados coletados no *blog* pedimos uma autorização para a utilização dos mesmos na presente pesquisa (esses termos encontram-se nos anexos deste trabalho). Desse modo, foi elaborado um termo de autorização que foi enviado para o respectivo e-mail da Ilona Beckskeházy. A autorização veio inicialmente de maneira informal, através de um comentário em uma de suas publicações no *blog Exequi* que fizemos

solicitando sua permissão, no entanto, não houve um retorno ao e-mail com a devida assinatura do termo. Entretanto, considerando que as informações são públicas, optamos por manter os dados gerados nesta pesquisa. Apesar de três *blogs* fazerem parte da fase exploratória dessa pesquisa, apenas o *blog Exequi* foi selecionado para a análise, tendo em vista a amplitude de questões sobre letramento e educação em suas postagens.

Ainda seguindo essa tentativa de conceitualização desses novos estudos aos quais estamos nos inserindo, Kozinets (2010, p. 5) argumenta que “Netnografia é etnografia conectada pela tecnologia, ou pela internet. A netnografia é a etnografia adaptada às complexidades de nosso mundo social contemporâneo, mediado pela tecnologia”. Com base nisso, entende-se que a netnografia surge para suprir as necessidades de uma pesquisa online, em ambientes virtuais, que não tão distantes do real, nos impulsiona para conhecer uma realidade muito mais volátil e fluida.

Para Kozinets (2010, p. 6) a netnografia é assim como a sua antecessora, a etnografia, naturalista; imersiva; descritiva; multimétodos e adaptável.

Em resumo, a netnografia segue os seguintes seis passos sobrepostos: planejamento de pesquisa, entrada, coleta de dados, interpretação, asseguramento de padrões éticos e apresentação da pesquisa. Cada um destes tópicos merece uma discussão mais detalhada.” (KOZINETS, 2010, p. 7)

Um estudo netnográfico detalhado é capaz de revelar muito sobre os gostos, comportamentos, opiniões, impressões e interações de um sujeito em ambiente virtual. A netnografia abre uma janela para as realidades desses sujeitos, mostrando como eles conduzem suas vidas, discursos e ideologias. (KOZINETS, 2010, p. 13). Para Kozinets (2010, p.191), “uma questão essencial na pesquisa netnográfica é o lugar do olhar”.

De acordo com Kozinets (1997 *apud* NOGUEIRA et al., 2011), na pesquisa netnográfica deve haver a participação acompanhada da observação cultural, de modo que o pesquisador possa atuar como um membro reconhecido pela comunidade e pela cultura em estudo. “A netnografia não difere da etnografia tradicional, a não ser pelas formas em que a imersão ocorre e pelo engajamento em que se dará, o que as tornam, porém fatores altamente diferenciados e relevante” (KOZINETS, 1997 *apud* NOGUEIRA et al., 2011, p.192).

Algumas vantagens da netnografia apontadas por Kozinets (2002) e por Montardo e Passerino (2006, p. 7) citadas por Nogueira et al. (2011, p.192) são: (1) ela pode ser conduzida mais rapidamente que a etnografia; (2) é menos dispendiosa, na medida que a coleta de dados pode ser feita via computador, através de download de material textual, sem



necessariamente, requerer o deslocamento do pesquisador; (3) pode ser menos subjetiva, já que possibilita a coleta de vários tipos de materiais.

No caso de pesquisas em *blogs* como é o objeto do texto de Montardo e Passerino (2006), e também no caso da presente pesquisa, também existe a facilidade de coletar os dados e a amplitude do armazenamento (no tempo e no espaço) que pode ser feito através dos posts e do desdobramento da pesquisa com rapidez.

A noção de tempo muda nas pesquisas em *blogs*, por exemplo, pois as postagens podem ser acessadas sem que seja preciso que o netnógrafo esteja online e presente junto aos participantes de sua pesquisa. Já em relação às desvantagens, uma questão que de certo modo limita a confiabilidade na pesquisa em ambientes virtuais é que nem sempre é possível conhecer a identidade real dos participantes, assim a veracidade das informações fica um tanto comprometida.

Kozinets (1997) utilizou quatro aspectos que sugere, que sejam considerados pelo pesquisador para o reconhecimento de uma comunidade virtual: (1) os indivíduos devem estar familiarizados entre si; (2) linguagem, normas e símbolos específicos devem ser compartilhados; (3) as identidades devem ser reveladas; (4) deve-se perceber um esforço na manutenção e preservação do grupo pelos participantes” (NOGUEIRA *et al.*, 2011, p. 194).

Considerando o suporte e “Tomando como base as ideias de Kozinets, pode-se dizer que a netnografia é diferente da etnografia tradicional porque além de ser mediada por computador, muitas vezes, os dados estão disponíveis publicamente, como é o caso de alguns sites e blogs.” (NOGUEIRA *et al.*, 2011, p. 196). Como método de análise na pesquisa netnográfica, Kozinets (1997 *apud* NOGUEIRA *et al.*, 2011, p. 196), diz que: “os discursos textuais devem ser analisados de acordo com a abordagem sugerida por George Mead (1950), segundo a qual a última unidade de análise não é a pessoa, mas o comportamento ou o ato”. Por essa perspectiva, os dados estão sendo copiados diretamente dos ambientes virtuais, e não estão sendo colocadas em valor as questões sobre a vida dos sujeitos analisados, mas os posicionamentos por eles assumidos.

A respeito da ética na pesquisa netnográfica Hine (2000 *apud* NOGUEIRA *et al.*, 2011, p. 198), diz que “um princípio básico da ética na pesquisa netnográfica é que o pesquisador não deve causar nenhum dano ou prejuízo à comunidade pesquisada ou a seus membros”. E ainda sobre os princípios éticos Nogueira *et al.*, (2011, p. 198), dizem que “[...] deve-se pedir a eles a permissão para publicação dos conteúdos coletados e analisados, mesmo os conteúdos sendo – em alguns casos – públicos, assim como deve-se garantir a confidência e o anonimato, como, aliás se faz nas pesquisas tradicionais”.

Montardo e Passerino (2006 *apud* NOGUEIRA *et al.*, 2011, p. 199) complementam com relação à ética na netnografia dizendo que é sempre bom observar a: “(1) privacidade; (2) a confidencialidade; (3) apropriação de histórias pessoais e (4) o consentimento informado. A esse respeito, nesta pesquisa se respeitará os princípios éticos conforme são estabelecidos, e se pedirá a autorização dos autores/criadores dos blogs e sites analisados, apresentando seus devidos consentimentos.

Nesta pesquisa, a análise e problematização dos conceitos de letramento presentes no blog *Exequi* possibilitam uma compreensão de como ideologias (hegemônicas) circulam no meio digital e qual o lugar social/poder que as pessoas que as produzem têm. Isso significa, em alguma medida, que os “vencedores” estariam reproduzindo suas ideias. Nesse sentido, cabe-nos pensar: qual o espaço de escrita dos “perdedores”?

Como pesquisadores, também devemos respeitar o código de ética na pesquisa, respeitando os sujeitos/instituições envolvidas na pesquisa, sem apontar as falhas, erros ou carências e sem expor o grupo que nos acolhem ou dão consentimento para realização da pesquisa.

Para situar esta pesquisa no campo do saber da Linguística Aplicada, Kleiman (2001 *apud* RODRIGUES, 2012, p. 38) “aponta a transdisciplinaridade como o referencial à luz do qual as pesquisas podem ser analisadas e as abordagens do paradigma qualitativo e interpretativo como opção metodológica para compreender os contextos de investigação em toda a sua complexidade”. Desse modo, para dar conta do objeto complexo que será construído durante a pesquisa, recorreremos a diversas pesquisas e estudos que corroborem para as argumentações e diálogos necessários.

Moita Lopes (2006) destaca que entre os contornos da linguística contemporânea estão: a reflexão contínua sobre si mesma, que lhe confere um caráter de investigação autorreflexiva; o fato de a pesquisa em LA estar situada nas humanidades e nas ciências sociais; os interesses da área que vão além da educação linguística, focalizando as práticas linguísticas; a construção interdisciplinar do objeto de investigação, em contextos variados de uso da linguagem, o que exige um constante atravessamento de fronteiras.

Com base no que foi mencionado na citação acima, esta pesquisa, estando situada na LA, faz uma constante autorreflexão sobre a metodologia de pesquisa, o processo e a conduta da própria pesquisadora mediante as análises e reflexões feitas.

Por fim, discutimos a seguir os procedimentos realizados para a geração de dados na pesquisa.

### 3.4 Os Procedimentos de Geração de Dados

Durante o processo de escolha de dados, que se iniciou por volta do mês de julho-agosto de 2017, tivemos como material inicial o acesso ao *blog Exequi* (Excelência e Equidade em Educação), no entanto esse primeiro acesso ocorreu após o contato com a rádio CBN (Central Brasileira de Notícias) uma rede de rádio brasileira pertencente ao Sistema Globo de Rádio. A partir desse contato inicial com a rádio e a audição de um dos programas – o *Missão Aluno* – apresentado pela comentarista Ilona Becskeházy, fomos levados ao seu *blog*, que se constituiu como material de interesse de análise desta pesquisa pelo fato de ela estar discutindo educação dentro da esfera jornalística; por assumir uma postura e apresentar nitidamente uma voz que firma um propósito com um tipo de língua e, conseqüentemente, está atrelado a um tipo de letramento.

Os demais sites e *blogs* surgiram após buscas na internet, o critério utilizado nas buscas era sempre pela temática dos letramentos, o que nos fez chegar a mais dois *blogs*, um da esfera institucional acadêmica, outro da esfera educacional. Nos subitens a seguir é possível mapear como ocorreu a seleção e geração de dados e a metodologia de análise.

#### 3.4.1 Metodologia de seleção de dados

Esse estudo tem como objetivo analisar os discursos sobre letramento existentes no *blog Exequi* que faz parte da seguinte esfera de circulação: a jornalística. Mas, antes de chegar a esse *blog* fizemos um levantamento de *blogs* e *sites* e um estudo/reflexão. Desse modo, a pesquisa é de cunho netnográfico. Além disso, essa pesquisa apresenta aspectos de caráter qualitativo, podendo também apresentar dados quantitativos para fins de organização dos resultados dos dados, na qual há a preocupação em coletar os dados em situações interacionais reais que envolvam os sujeitos e o gênero digital delimitado. A geração dos dados que formam o corpus foi realizada diretamente pela pesquisadora, que visitou esses espaços virtuais.

### 3.4.2 Metodologia de Análise dos Dados

O estudo ora delineado se insere nos **Novos Estudos do Letramento** (STREET, 2014). Desta forma, a abordagem, como citada no item anterior, é a **netnográfica**. Para dar corpo à análise, foi utilizado como base os estudos de Bakhtin e seu Círculo, Amorim (2003; 2009) e Buzato (2009), o qual considera que os letramentos são produtos e produtores de hibridização. O espaço/suporte escolhido para realização desta pesquisa foi o *blog*.

O levantamento, análise e reconstrução dos sentidos de letramento circulantes no *blog* possibilita-nos fazer um registro detalhado de discursos de letramento singulares. Esses constituem ações metodológicas próprias da netnografia que, nos limites desse trabalho, foram combinadas com uma abordagem dialógica-discursiva para a pesquisa em Ciências Humanas.

Nessa perspectiva, na busca por fazer um levantamento, analisar e reconstruir os sentidos de letramento, não nos será suficiente identificar nosso público real ou seus constrangimentos reais próprios daquele contexto, mas, para além disso, importa buscar as instâncias criadoras de sentido situadas sócio-historicamente. Incluímos, assim, a questão da alteridade, de acordo com uma perspectiva dialógica-discursiva de estudo da linguagem, como noção teórica de base para também dar suporte ao percurso metodológico de nossa pesquisa.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção de análise, olhamos para os dados selecionados no *blog* à luz da noção de signo ideológico proposta por Bakhtin/Voloshinov (1929/2006). Essa noção estabelece uma relação de diálogo profundo no que se refere às posições teóricas e metodológicas assumidas nesta pesquisa, pois tanto a concepção de hipertexto e letramento trazida aqui quanto à noção de enunciado estão no mesmo cerne ideológico. Assim, tanto a parte verbal dos dados quanto a parte estrutural e composicional do hipertexto [o *blog*] serão interpretadas considerando o seu aspecto ideológico, dialógico e a relação entre a tecnologia e o social [contexto da cibercultura]. Como primeiro ponto de discussão, no tópico 4.1 trazemos um pouco sobre como está sendo a minha experiência de pesquisar na internet, as dificuldades apresentadas no momento da busca e seleção dos dados; Em seguida, no tópico 4.2 apresentamos um histórico sobre a origem e tipos de *blogs*. No tópico 4.3 discorremos a respeito da multimodalidade no *blog*. No item 4.4 apresentamos o recorte e seleção feito dos dados analisados. No tópico 4.5 apresentamos a análise do *blog* escolhido; e, por fim, no tópico 4.6 apresentamos a proposta da criação-ato do *blog Diálogos sobre Letramentos* como parte propositiva deste trabalho.

### 4.1 Percursos de Pesquisa: estar na internet

Em uma busca geral na internet a respeito das questões de letramento percebemos primeiramente a dificuldade na busca pelo fato de acessar primeiramente os sites e *blogs* que já tínhamos em mente. Na tentativa de expandir os dados vimos que na maioria dos sites da esfera governamental, principalmente no que diz respeito aos programas de alfabetização, a ideia à qual se filia a maioria dos textos e discursos é a noção de letramento autônoma, pautada na alfabetização e tendo como base uma cultura etnocêntrica e hegemônica. No entanto, em alguns *blogs* que discutem a temática específica sobre os letramentos já incorporam e trazem em suas reflexões as contribuições de autores como Street (2014), Kleiman (2001), Soares (2005), entre outros.

É justamente essa diversidade que analisamos. Levando em consideração que os autores que discutem essa concepção mais crítica e ideológica, que é aquela que visa a transformação social, são provenientes de pesquisadores que trabalham no ramo da comunicação e linguagens em universidades. Já os que se filiam à linha mais autônoma apresentam estudiosos que escrevem para sites que, em alguns casos, possuem patrocínios de

entidades públicas ou privadas levando sempre ao centro das discussões exemplos de práticas de letramento “ideais”, que por terem transformado a realidade de um único indivíduo ou uma única realidade de uma comunidade específica, deve ser tomado como universal e adequado.

Algo que foi levado em conta num primeiro momento de análise e reflexões foi o fato de apenas observar a questão do conteúdo de umas postagens e publicações, com pouca descrição e análise geral dos sites e *blogs*.

O discurso da mídia deixa implícita a noção de que todos os sujeitos têm acesso às mesmas oportunidades e tudo vem de forma igual para todos. Esse discurso não estaria escondendo um posicionamento socioideológico que transfere para os cidadãos uma responsabilidade de política educacional que é do Estado? Em outras palavras, os sentidos circulantes pela mídia nos fazem crer que quando não alcançamos nossos objetivos a problemática é de ordem cognitiva e individual, e não de uma política pública para a educação. Isso torna clara a visão autônoma de letramento, segundo a qual é cada um por si, sem a dependência da coletividade. Ocorre mais ou menos o seguinte, alguém conseguiu alcançar seu sucesso profissional, porém o cenário social não muda, o sistema continua excludente e a desigualdade social permanece igual. Isso não se caracteriza como uma mudança, apenas mascara a realidade de forma a isentar todo o sistema social da culpa e atribuí-la aos sujeitos que se encontram marginalizados.

Segundo Pereira e Gomes (2017, p. 4): “a língua é uma unidade heterogênea por excelência, mas ela sofre forças de natureza ideológica (forças centrípetas) evidentemente ligadas às classes dominantes qualquer que seja a época em questão, fazendo pressão em direção a uma unificação”. Nesse sentido, essa unificação da língua desconsidera sua diversidade dialógica. Compreendemos, então, que a voz presente nesses novos letramentos possui uma voz com uma força centrífuga, ou seja, traz consigo uma mistura cultural e ideológica.

Nesse sentido, o que essa pesquisa faz é “mapear a rede semântica e a episteme em jogo, necessariamente sustentados por uma multiplicidade de vozes, sistemas de valoração, discursos e regimes de verdade” (FABRÍCIO, 2006, p. 59). A própria pesquisa já é uma “reação” a determinadas práticas, dentro de uma determinada agenda ética.

No próximo tópico apresentamos um percurso sobre a origem dos *blogs* e identificamos alguns de seus tipos.

## 4.2 Um Percorso sobre a Origem e os “Tipos” de *Blog*

Um *blog* é um sítio eletrônico que permite a atualização de artigos ou *posts* em ordem cronológica inversa. O *blog* surge inicialmente com a função de Diário Virtual, uma espécie de “evolução” do gênero Diário pessoal. Uma característica central dos *blogs* é que eles agregam uma infinidade de gêneros discursivos, assumindo um papel de suporte de gêneros, assim como ocorre, por exemplo, com uma revista ou jornal. No *blog*, é evidenciada a articulação de múltiplas semioses, como emoticons, imagens, áudios, vídeos e links. É esse caráter dinâmico que constitui o *blog* como um espaço multimodal e hipertextual.

Os *blogs* trazem uma nova forma de interação e podem apresentar uma escrita colaborativa caso haja mais de um responsável para fazer as publicações. Eles também trazem um espaço para receber comentários, o que torna a escrita mais interativa. Com isso, o autor do *blog* é escritor e leitor ao mesmo tempo, pois ao passo que ele produz um texto ele edita e o lê, além de poder interagir com os demais internautas que postam comentários.

As práticas de escrita em *blogs* se assemelham em certa maneira à escrita de diários pessoais na rede, ou seja, de acesso público que permite ser visualizado por qualquer leitor/internauta. Normalmente se trata de uma escrita autobiográfica contendo observações diárias ou não.

Para situar a ocorrência dos *blogs*, Komesu (2005, p. 111), explica que:

os *blogs* surgiram em agosto de 1999 com a utilização do *software* Blogger, da empresa do norte-americano Evan Williams. O *software* fora concebido como uma alternativa popular para publicação de textos *online*, uma vez que a ferramenta dispensava o conhecimento especializado em computação.

Ainda sobre essa origem dos *blogs*, Marcuschi (2005, p. 60) comenta que:

a expressão *blog* surgiu no final de 1997 e diz a lenda que o termo foi cunhado por JornBrager [...]. O termo surgiu a partir de duas palavras: **Web** (rede de computadores) e **log** (uma espécie de diário de bordo dos navegadores que anotavam as posições do dia). Daí a expressão **weblog** que se popularizou na abreviação **blog**.

Os *blogs* funcionam como diários pessoais datados e apresentam seus relatos cronologicamente em que as pessoas podem compartilhar seus gostos, opiniões e impressões sobre algo ou determinado assunto, também pode ser tido como meio de investigação pedagógica.

Nesse sentido, percebemos que houve um desvio dos interesses do criador da ferramenta, neste caso, as funções dadas a ela foram estabelecidas pelos próprios usuários/escreventes.

A prática de escrita no *blog* é vista como um exibicionismo da vida privada. No entanto, depende dos interesses do blogueiro, da escolha dos conteúdos que serão compartilhados. Essa ferramenta pode aparecer com um papel de divulgação de marcas, venda de produtos, dicas de receita e assim por diante.

Existem algumas espécies de *blogs*, os denominados “pessoais” de modo geral possuem uma linguagem informal; os mais especializados como os *blogs* educativos que têm como interesse o ensino e/ou a divulgação de trabalhos e pesquisas científicas possuem uma linguagem mais formal, *blogs* de cunho religioso, de decorações, de moda, de notícias.

Segundo Miller e Shepherd (2009, p. 62), para iniciar uma análise sobre *blogs* é necessário responder a algumas perguntas, tais como:

por que o ato de *blogar* tornou-se popular de forma tão rápida e generalizada? O que motiva alguém a começar e continuar um *blog*? A que público(s) o *blogueiro* se dirige? Quem realmente lê *blogs* e por quê? Em suma, que trabalho retórico os *blogs* executam e para quem? E como os *blogs* executam esse trabalho? Que características e elementos tornam o *blog* reconhecível e funcional?

Os chamados *blogs* pessoais contêm relatos em que o autor registra seu cotidiano, seus sentimentos e impressões, faz críticas e comentários sobre o que acontece a sua volta. Esses relatos costumam ser chamados de diários virtuais. A diferença básica entre esses diários e o diário íntimo é que eles não são secretos, ou seja, estão acessíveis a qualquer internauta.

O *blog* em análise, o *Exequi*, apresenta uma mistura de *blog* pessoal, corporativo/organizacional/temático, no qual prevalecem a circulação de gêneros jornalísticos relacionados à temática da educação. O *blog* dá a autora, em termos históricos, de uma estrutura composicional, da temática e do estilo, ou seja, nesse entrecruzamento, apresenta uma possibilidade de que uma voz monológica circule, assim, a visão da autora está fortemente marcada nas postagens e na estrutura.

Na sequência, apresentamos uma abordagem a respeito da multimodalidade no *blog* analisado.



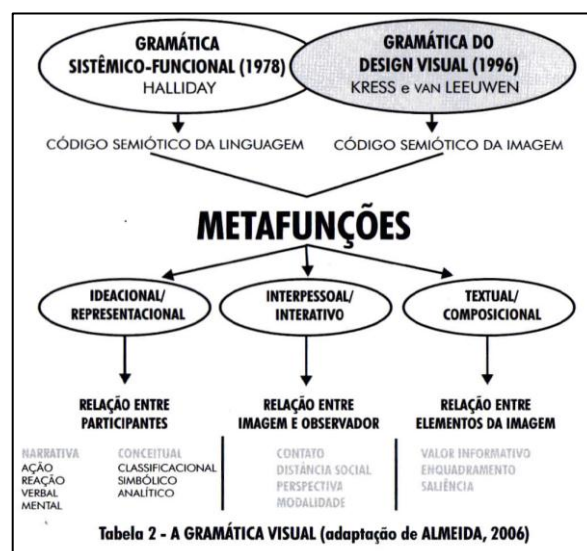
### 4.3 A Multimodalidade no *Blog*

Partindo do conceito de *blog* é necessário compreender a função da linguagem visual para a construção de sentidos nesse espaço. A linguagem visual é dotada de uma sintaxe própria (ALMEIDA, 2008, p. 9), ou seja, apresentam estruturas de organização visual que se integram ao todo para se comunicar. Kress e van Leeuwen (1996/2000 apud ALMEIDA, 2008) propõem uma análise visual de natureza funcionalista conhecida como Gramática Visual.

A grande contribuição da Gramática Visual (VG) para o campo da linguística tem sido oferecer um meio sistemático de análise de estruturas visuais via um conjunto de regras e normas formais, e desmistificar uma percepção generalizada das imagens enquanto códigos desprovidos de significados ideológicos, ao propor investigá-las em termos de suas metafunções visuais sob uma perspectiva crítico-social que entende que os elementos de uma determinada estrutura visual se correlacionam para comunicar significados política e socialmente embasados (ALMEIDA, 2008, p. 10).

A figura abaixo sintetiza o processo da análise visual, trata-se de uma adaptação da proposta de Kress e van Leeuwen feita por Almeida (2006 apud FERNANDES; ALMEIDA, 2008).

**Figura 3 – Síntese da Gramática do Design Visual**



Fonte: Fernandes e Almeida (2008, p. 12).

A função **representacional** diz respeito aos participantes e objetos, lugares e pessoas representados visualmente. Essa função está subdividida em **narrativa**, quando indica as

ações que estão sendo realizadas, e **conceitual**, quando há uma representação dos participantes de acordo com sua classe social, estrutura ou significado.

A função **interativa** está relacionada às estratégias de aproximação ou afastamento do produtor do texto e seu leitor. Nessas estratégias há a utilização de quatro recursos: o **contato**, **distância social**, **perspectiva** e **modalidade**.

Em relação à função **composicional**, os elementos representacionais e interativos precisam se integrar para que, combinados, estabeleçam um todo de sentido. Os elementos que fazem parte dessa função são: o **Valor de informação**; **Saliência** e **Estruturação**.

No *blog*, tido aqui como um suporte para diversos gêneros discursivos, encontra-se como característica marcante a multimodalidade. Na tela do computador, a disposição gráfica dos elementos semióticos contribui para a construção de sentidos. O leiaute, o texto verbal, imagens, gráficos, infográficos, vídeos, hiperlinks, todos esses elementos se unem para compor sentidos. Com base nisso, a Gramática Visual torna-se uma aliada no processo de análise da composição e leiaute do *blog* analisado.

A seguir, apresentamos como foi realizada a seleção dos dados para análise desta pesquisa.

#### 4.4 Seleção dos Dados de Análise

Os dados de análise deste trabalho foram selecionados através de uma geração de registros iniciado no segundo semestre de 2017 nos quais, por meio de uma busca mais geral de sites e *blogs* sobre educação, foi possível chegar a alguns *blogs* que, de maneira explícita ou não, em maior ou menor grau, façam circular discursos relacionados aos letramentos ou a concepções sobre letramentos.

Dentre alguns dados da busca foi considerada pertinente a escolha de um único *blog* para análise e essa escolha se deu porque a rádio CBN, a partir da qual tivemos acesso ao referido *blog*, tem um poder de audiência (é uma rádio de uma das maiores, senão a maior, das emissoras de comunicação do país – Rede Globo de Televisão – é uma das principais rádios ouvidas no país); a coluna tem uma frequência diária e, portanto, oferece um grande volume de informação, etc. Esses dados, entre outros, justificam o recorte apenas nesse *blog* para análise.

A partir disso, optamos pelo *blog Exequi* para desenvolver nossa pesquisa, e ao selecionar o *blog* da jornalista e colunista da rádio CBN Ilona Becskeházy<sup>5</sup> sentimos a necessidade de fazer um pedido de autorização de uso do seu *blog* para a análise da pesquisa, que logo foi prontamente aceito sob a afirmação do caráter público de seu conteúdo<sup>6</sup>.

O *blog Exequi* foi criado por Ilona Maria Lustosa Becskehazy Ferrão de Sousa<sup>7</sup>, que é Mestre em Educação Brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Tem dezesseis anos de experiência na direção de entidades sem fins lucrativos com projetos no setor de educação para diferentes públicos-alvo. A escritora do *blog Exequi* é também comentarista do Boletim semanal Missão Aluno da Rádio CBN e Colunista da Revista Gestão Educacional. A presença de Becskehazy no cenário da educação de língua está relacionada a sua participação na elaboração dos currículos de Língua Portuguesa e Matemática na cidade de Sobral no Ceará.

A periodicidade de suas postagens ocorre em um intervalo de pelo menos 7 dias, sendo elas elaboradas e organizadas mensalmente. Sua primeira postagem foi em 15 de novembro de 2012 e sua última postagem, utilizada nesta análise, foi feita em 03 de setembro de 2018. O *blog Exequi* está organizado de forma hierárquica, com links estruturais de entrada no menu (formando as seções) e de forma linear para o acesso às postagens de cada seção, sendo que do lado direito da tela há uma organização das postagens de acordo com cada mês do ano, seguindo a ordem da mais recente no topo para as mais antigas abaixo. Também apresenta algumas categorias em sua estrutura organizacional de arquivos publicados, que, como as categorias anteriormente citadas, se configuram como links estruturais, tais como: Gestão Educacional; Missão Aluno; Outros artigos e posts; Uncategorized e Vídeos.

Todas essas categorias são divididas por arquivos mensais e em cada publicação há espaço para enviar comentários. Também existe a possibilidade de compartilhar o post através do e-mail, do Facebook e por meio da impressão do conteúdo. O *blog* é também um meio de divulgação das notícias veiculadas pela rádio CBN no programa Missão Aluno, do qual a colunista Ilona Becskeházy faz parte.

Os dados a seguir dispostos nas tabelas apresentam na tabela 1 o quantitativo de publicações por categoria e por ano no *blog Exequi*, ao todo se somam 104 postagens.

---

<sup>5</sup> Endereço do *blog* da jornalista Ilona Becskeházy: <https://exequi.com/author/exequiadmin/>.

<sup>6</sup> Essa autorização está disponível nos anexos deste trabalho.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5985924296697171>.

Tabela 1 – Quantitativo de *posts* por categoria e por ano no blog *EXEQUI*

Categorias	Posts por categorias	Publicações por ano	Quantidade de publicações por ano
Gestão Educacional	3	2012	1
Missão Aluno	9	2013	6
Outros Artigos e Posts	3	2014	18
Uncategorized	91	2015	14
Vídeos	2	2016	32
		2017	22
		2018	11

Obs.: 4 dos posts foram publicados em duas categorias ao mesmo tempo.

As categorias apresentadas na tabela – Gestão Educacional, Missão Aluno, Outros Artigos e Posts e Uncategorized – são as mesmas apresentadas no blog como forma de organização dos conteúdos publicados. As publicações são feitas mensalmente e alguns dos arquivos mensais concentram de uma até seis publicações. Além dos arquivos mensais, existe o *post* de apresentação do *blog*. A categoria sobre *Gestão Educacional* apresenta publicações que discutem acerca do currículo na educação. A categoria *Missão Aluno* trata sobre currículo, tecnologia e educação, divulgação dos resultados da ANA (Avaliação Nacional da Alfabetização) 2013; e sobre o Pronatec. Em *Outros Artigos e Posts* encontram-se a divulgação de livros e a recomendação de leituras. Já a categoria *Uncategorized* apresenta um conjunto de publicações que não têm um assunto específico por se tratar de conteúdos diversos, tais como questões políticas, currículo e formação docente. Por fim, na categoria *Vídeos* há 2 posts com links divulgando entrevistas e matéria de televisão.

Tabela 2 – Quantitativo de *posts* mensais no blog *Exequi*

continua

Arquivos mensais	Quantidade
Novembro de 2012	1
Janeiro de 2013	1
Abril de 2013	2
Mai de 2013	1
Julho de 2013	1
Novembro de 2013	1
Janeiro de 2014	1
Março de 2014	2
Julho de 2014	1
Agosto de 2014	1
Setembro de 2014	6
Outubro de 2014	3
Novembro de 2014	2
Dezembro de 2014	2
Março de 2015	3
Agosto de 2015	1
Outubro de 2015	4
Novembro de 2015	4
Dezembro de 2015	2
Janeiro de 2016	3
Fevereiro de 2016	3
Mai de 2016	4
Junho de 2016	3
Julho de 2016	1
Agosto de 2016	4
Setembro de 2016	4
Outubro de 2016	5
Novembro de 2016	2
Dezembro de 2016	3
Janeiro de 2017	4

Tabela 2 – Quantitativo de *posts* mensais no blog *Exequi*

Final

Arquivos mensais	Quantidade
Março de 2017	2
Abril de 2017	3
Mai de 2017	3
Junho de 2017	1
Agosto de 2017	2
Setembro de 2017	1
Novembro de 2017	3
Dezembro de 2017	3
Janeiro de 2018	1
Fevereiro de 2018	1
Março de 2018	2
Abril de 2018	2
Mai de 2018	3
Agosto de 2018	1
Setembro de 2018	1
<b>TOTAL</b>	<b>104</b>

Dada a apresentação inicial sobre a organização estrutural do *blog*, a seguir apresentamos a análise-dialógica dos dados.

#### 4.5 Análise Dialógica-Discursiva do *Blog Exequi*

Para iniciar a análise, escolhemos o link introdutório do *blog* denominado *Apresentação*. Contudo, antes de falar a respeito do conteúdo da apresentação, chamamos a atenção para o título e subtítulo do *blog* presente na figura a seguir.

**Figura 4 – Interface inicial de apresentação do blog *Exequi***



Fonte: Disponível em: <https://exequi.com/>. Acesso em: 19/02/2019.

Considerando o título *Excelência & Equidade em Educação – Desenvolvimento Econômico e Justiça Social de mãos dadas*, encontramos nos vocábulos *excelência e equidade* uma circulação de dois discursos historicamente antagônicos, de um lado o discurso da lógica mercadológica, do outro a proposta educacional em relação de adesão, flagrada pela presença da conjunção aditiva “e” (na forma estilizada &), circulação essa que se confirma logo em seguida em um tipo de subtítulo do blog: *Desenvolvimento Econômico* (grupo nominal que pertence ao discurso mercadológico) e *Justiça Social* (grupo nominal que faz parte do discurso da educação de perspectiva social), novamente em relação de adesão, o que pode ser confirmado a partir da expressão adverbial *de mãos dadas*.

Analisando esse título no contexto das publicações, notamos que em diversos momentos aparece um discurso mercadológico e esse discurso implica, segundo Amorim (2009), uma impostura, pois se trata de um discurso fundado em uma única centralidade de valor, como também está intimamente ligado à noção do letramento autônomo (STREET, 2014). Essa mesma aproximação de orientações axiológicas em relação de adesão pode ser flagrada nas seguintes partes: título, texto de apresentação e em grande parte das postagens que serão apresentadas aqui.

Logo abaixo do título do *blog* aparece na sequência o texto de apresentação intitulado *Todos os brasileiros podem ser bons alunos*. Com isso, nos questionamos: será que todos os brasileiros terão oportunidades iguais? O uso do modalizador “podem” nos mostra que na verdade nem todos “chegarão lá”, pois o que fica evidente a partir da leitura do *blog* é que vai

depende de cada sujeito, por si só, ser considerado um bom aluno. Mas bom aluno para quem? Bom aluno no sentido de responder o sistema mercadológico, aquele que é imbuído de um único centro de valor sem levar em conta as suas singularidades enquanto sujeito. Trazendo para a discussão dos letramentos, seria o fato de um sujeito adquirir um único modelo como válido de forma abstrata, seria o aprendizado da língua única como valor ideológico e da presença de uma única voz.

Após o título de apresentação encontra-se disposta uma imagem contendo duas crianças, uma loira e outra negra, demarcando, com isso, a desigualdade racial e, em muitos casos, sócioeconômicas. Ambas de mãos dadas, as crianças exibidas nesta imagem de apresentação do blog também demarcam uma visão social sobre as diferenças existentes no processo de ensino e aprendizagem, na qual uma parcela considerável da população encontra-se menos privilegiada em detrimento de outra no que concerne ao desenvolvimento econômico e justiça social.

Assim, as duas crianças que aparecem na imagem mostrando apenas a parte do rosto e de um dos braços, que estão entrelaçados, apresentam uma interação entre si. Não há presença de elemento verbal na imagem, mas ela se apresenta como complemento do sentido do texto de apresentação e do título do *blog*. Há também na imagem um contato com o observador, pois os participantes da imagem fixam o olhar numa perspectiva frontal e demonstram estar alegres. Quanto ao fundo da imagem, este possui uma cor neutra, o destaque se dá prioritariamente nos participantes da imagem, cujo formato também nos lembra a forma de um balão e nos leva a pensar que a educação é capaz de levá-los a um nível de superioridade.

No texto de apresentação do *blog* podemos constatar a presença de vocábulos que unificam o discurso, presente desde o título, como veremos a seguir:



**Figura 5 – Texto de apresentação do blog da Ilona**

## Todos os brasileiros podem ser bons alunos

Este canal foi criado para facilitar o acesso a informações relevantes e atualizadas sobre políticas públicas educacionais e práticas docentes eficazes que busquem a excelência acadêmica dos alunos, sem perder de vista os desafios da equidade.

Excelência e equidade são valores que, há décadas, vêm sendo incorporados aos processos educativos e às políticas públicas educacionais de muitos países. No Brasil, não são valores muito difundidos, em particular nos meios educacionais. A excelência acadêmica apenas passou a receber mais atenção nos últimos anos por causa das transformações tecnológicas que atribuíram prestígio inédito à educação como motor econômico. E a equidade nunca foi uma característica nas relações entre os grupos sociais em nosso país. A estratificação social, com a dominação de uns grupos por outros, é uma das preferências nacionais.

Mas podemos, como muitos países fizeram durante todo o século XX, construir uma sociedade mais justa, menos violenta, mais democrática e com melhor padrão de vida, com a ajuda de um sistema educacional competente. Aqui você vai encontrar várias referências de como isso foi feito e vem sendo aprimorado em outros países. E quando acharmos boas e sólidas referências brasileiras, vamos divulgá-las aqui também.

A ilustração acima, símbolo do Exequi, mostra dois extremos opostos na hierarquia de oportunidades de aprendizagem no Brasil: as meninas brancas e os meninos negros. Uma menina branca, com o mesmo nível de renda que um menino negro, mesmo que estude na mesma escola e até na mesma classe, receberá, em média, muito mais atenção que seu colega negro. Quando o Brasil conseguir construir um sistema educacional com excelência e equidade, os dois poderão usufruir de um conhecimento poderoso, que os vai emancipar e preparar para dar contribuições valiosas para nosso País, na mesma proporção!

*Ilona Becskeházy atua desde 1996 no desenho e implementação de projetos de educação. É Mestre em Educação pela PUC-Rio, com bolsa Proex da Capes (2012/13) e bolsa Nota 10 Faperj (2013/14) e Doutoranda em Educação na USP. Atua como consultora e atualmente é colunista do boletim Missão Aluno da Rádio CBN e da Revista Gestão Educacional.*

### Arquivos

- abril 2018
- março 2018
- fevereiro 2018
- janeiro 2018
- dezembro 2017
- novembro 2017
- setembro 2017
- agosto 2017
- junho 2017
- maio 2017
- abril 2017
- março 2017
- janeiro 2017
- dezembro 2016
- novembro 2016
- outubro 2016
- setembro 2016
- agosto 2016
- julho 2016
- junho 2016
- maio 2016
- fevereiro 2016
- janeiro 2016
- dezembro 2015
- novembro 2015
- outubro 2015
- agosto 2015
- março 2015
- dezembro 2014
- novembro 2014
- outubro 2014
- setembro 2014
- agosto 2014
- julho 2014
- março 2014
- janeiro 2014
- novembro 2013
- julho 2013
- maio 2013
- abril 2013
- janeiro 2013
- novembro 2012

### Categorias

Selecionar categoria ▼

Fonte: <https://exequi.com/>. Acesso em: 19/02/2019.

No título, quando a jornalista enuncia que – **Todos** os brasileiros podem ser bons alunos – o pronome indefinido masculino que aparece no plural “todos” em destaque mascara, em certo nível, as condições de desigualdade que existem no contexto social e da educação. Esse fato não quer dizer que os sujeitos não precisam ser bons, mas que a conjuntura do sistema/ modelo político hegemônico e até mesmo a pluralidade de personalidades não permitem que todos tenham o mesmo acesso. Mais adiante no texto de apresentação a jornalista fala sobre **excelência acadêmica / educação como motor econômico / melhor padrão de vida**, todas essas sentenças caminham na direção da lógica do capital, da aquisição do letramento como fator de ascensão social, essas características estão associadas ao modelo autônomo de letramento. Na última linha do texto de apresentação a autora fala sobre **emancipar**, o que difere totalmente do discurso mercadológico que vem conduzindo suas publicações. Para Mészáros (2008, p. 15), “o objetivo central dos que lutam contra a sociedade mercantil, a alienação e a intolerância é a emancipação humana”. Desse modo, para de fato haver uma emancipação é preciso romper com as bases do capital, algo que está muito presente nos discurso da jornalista em seu *blog*.

A organização hipertextual em si do *blog* deixa pistas de uma voz que enuncia para um determinado público, que é a voz capitalista da meritocracia que fala em direção às classes mais privilegiadas, e também para aqueles que desejam se inserir dentro desse contexto excludente. Essa voz que enuncia traz marcas linguísticas nas postagens que mostram um tipo de discurso atrelado a algumas noções de letramento.

O termo *Excelência e Desenvolvimento social*, também marcado no texto de apresentação e mantido em todo o *blog*, revela um discurso capitalista da educação que conferem ao ensino uma condição para se alcançar um nível econômico mais elevado. Contrapondo essa visão, nos aponta Mészáros (2008, p. 9) que “a educação não é um negócio, é criação. Que educação não deve qualificar para o mercado, mas para a vida”. Desse modo, é necessário pensar a educação para além da lógica do capital, pois esta se fundamenta no “individualismo, no lucro, e na competição”, esse também é o fundamento do letramento colonial/dominante/autônomo discutido por Street (2014).

No *blog*, Becskeházy dá uma atenção demasiada ao PISA<sup>8</sup>, além disso, faz comparações das políticas sociais e da economia do Brasil à educação e ao mercado

---

<sup>8</sup>O *Programme for International Student Assessment* (Pisa) – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – é uma iniciativa de avaliação comparada, aplicada de forma amostral a estudantes matriculados a partir do 8º ano do ensino fundamental na faixa etária dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países. O Pisa é coordenado pela Organização para Cooperação e

americano e de outros países desenvolvidos. Movimento Escola sem Partido; escola padrão FIFA; Base Nacional Comum Curricular com conteúdos avançados para toda a população brasileira; Reforma do Ensino Médio; estes são apenas alguns dos pontos defendidos pela escritora do *blog* e do *Missão Aluno* da CBN. Outro aspecto notado é que ela utiliza sempre como exemplo de educação o município de Sobral, localizado no semiárido do Estado do Ceará (visto a sua participação na elaboração dos currículos), onde a rede de ensino público municipal apresenta os melhores resultados no Brasil. A educação de Sobral apresenta o maior índice no IDEB, considerada a melhor do país. Os escritos da autora visam à construção de um currículo “AMBICIOSO, COERENTE, CLARO E COM PROGRESSÃO!”, além de todos esses adjetivos, há a aspiração de copiar os EUA.

No *post* intitulado BNCC versão 3: avanço na alfabetização, finalmente na hora certa, publicado em 10 de abril de 2017, Becskeházy afirma aos seus leitores que:

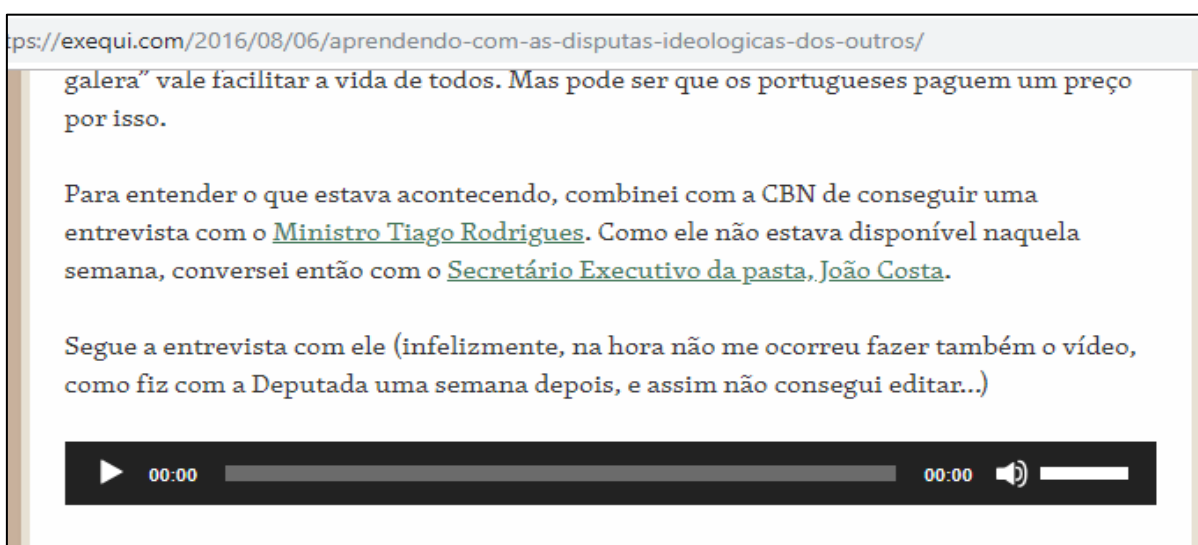
### Excerto 1

Dia 6 de abril de 2017, quinta da semana passada, finalmente tivemos o lançamento da terceira (e aparentemente, a última) versão da BNCC. Tecnicamente ainda há uns pontos que podem ser melhorados, mas politicamente foi um gol de placa. O Ministério da Educação brasileiro resolveu **aproximar de vez os alunos brasileiros de seus pares em países desenvolvidos**, um acerto histórico na definição do que se pode esperar da instituição escola em nosso País. (BECSKEHÁZY, 10 de abril de 2017, p.1, grifo nosso).

De acordo com o trecho em negrito, confirmamos que esse discurso de equidade proposto no *blog* está presente na ideia ou desejo de tornar próximos os alunos brasileiros de “seus pares” em países desenvolvidos. Tendo isso em vista, essa relação se mostra bastante desigual por querer equiparar duas realidades distintas e por considerá-las como único modelo válido. Esse discurso assume a face do letramento colonial, em que uma outra nação é eleita para impor suas práticas letradas, situando os alunos brasileiros totalmente fora do seu contexto. Essa ideia sendo tomada como impostura não pode constituir um ato, pois restringe o conhecimento a um único regime de verdade que se traduz como forças centrípetas, aquelas que partem do centro.

Dentre as postagens do blog analisadas as únicas publicações que encontramos, o uso de outras mídias foram as seguintes: um post intitulado *Aprendendo com as disputas ideológicas dos outros!* datado de 06 de agosto de 2016; e um post intitulado *Finlandês não abraça árvore para educar seus alunos!* datado de 23 de abril de 2018, conforme veremos abaixo.

**Figura 6 – Exemplo do uso de áudio no blog *EXEQUI***



Fonte: <https://exequi.com/2016/08/06/aprendendo-com-as-disputas-ideologicas-dos-outros/>. Acesso em: 23/02/2019.

O áudio publicado apresenta uma entrevista com o, até então, Secretário João Costa, de Portugal. A presença dessa mídia é marcada pela necessidade de trazer para o debate da educação vozes de autoridade em países mais desenvolvidos e mostra o interesse da jornalista em trazer para o cenário nacional essas práticas de letramento internacionais.

Na imagem a seguir Becskeházy utiliza alguns vídeos sequenciados resultado de uma entrevista com uma deputada do mesmo país. A entrevista foi dividida em quatro perguntas, cada uma delas é apresentada em um vídeo, conforme veremos a seguir.

**Figura 7 – Exemplo do uso de vídeos sequenciados no blog *Exequi***

Segue a entrevista com a Deputada, que consegui editar, separando a resposta para cada pergunta minha:

O que foi que aconteceu nas eleições de 2015, que resultou em uma situação na qual quem governa Portugal é o líder do Partido Socialista – PS – e não o do Partido Social Democrata – PSD – que ganhou as eleições?

Rita\_Bessa\_Eleicao

Quais são as principais influências externas nas escolhas e nos desenhos de política pública educacional de Portugal?

Rita\_Bessa\_Influencias

O que Portugal tem feito (nas políticas educacionais) para ter conseguido se tornar um dos países com melhor trajetória no histórico do Pisa desde 2000? (*Um relatório da OCDE de 2014 explica de forma bem abrangente as políticas e os resultados educacionais de Portugal dos últimos anos*)

Rita\_Bessa\_Historico\_Politicas

Porque é tão fácil atropelar com um discurso mais palatável algumas políticas educacionais que podem beneficiar os alunos em maior dificuldade ou risco educacional, como as avaliações e os currículos?

Rita\_Bessa\_Embate\_Discursos

A inspiração francófona tradicional a que a Deputada se refere também está radicalizando agora com o PS francês – sai o controle social dos pais e entra uma avaliação inespecífica que acomoda melhor o humor dos sindicatos. *Fiz um Missão Aluno sobre isso*. Os documentos podem ser acessados abaixo. Assim, *você mesmo pode conferir a diferença*, se ler um pouco de francês.

Fonte: <https://exequi.com/2016/08/06/aprendendo-com-as-disputas-ideologicas-dos-outros/>. Acesso em: 23/02/2019.

**Figura 8 – Exemplo do uso de vídeo único no blog *Exequi***

<https://exequi.com/2018/04/23/finlandes-nao-abraca-arvore-para-educar-seus-alunos/>

[https://en.wikipedia.org/wiki/Where\\_to\\_Invade\\_Next](https://en.wikipedia.org/wiki/Where_to_Invade_Next)

Michael Moore: "Where to Invade Next" Finland em português

**TOP SECRET**  
**NO HOMEWORK**  
**SEM TRABALHOS DE CASA**  
**ULTRA SECRETO**

O endereço para o verdadeiro segredo dos finlandeses – os seus currículos super especificados – a partir dos quais são formados seus professores e toda a cadeia de planejamento e operação pedagógica, está aqui:

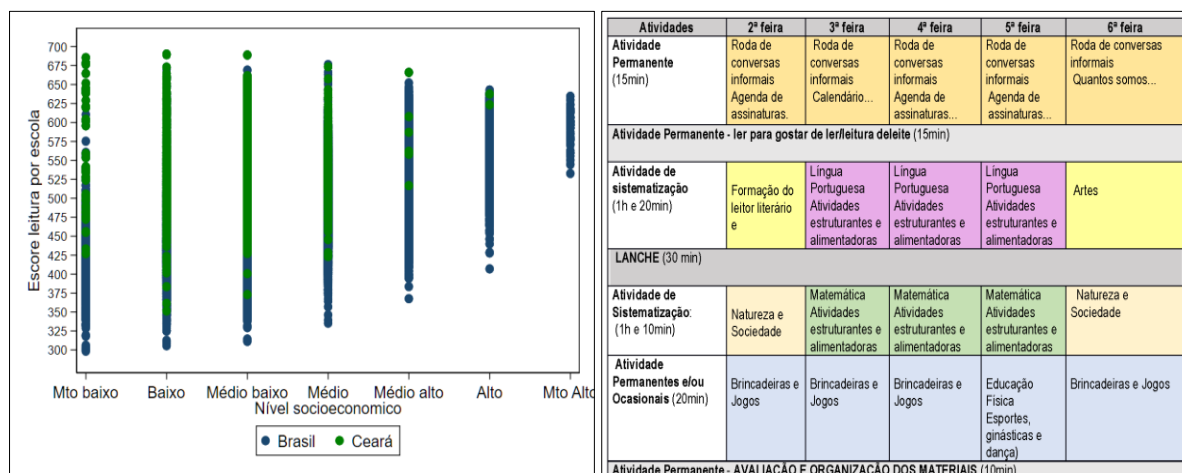
[http://oph.fi/english/curricula\\_and\\_qualifications/basic\\_education/curricula\\_2004](http://oph.fi/english/curricula_and_qualifications/basic_education/curricula_2004)

Mas aqui vai uma "palhinha" sobre o quão detalhado é o currículo na Finlândia:

Fonte: <https://exequi.com/2018/04/23/finlandes-nao-abraca-arvore-para-educar-seus-alunos/>. Acesso em: 23/02/2019.

No restante das publicações o que predomina é a presença de gráficos e tabelas, conforme veremos alguns exemplos a seguir,

**Figura 9 – Exemplo do uso de gráficos e tabelas no blog *EXEQUI***



Fonte: <https://exequi.com/2018/05/07/o-strike-do-ceara-no-analfabetismo-escolar-e-as-novidades-para-2018/>. Acesso em: 23/02/2019.

Conforme vimos, o pouco uso de mídias configura o *blog* num aspecto engessado e leitura formal e mecânica. O não aparecimento de outras vozes (contrárias?) na produção das postagens faz com que a leitura nos direcione sempre para um mesmo horizonte, olhando sempre por uma mesma perspectiva, a do letramento autônomo (STREET, 2014). Desse modo, não há uma consideração das singularidades das práticas letradas, é considerado o saber universal, fazendo com que o *blog* se torne uma impostura (AMORIM, 2009) e não um ato responsivo e responsável (BAKHTIN, 2017).

Com base nessa discussão, veremos como o *blog Exequi* em seus discursos deixa pistas de qual modelo está atrelado. Em sua constituição hipertextual, percebemos a presença de uma estrutura fechada com postagens feitas dentro de blocos com a presença constante de tabelas, quadros, com pouca presença de imagens ou vídeos que intercalem o uso de múltiplas semioses. Trata-se, portanto, de um discurso monológico, pois até mesmo a presença dos links externos nos leva a acessar ambientes que complementam e afirmam o discurso apresentado no *blog*, ou seja, não há um contradiscurso, a presença de múltiplas “vozes” (MEY, 1998) que possam, articulando, pensar sobre as diversas facetas de um mesmo assunto, como podemos perceber no print do blog a seguir:

**Figura 10 – Exemplo da funcionalidade e refração dos links**

Em 2006, nasce o “Movimento Todos Pela Educação”, com suas 5 metas para a educação brasileira. Esse “Movimento” não é uma iniciativa do Governo Federal, mas de empresas e pessoas que resolveram se juntar para cobrar do governo avanços na área educacional. O “Movimento” e o Governo Federal eram bastante alinhados, então, apesar das cobranças, o Programa de Metas do Governo para o Ministério da Educação à época tinham o mesmo nome – Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação:

“

**O Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação é a conjugação dos esforços da União, Estados, Distrito Federal e Municípios, em regime de colaboração, das famílias e da comunidade, em proveito da melhoria da qualidade da educação básica.**

Fonte: Disponível em: <https://exequi.com/2018/09/03/uma-boa-noticia-que-desagradou-os-tacanhos-de-plantao/>. Acesso em: 23/02/2019.

Ao clicar no *link* em destaque, o visitante do blog é direcionado ao documento em formato PDF sobre o Plano de Metas Compromisso *Todos pela Educação* elaborado pelo MEC. Essa voz nacional que fala sobre a melhoria da educação básica considerando o alcance de níveis de leitura e escrita traz consigo um discurso único, não considera os contextos nem a diversidade das práticas letradas. A partir disso, é notório que a presença desses *links* nos informa mais sobre o mesmo assunto, não há uma abertura dos polos de emissão. Outrossim, a presença desses *links* também reflete e refrata uma noção de língua que é oposta àquela defendida por Bakhtin/Voloshinov (1929/2006), que trata a língua como signo ideológico que reflete e refrata uma realidade. Além disso, ela é também dialógica.

Assim, “[...] o letramento sempre incorpora a voz letrada de alguém, ou melhor, a voz letrada de algum agente social” (MEY, 1998, p. 6). O letramento deve ser também o produto de uma participação ativa em alguma atividade social. Letramento significa, portanto, aprender no contexto da ação. Dessa maneira, a ação em si não estabelece um letramento social, mas quando se pensa e se reflete sobre essa ação articulando a variedade de vozes e práticas letradas. O que acontece no blog Exequi é somente uma ação, uma impostura.

O modelo de educação amplamente citado por Becskeházy, a cidade de Sobral no estado do Ceará, é recorrentemente elogiado por alfabetizar quase a totalidade dos seus alunos bem no início da escolarização. Esse modelo de alfabetização é puramente ligado ao modelo autônomo de letramento, que considera as habilidades de leitura e escrita como sendo transparentes, isentas de valores e fundamentadas em uma ideologia grafocêntrica, que podem ser transferidas de um contexto a outro (SAITO; SOUZA, 2011).

Na postagem intitulada *Aprendizado automatizado para facilitar a compreensão e habilidades cognitivas de alta ordem*, publicada em 15 de maio de 2017, Ilona Becskeházy afirma aos seus seguidores e visitantes do blog que:

### Excerto 2

[...] eu critico muito como os educadores brasileiros, de uma maneira geral, lógico (há exceções), porque eles acham que ensino para ser legal tem que ser solto, espontâneo. A questão é que essa abordagem “solta” tem amplo apoio das famílias e da imprensa. Ela é associada a adjetivos considerados positivos como ludicidade, espontaneidade, diversão na escola, modernidade (BECSKEHÁZY, 15 de maio de 2017, p.1).

Becskeházy ainda complementa seu argumento dizendo:

### Excerto 3

[...] acho que a atividade de ensino é **técnica**, para a qual é necessário preparo em ambiente universitário porque a evolução de sua prática depende da pesquisa científica séria e que o aprendizado só ocorre quando é conduzido por meio de atividades pedagógicas intencionalmente planejadas (ordem, progressão), desenhadas (o que o aluno faz e para que) e monitoradas (será que o aluno aprendeu o que eu queria ensinar?). **Eu estudo políticas educacionais, não métodos de ensino**, mas de alguma forma, óbvio, esses assuntos estão relacionados (BECSKEHÁZY, 15 de maio de 2017, p.1, grifo nosso).

Nos **excertos 2 e 3** acima a jornalista deixa claramente exposta sua confusão entre técnica e seriedade, como se o professor que elabora uma atividade que não esteja programada no currículo esteja agindo sem seriedade ou comprometimento. O que de fato não é verídico, pois há diversos modos de se trabalhar um conteúdo ou temática de acordo com os objetivos do educador. As habilidades cognitivas de alta ordem sugeridas no título do artigo mostram que esse tipo de habilidade é possível sim, mas não para todos, é possível apenas para um tipo só de aluno, para um grupo socialmente e economicamente mais favorecido em detrimento de outros. O entendimento de que **a atividade de ensino é técnica** nos mostra que esse discurso se associa ao do letramento autônomo, da ideia de língua enquanto estrutura linguística apenas, portanto denota um caráter oposto ao que será proposto com a criação-ato de um *blog*.

Nesse mesmo *post*, por exemplo, a jornalista dá exemplos de, segundo ela, 3 “pecados pedagógicos”, um deles que destacamos aqui é a palavra decodificação ser banida no contexto educacional; a apropriação da tabuada de cor pelos alunos e as decorebas em geral. A noção



discutida nesse trecho é claramente embasada em um método de letramento baseado apenas no aprendizado da leitura e da escrita, e ainda manifesta a ideia de que os sujeitos que não alcançam esse aprendizado, essa meta criada para melhorar a qualidade do ensino, passam a ser considerados sujeitos atrasado do ponto de vista social e econômico. Esse aspecto evidenciado contradiz as ideias de Street (1995/2014), que considera e trata os múltiplos letramentos.

**Figura 11 – Os 3 pecados pedagógicos apontados por Ilona**

1. **DECODIFICAÇÃO** – A palavra decodificar, ou seja, ler letra a letra, sílaba a sílaba, por partes, para depois conseguir ler uma palavra completa foi banida do ambiente educacional brasileiro. O que foi apenas um equívoco, uma moda passageira, rapidamente refutada pelas pesquisas – ler as palavras inteiras antes de aprender as letras e fonemas – aqui virou lei. Conhecer os fonemas, fazer a correspondência entre fonemas e grafemas (letras ou grupo delas) para depois passar a ler as palavras foi invertido.

Assim, não se alcança a fluência leitora, outro palavrão por aqui. A fluência não é perseguida pelos educadores, sua progressão não é medida e os alunos saem do sistema educacional sem entender o que leem porque não dominam essa fluência leitora. FLUÊNCIA É EXATAMENTE O QUE PERMITE A COMPREENSÃO DO TEXTO LIDO.

2. **TABUADA** – Aprender a tabuada de cor, para poder fazer conta de cabeça, é outro bicho Papão. A filha de uma amiga, que dá aula particular de recuperação para alunos das melhores escolas de São Paulo, me disse: os alunos vão mal em Matemática porque não sabem fazer as 4 operações de cor! O que ela diz é respaldado pelas pesquisas de como os alunos aprendem. Uma reportagem no jornal inglês *The Guardian* sobre o assunto traz várias sugestões sobre como motivar as crianças a decorar as tabuadas. Uma delas é o velho bic-bic para adivinhar o futuro das crianças transformado em advinhas de tabuada.

3. **DECOREBAS EM GERAL** – Decorar alguns conteúdos como poemas, trechos de obras, listas de verbos e dicas para reconhecer os “por + ques” também é super mal visto por educadores ditos modernos. Dou o exemplo da conjugação de verbos irregulares. É muito comum se conjugar errado o Subjuntivo, mesmo no presente, dos verbos irregulares. Por exemplo, por, medir, fazer.

Fonte: Disponível em: <https://exequi.com/2017/05/15/aprendizado-automatizado-para-facilitar-a-compreensao-e-habilidades-cognitivas-de-alta-ordem/>. Acesso em: 23/02/2019.

Na postagem intitulada *Comissão de Educação da Câmara dos Deputados debate a BNCC*, Becskházy deixa transparecer a ideia de “copiar” os currículos de países desenvolvidos sem enfatizar uma preocupação a respeito das diferenças contextuais existentes entre as duas realidades, conforme vemos no trecho seguinte.

#### Excerto 4

Ao invés de irmos **consultar os currículos** e as reformas educacionais de países desenvolvidos, para saber o que **andamos fazendo de errado** e que opções existem **para consertar**, ficamos debatendo o sexo dos anjos. (BECSKEHÁZY, 1 de junho de 2016, grifo nosso).

Nos grifos do excerto 4 verificamos novamente a necessidade expressa pela jornalista em consultar os currículos de países desenvolvidos para incorporar essas práticas letradas “de sucesso” aqui. O que fica evidenciado é que essa tentativa de incorporação marcada pelo uso do verbo no infinitivo – *consultar*, desconsidera completamente o contexto educacional e social do Brasil, que tem suas singularidades e precisam ser levadas em conta. A prática considerada ideal para ser incorporada nos currículos brasileiros é vista aqui como uma impostura e tentativa de uso de um letramento dominante/autônomo (STREET, 2014), que vê e elege uma única prática de letramento como sendo adequada a toda a diversidade de contextos socioculturais. Essa noção também se atrela à ideia de língua única como signo ideológico.

Essa relação entre currículos brasileiros e de países desenvolvidos também pode ser flagrada no excerto a seguir,

#### Excerto 5

Ao estudar muitos documentos brasileiros e **compará-los** com seus **pares desenvolvidos**, identifiquei uma série de erros sistemáticos, que organizo para nossos leitores e ouvintes do Missão Aluno da Rádio CBN. (BECSKEHÁZY, 20 de junho de 2016, grifo nosso)

A jornalista realiza estudos sobre a fundamentação teórica de documentos curriculares de países desenvolvidos e, com base neles, realiza comparações com os currículos produzidos no Brasil no intuito de fazer um planejamento escolar considerando patamares “mais altos” de rigor acadêmico.

Nesse trecho, o que é colocado como sugestão de abordagem do currículo é usar como parâmetro esses documentos internacionais, considerando-os como algo a ser perseguido para o aprendizado de alunos de uma mesma faixa etária, independente de sua origem social.

Segue na próxima página uma postagem em que foi realizada essa comparação:

**Figura 12 – Exemplo de comparações entre Brasil e os EUA no blog *Exequi***

https://exequi.com/2017/05/

Publicado em: Uncategorized

## O que pode dar errado com a BNCC se seguirmos os passos do estado de Nova Iorque nos EUA

por Ilona Becskeházy em 8 de maio de 2017 | 2 Comentários

Reportagem de Fábio Takahashi na Folha de São Paulo (Caderno Ilustríssima) de domingo, 7 de maio, faz um paralelo especulativo entre a implementação de um currículo único nos Estados Unidos a partir de 2010 e o que pode acontecer no Brasil a partir de 2019 com a obrigatoriedade de se adotar a BNCC nas escolas brasileiras.

Fonte: <https://exequi.com/2017/05/08/o-que-pode-dar-errado-com-a-bncc-se-seguirmos-os-passos-do-estado-de-nova-iorque-nos-eua/>. Acesso em: 23/02/2019.

Becskeházy, conforme já foi mencionado anteriormente, tem uma participação na construção dos currículos de Língua Portuguesa e Matemática da cidade de Sobral, no estado do Ceará, processo que durou quase dois anos para ficar pronto. A autora do blog Exequi atuava na equipe técnica da Secretaria de Educação como coordenadora, juntamente com sua outra colega do *Missão Aluno* da CBN, a Paula Lozano.

Na audição do programa *Missão Aluno* da Rádio CBN, que ocorre todas as segundas-feiras, foi discutido o tema intitulado *Política de alfabetização semelhante à de países desenvolvidos explica sucesso do Ceará* (BECSCHEHÁZY, 11 de dezembro de 2017). Segundo ela, o estado do Ceará tem uma experiência de alfabetização porque o faz de forma “correta”, pois está alinhado com currículos de países desenvolvidos, e a BNCC também segue o mesmo alinhamento, o que para ela justifica as críticas e ataques feitos à base. É devido a esse alinhamento de objetivos que a jornalista se posiciona a favor e defende fortemente a educação de Sobral e a BNCC.

Considerando o grande debate nacional a respeito da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), uma chamada do programa *Missão Aluno*, da Rádio CBN, transmitido no dia 14 de abril de 2017 chamou nossa atenção para a audição do programa intitulado *Base Nacional tem objetivos que aproximam Brasil de países mais desenvolvidos*. Nele, Becskeházy afirma que os conjuntos de habilidades e de interações em sala de aula propostos pela BNCC, de algum modo, se aproximam dos países desenvolvidos e isso seria, portanto,

um ponto plausível para a implantação da Base em escolas brasileiras. Esse fato se repete em diversas postagens que aparecem no blog analisado, Exequi.

O conteúdo produzido no blog apresenta uma clara opção de público-alvo devido a uma recorrente afirmação de que o setor educacional ainda dispõe de poucas pessoas que leem em inglês, o que dificulta a troca de informações de produções internacionais. Isso pode ser verificado ao tratar sobre a Neurociência no post *Além do currículo, a Neurociência pode salvar o Brasil de seu destino educacional medíocre*.

### Excerto 6

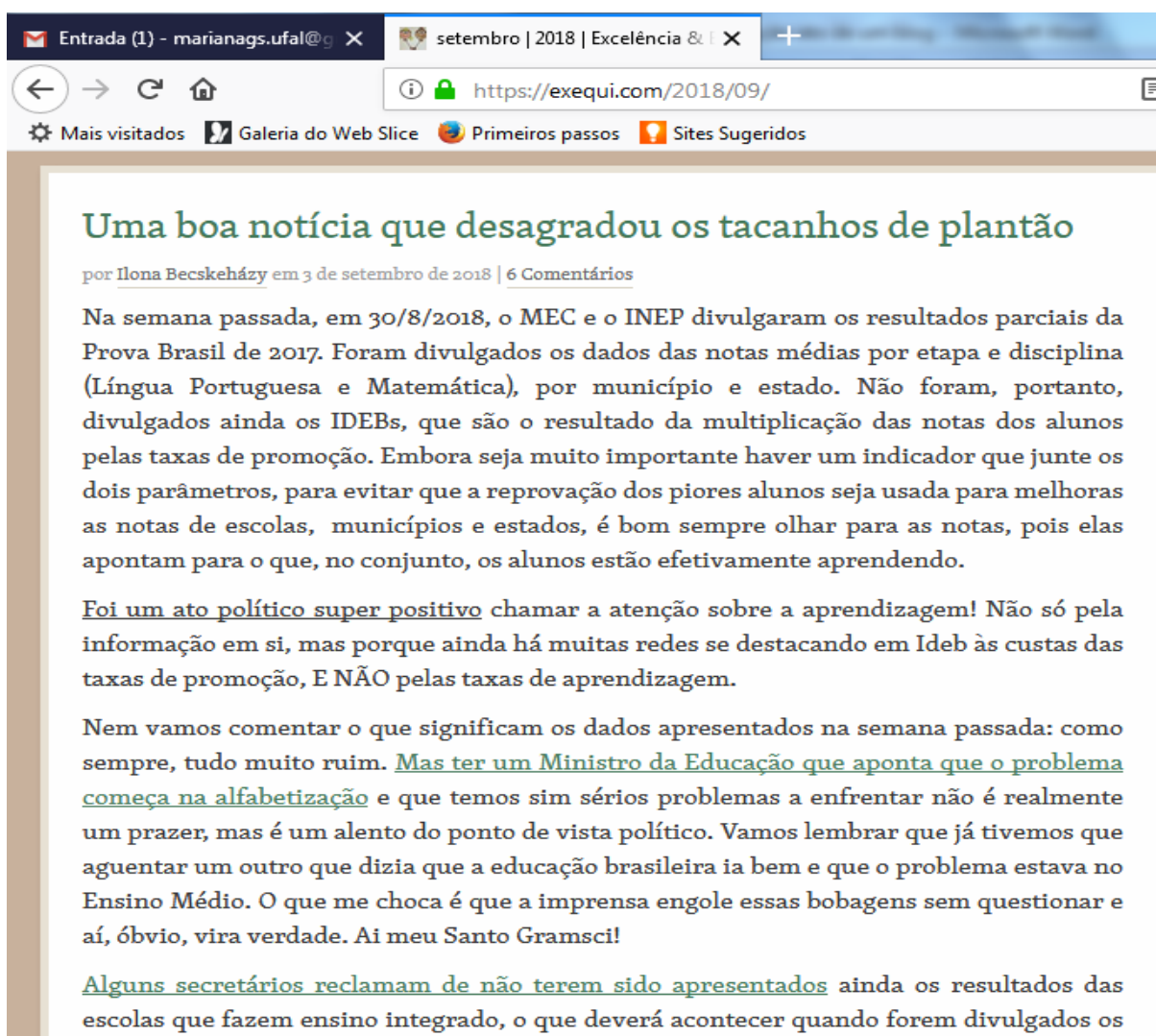
[...] O setor educacional brasileiro ainda não incorpora essas descobertas porque pouca gente do ramo lê em inglês e também porque não tem interesse em trocar as explicações e posições socio-políticas por outras mais científicas, cuja produção está fora da sua própria área de atuação profissional. Todos nós perdemos com isso. (BECSKEHÁZY, 15 de agosto de 2016).

De acordo com o exposto, o leitor do blog, para que possa melhor compreendê-lo e entender as escolhas feitas, segundo a jornalista, precisa ser um leitor com uma carga cultural e conhecimento de línguas, porém, esse desmerecimento com os demais leitores reafirma a sua posição única diante de uma prática de letramento “adequada”.

Em outras postagens é possível verificar a inserção de documentos em suas versões originais (em inglês ou francês). Essa opção de compartilhar os documentos originais sem abrir espaço também para divulgar traduções restringe o acesso às informações a um determinado público, aquele que lê e compreende outras línguas. Colocando-me enquanto leitora/pesquisadora do *blog*, considero-me à margem desses poucos que conseguem ter acesso aos originais, mas capaz de realizar uma leitura crítica a respeito das implicações desses discursos.

Resgatamos agora a reflexão feita sobre o gênero postagem no *blog*, a respeito de ser apresentada no *blog* em uma configuração de notícia, conforme pudemos flagrar em diversas postagens e, conforme a que se segue.

Figura 13 – Postagem disfarçada de notícia (?)



Fonte: <https://exequi.com/2018/09/03/uma-boa-noticia-que-desagradou-os-tacanhos-de-plantao/>. Acesso em: 02/03/2019.

Fica explícito desde o título - uma boa **notícia** - que se trata da divulgação de uma notícia, e ao longo da postagem a jornalista apresenta um discurso direto com links que levam aos dados que comprovam os resultados da notícia. Essa característica torna o *blog* muito além de sua funcionalidade inicial (diário pessoal) e amplia para efeitos secundários como a divulgação de uma notícia que, devido ao espaço digital, permite que a blogueira também se posicione.

Levando em conta as considerações e análises feitas através das leituras e reflexões apresentadas acima, é notório que a Ilona Becskeházy defende um modelo de letramento, que é o modelo autônomo, e ela vem a serviço da realidade educacional das melhores escolas do país, um exemplo disso é a cidade de Sobral, no Ceará. Por esse viés, foi possível notar que

nas mídias analisadas ainda predomina um conceito de letramento bastante excludente e único.

Essa visão é aquela que promove a ideia da existência de um único letramento, neutro e universal, que visa garantir o desenvolvimento cognitivo, o progresso econômico e a ascensão social. Além de se vincular ao modelo autônomo de letramento, as publicações de Becskeházy deixam ecoar uma voz social, e essa voz compreende a elite, aqueles poucos afortunados que conseguiram entrar no sistema considerado ideal e “adequado”.

Nesse sentido, os discursos ou práticas de letramentos que circulam no blog estão dentro do discurso mercadológico que, na esfera dos estudos do letramento apontam para práticas coloniais, dominantes e autônomas, de acordo com a nomenclatura de Street (2014), mas que é contrária à noção de letramento defendida por ele, e também neste trabalho, a do letramento ideológico.

Os resultados apontam para a presença de uma ação pragmática na construção de sentido, de modo que a aproximação da ideia de excelência e justiça constituiu uma estratégia retórica do discurso, ou seja, uma impostura discursiva.

Com base nisso, apresentamos no tópico seguinte uma proposição de criação de um *blog-ato*.

#### **4.6 Proposta de Criação do *Diálogos sobre Letramentos*: por uma criação-ato de *blog***

Conforme dito na introdução e na metodologia, a criação-ato de um *blog* foi pensada como espaço para dialogar discursos sobre letramentos. No entanto, o enfoque principal que é dado aos letramentos apresenta uma postura ideológica que propõe uma força centrífuga. Entendendo que a educação só vale a pena se houver transformação social, espera-se que com este *blog* possa haver uma contribuição para uma maior reflexividade na área da educação, sobretudo do papel do professor de língua portuguesa.

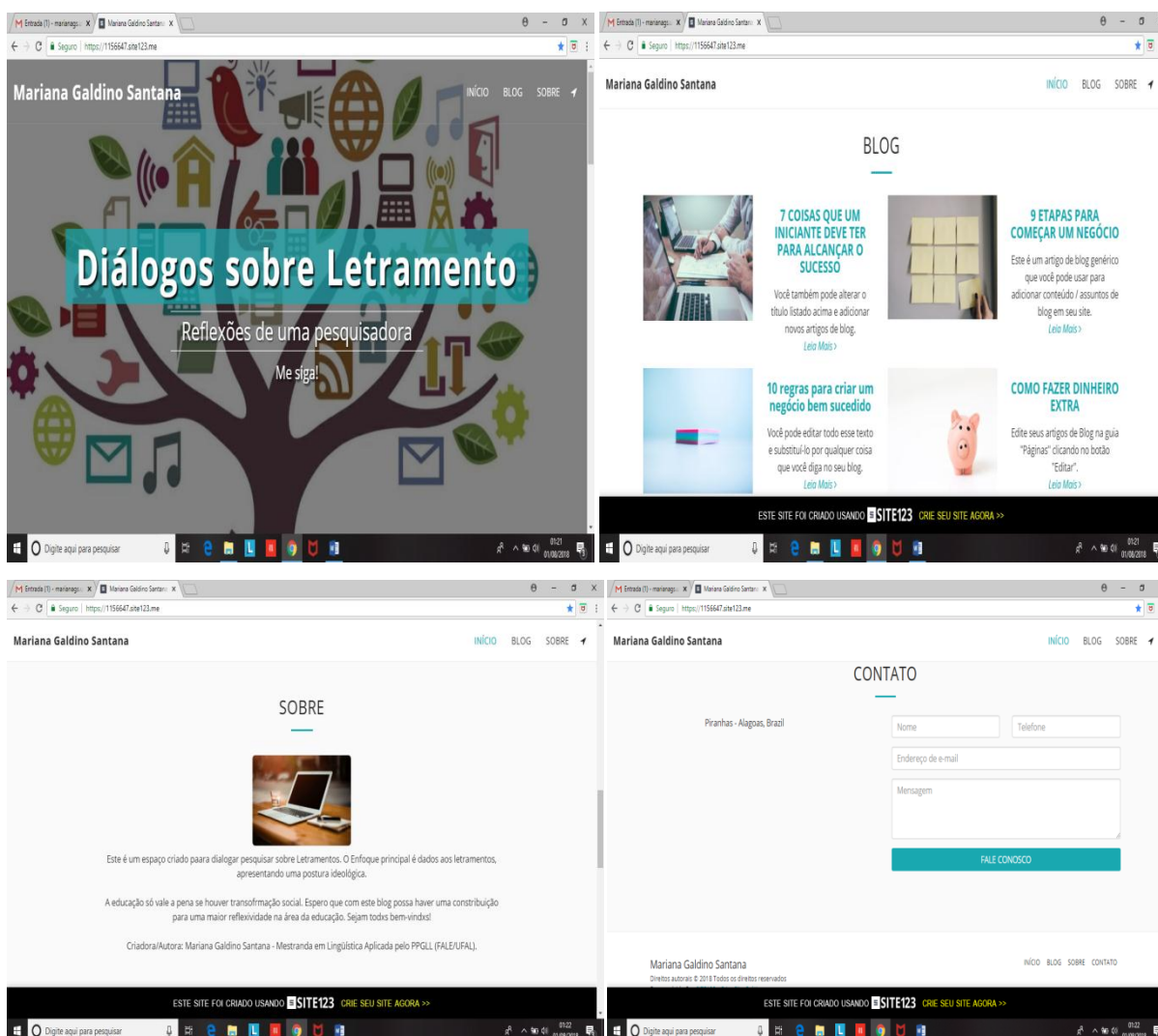
Como leigos e com poucos conhecimentos sobre novas ferramentas que possibilitem criar na *web* um *blog* que seja um espaço de dinamismo e que chame a atenção dos visitantes, apresentamos nos primeiros momentos certa dificuldade na construção do *blog*. Em consequência a isso, o que nos preocupava era justamente buscar novas alternativas de melhorar o designer do *blog* e dar uma face mais atrativa e dinâmica.

Algumas ações propositivas podem ser tomadas no sentido de inserir novos posicionamentos na discussão na esfera da mídia educacional, umas delas é dialogar com os discursos já existentes, na tentativa de contribuir com novos ares de pesquisa que possam dar

espaço aos diversos letramentos, sem sobrepor um ao outro. Tendo isso em vista, para que esses novos ares de pesquisa fossem inseridos nos discursos já circulantes, criamos o *blog Diálogos sobre Letramentos*, que é um espaço interativo entre o administrador e os visitantes da página. Esse tipo de ação pode contribuir para dar mais espaço às diferentes vozes e modos de letramento existentes e a incluir essas diferenças nos currículos escolares.

No processo da pesquisa houve a necessidade de alterar o *blog* para trazer uma nova formatação, mais dinâmica e hipermodal, que atendesse o plano desse estudo. Por esse motivo, foi criado um novo espaço virtual que ainda está em processo de experimentação como parte propositiva desse trabalho. Este novo *blog-ato* criado está intitulado *Diálogos sobre Letramento: reflexões de uma pesquisadora*. Seguem algumas imagens do *blog*.

**Figura 14 – Layout do *blog-ato***



Fonte: <https://1156647.site123.me/>. Acesso em 09/08/2018.

O que se pretende com a criação-ato de um *blog* é proporcionar um conteúdo com a inserção de variadas vozes, posicionamentos, de várias esferas do conhecimento e que traga em si o aspecto da multimodalidade e interatividade, ou seja, o que se propõe é trabalhar com outras concepções de letramento, que não a do letramento autônomo. Outrossim, inserir a discussão dos letramentos no contexto de embate da Modernidade e Pós-modernidade e dar validade ao pensamento, tornando-o ético e refletindo sobre a teoria.

Dado o exposto, no tópico a seguir elencamos algumas categorias para a composição do *blog-ato*, são elas: as refrações na estrutura hipertextual; a escolha das vozes e, por fim, a multimodalidade. Passemos então a analisar cada categoria.

#### 4.6.1 O *blog-ato* e suas refrações na estrutura hipertextual

Em termos da estrutura hipertextual, a criação do *blog-ato* vai refratar o discurso/voz do *blog Exequi*. Considerando que o *blog-ato* é tratado como signo ideológico, ele vai apresentar um posicionamento diferente, de alteridade em relação ao analisado (ao *Exequi*). Esse *blog* estabelecerá uma relação dialógica de adesão à abordagem ideológica de letramento (STREET, 2014). Para tanto, serão criados *links* que darão acesso a diversos textos com diferentes posicionamentos e vozes, seja por meio de citações ou de *links*.

Além da parte textual, investiremos na utilização de infográficos, vídeos, imagens, novos espaços virtuais entre outras representações da realidade. Toda essa estrutura hipertextual precisa responder ao *blog* analisado. Desse modo,

o quê ou como se diz supõe sempre o ‘outro’ em sua fundamental *diversidade*. Se sou um artista, o que faz de minha obra de arte uma obra singular produz-se na exata interseção dimensão com aquilo que não sou eu. O trabalho identitário de todo discurso e de todo texto, seja na vida seja na arte, é um trabalho intrinsecamente plural. (AMORIM, 2003, p. 11-12)

Em outras palavras, isso significa que sempre que falamos o fazemos em relação ao outro. Sempre estamos respondendo a outros discursos, seja reafirmando ideias ou as refutando. Neste caso, o propósito dessa criação-ato de *blog* é justamente reexaminar os discursos predominantes no *blog Exequi*.

No *blog Exequi* foi possível verificar a existência de algumas imposturas, tais como: a recusa de inserir o pensamento no contexto sócio-histórico, considerando apenas os dados e



valores de sua contemporaneidade, como, por exemplo, os dados estatísticos que o blog em análise utiliza como molde a ser seguido (os padrões dos “pares” desenvolvidos). Outra forma de impostura encontrada foi o fato da escritora do *blog Exequi* pensar a singularidade a partir de uma posição individualista. Uma última forma de impostura encontrada no *blog Exequi* foi pensar a singularidade a partir dos interesses próprios da autora, de maneira pragmatista. Nesse caso, ela faz coincidir o valor de um pensamento com aquilo que lhe é útil.

Em contraponto a isso, o que necessário fazer para que um *blog* seja um *ato* é haver um enfrentamento do debate dos dois paradigmas: modernidade versus pós-modernidade; um posicionamento crítico em relação aos princípios relativistas pós-modernos; e um posicionamento crítico em relação aos princípios dogmáticos modernos, especialmente no que diz respeito às Ciências Humanas.

A seguir, abordamos a respeito da escolha das vozes na criação do *blog-ato*.

#### 4.6.2. O *blog-ato* na escolha das vozes

Segundo Mey (1998, p. 7) “Um determinado discurso está sempre incorporado pelo que denomino de *voz*, que significa um agente social que representa alguma função e algum interesse na comunidade”. Através do discurso produzimos uma ideologia, do mesmo modo que também somos produzidos por ele como membros de uma comunidade do discurso. A voz que ecoa no *blog Exequi* é a voz de um discurso neoliberal, meritocrata. Essa voz está associada à noção autônoma de letramento (STREET, 2014), aquela que produz um letramento único e focado nas habilidades e competências individuais do sujeito.

Na tentativa de dialogar o conteúdo do nosso *blog-ato* com outras vozes pretendemos atribuir um alto grau de informatividade a esse sistema hipertextual, visto que a quantidade de textos e opções disponíveis através dos *links* dará mais possibilidade de informação ao leitor. Todos esses percursos de leitura devem estar de acordo com o contexto situacional do discurso. De acordo com Gomes (2018, p. 44), o hipertexto é “o resultado da interação ativa, verbal ou não, entre interlocutores, enquanto sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos, acrescentando a presença de *links* e uma existência exclusivamente eletrônica, como fatores diferenciadores do texto tradicional”.

Algumas das vozes propostas para serem incluídas nesse *blog-ato* seriam as vozes científicas, tais como a do Street (2014), do Mey (1998), do Bakhtin e seu Círculo, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e de outros estudiosos da língua(gem).

Em suma, o *blog* que por suas características hipertextuais promove uma interatividade, um diálogo e participação de leitores/internautas, possibilita uma construção de saber mais ampla e dá acesso a uma infinidade de conteúdos que podem ser problematizados. Por conseguinte, isso pode colaborar para a formação de opinião sem que haja um condicionamento, como ocorre no *blog Exequi*, em que há a presença de um posicionamento único que serve de “modelo” para aqueles que acreditam na defesa de uma educação com Equidade e Justiça Social.

Essa relação posta em caráter de adesão em relação à Equidade e a Justiça Social está na base de uma perspectiva excludente, pois se trata de dois discursos opostos que, à medida que incluímos uma parte pouco significativa da comunidade, em termos quantitativos, a grande maioria fica do lado de fora por não estar enquadrado nesse grupo “letrado” (ou seja, o grupo que está dentro do modelo considerado de alto nível dentro das escalas de avaliação de letramento).

A partir desses aspectos, abordamos no tópico seguinte como a questão da multimodalidade deve estar presente na criação desse *blog-ato*, conforme passamos a discutir agora.

#### 4.6.3 O *blog-ato* na multimodalidade

A multimodalidade é um fator importante na construção de um hipertexto. Além disso, convém lembrar que é preciso explorar as características da cibercultura – interatividade, abertura dos polos de emissão, debate da modernidade e pós-modernidade.

No que concerne à estrutura, o que se pretende é criar uma forma menos fechada e linear e tentar explorar ao máximo os recursos visuais e disposições topográficas dos mesmos na tela. Um exemplo desse tipo de disposição visual e dos aspectos multimodais em *blogs* é o que verificamos na imagem a seguir,

Figura 15 – Exemplo de *blog* multimodal



Fonte: Disponível em: <http://hipertextosmultimodais.blogspot.com/>. Acesso em 23/02/2019.

Como se pode verificar, neste *blog* criado pelo Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes, é possível verificar diversas das características hipertextuais e da multimodalidade. Em relação à disposição na tela dos conteúdos, verificamos que tanto na parte central como no lado direito da tela há a presença de algumas semioses, como a apresentação em slides. Além disso, na parte em destaque na cor laranja há a presença de um link de conteúdo que abre uma nova janela dando acesso a uma entrevista em um site em inglês. Outro aspecto para se avaliar é que a parte textual é pouco densa, não cansando o leitor e gerando um fluxo maior entre telas e leituras.

São esses, dentre outros aspectos que um *blog-ato* deve apresentar, sendo que nesta pesquisa todos os aspectos foram pensados em resposta ao modelo estrutural e discursivo do *blog Exequi*. Em virtude dos aspectos observados para a composição do *blog Diálogos sobre Letramento*, consideramos de fundamental importância salientar que esta proposição possibilita a continuidade da pesquisa em momentos posteriores, dado o caráter processual e contínuo de investigação presente nas pesquisas em LA. Assim, buscamos proporcionar também aos leitores dessa dissertação uma inspiração para futuras pesquisas no âmbito do discurso e da língua.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo geral desta pesquisa que é, portanto, analisar os discursos sobre letramento presentes no *blog Exequi*; e levando em conta os objetivos específicos: a) por meio de uma análise dialógica-discursiva, estudar quais discursos, também entendidos como vozes sociais, do letramento circulam no *blog Exequi*; b) identificar o posicionamento do *blog* dentro do debate modernidade e pós-modernidade e, c) propor alternativas para a criação de *blogs* sobre educação que também traga vozes sociais sobre letramento; foi possível perceber uma maior incidência da presença do modelo de Letramento Autônomo (STREET, 2014).

No processo da pesquisa netnográfica é importante o pesquisador interpretar o mundo do outro, adentrando em sua cultura. Esta pesquisa entende a internet enquanto cultura, e busca interpretar o contexto cultural dos fenômenos sociais e de linguagem, dos posicionamentos a respeito do conceito de letramento que ocorrem em espaços virtuais, para que com isso se possa compreender o que as pessoas fazem/pensam (sobre letramento) quando estão online. “Pesquisar a internet como cultura ou como artefato cultural implica migrar para outro espaço e outra cultura, a cibercultura que, nas palavras de Rocha e Montardo (2005, p.187), é a matriz de sentidos dos nossos tempos”.

Outro aspecto importante na pesquisa etnográfica em ambientes virtuais é considerar a textualidade múltipla, ou seja, compreender que todo material é resultado de segunda e terceira mão, não tendo a absoluta certeza de autoria. De acordo com as questões de pesquisa elaboradas neste trabalho, na primeira questão, e após ter realizado algumas reflexões no *blog* analisado no tópico anterior, pudemos concluir que em grande parte das postagens os discursos sobre letramento circulantes se enquadram no Modelo Autônomo de Letramento (STREET, 2014) por apresentar uma voz monológica.

Sobre a segunda questão, os discursos subjacentes nessas esferas analisadas sobre educação são de educação como meio de “avanço/ascensão social”, que busca se equiparar aos países desenvolvidos economicamente. A presença circulante desses discursos pouco ou nada contribuem para o enfrentamento das práticas de letramentos dos grupos pouco familiarizados com práticas de leitura/escrita dominantes na educação formal, pelo contrário, eles criam fronteiras entre a camada da população ou indivíduo “privilegiado” por dominar essas técnicas de letramento e aqueles que são considerados iletrados, causando ainda mais desigualdade social e apagando a cultura e práticas de letramento do Outro.

No entanto, como propõe a última questão, algumas ações propositivas podem ser tomadas no sentido de inserir novos posicionamentos na discussão na esfera da mídia educacional, umas delas é dialogar com os discursos já existentes na tentativa de contribuir com novos ares de pesquisa, que possam dar espaço aos diversos letramentos sem sobrepor um ao outro. É, por isso que, para que esses novos ares de pesquisa fossem inseridos nos discursos já circulantes, criamos o *blog*, que é um espaço interativo entre o administrador e os visitantes da página. Esse tipo de ação pode contribuir para dar mais voz aos diferentes modos de letramento existentes e para incluir essas diferenças nos currículos escolares.

Nesse entendimento, após a realização desta pesquisa, pudemos alargar os horizontes sobre as questões do letramento, e como docente de Língua Portuguesa, embora ainda não esteja em atuação, essa pesquisa propiciou à pesquisadora construir um olhar mais plural e crítico sobre as práticas de letramentos que, atreladas a uma visão ideológica centrípeta, acabam apagando os múltiplos letramentos. Dessa maneira, através das reflexões e ações contra essas forças centrípetas, pretendemos gerar uma força centrífuga que de fato vise e proporcione aos alunos e aos visitantes do *blog* a observação dessas práticas letradas nos seus usos sociais contextuais, e que considerem todas as realidades sociais em suas particularidades e não somente a realidade de um único indivíduo. No mais, esperamos que esta possa contribuir para pesquisas futuras e que possa transformar, principalmente, o contexto educacional no que tange às práticas de letramentos.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.
- AMORIM, Marília. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. *In*: FREITAS, Maria T., JOBIM, Solange, KRAMER, Sonia (org.). **Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003.
- AQUINO, Lucélio Dantas de; SOUZA, Medianeira. A multimodalidade no gênero blog. *In*: ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins (org.). **Perspectivas em Análise Visual: do fotojornalismo ao blog**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 3.ed. São Paulo: Ed. Unesp/Hucitec, 2002.
- BAKHTIN, M. (V. N. VOLOCHINOV). Estudo das ideologias e filosofia da linguagem. *In*: BAKHTIN, M. (V.N. VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 ed. São Paulo: HUCITEC, 1929/2006.
- BAKHTIN, M. (V. N. VOLOCHINOV). Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. (V.N. VOLOCHINOV). **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Maria Ermanita Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 261-306.
- BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BUZATO, Marcelo El Khouri. Letramento e inclusão: do estado-nação à era das TIC. **D.E.L.T.A.**, v. 25, n.1, p. 1-38, 2009.
- BUZATO, Marcelo El Khouri. **Letramentos digitais, apropriação tecnológica e inovação**. III Encontro Nacional sobre Hipertexto. Belo Horizonte, MG – 29 a 31 de outubro de 2009.
- BUZATO, Marcelo El Khouri. Inclusão digital como invenção do cotidiano: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação**. v. 13. n. 38. maio/ago. 2008.
- COIRO, Julie, COSCARELLI, Carla Viana. Confiabilidade das informações na internet. **Presença Pedagógica**, maio/jun, edição 117. Belo Horizonte: Ed. Dimensão, 2014.
- COPE, Bill; KALANTZIS, Mary (org.). **Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures**. New York: Routledge, 2006.

COSTA, S.R. Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper)textuais na Internet. *In*: FREITAS, M. T. A. e COSTA, S.R. (org.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.19-17.

COSCARELLI, Carla Viana. Alfabetização e Letramento Digital. *In*: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento Digital: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

CAVALCANTI, Marida C.; SILVA, Ivani Rodrigues. “Já que ele não fala, podia ao menos escrever...”: o grafocentrismo naturalizado que insiste em normalizar o surdo. *In*: KLEIMAN, Angela B.; CAVALCANTE, Marilda C. (org.). **Linguística Aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

DIODATO, Roberto. **Estética de lo virtual**. Universidad Iberoamericana. México, DF. 2011.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOMES, Luiz Fernando. **Hipertextos Multimodais: leitura e escrita na era Digital**. Jundiaí, Paco Editora, 2010. pp.19-32.

GOMES, Luiz Fernando. **Hipertexto revisitado: novas perspectivas para pesquisa e ensino**. Maceió: EDUFAL: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

HINE, Christine. **Etnografía virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004. ISBN: 84-9788-019-6

JUNQUEIRA, Eduardo S. **Entrevista – Hipertexto no cotidiano escolar**. Set. 2012.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: a arma secreta dos profissionais de marketing – Como o conhecimento das mídias sociais gera inovação**. Março 2010.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014. ISBN 978-85-65848-97-8.

KOMESU, Fabiana Cristina. **Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet**. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

LOPES, I. A. **Cenas de Letramentos Sociais**. Recife: PGLetras/UFPE, 2006.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MEY, Jacob L. As vozes da sociedade: letramento, consciência e poder. **D.E.L.T.A**, v.14, n. 2, São Paulo, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In: Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido.* MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital.** Tradução de Isa Tavares. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

NOGUEIRA, E.J; GOMES, L. F; SOARES, M.L.A. Netnografia: considerações iniciais para pesquisas em educação. **QUAESTIO**, Sorocaba, SP, v. 13, n. 2, p.185-202, Nov. 2011.

PEREIRA, Andrea da Silva; GOMES, Luiz Fernando. Blogs universitários e realidade local: Contribuições para a atuação das forças centrífugas da vida verbal. *In: AZEVEDO, Isabel Cristina Micheline de. Linguagens em Diálogo.* Aracajú, Editora UFS, 2017

RECUERO, Raquel da Cunha. **Weblogs, webrings e comunidades virtuais.** Disponível em: [http://www.pucrs.br/famat/viali/mestrado/ante/atividades/online/blogs/blogs\\_artigos/webrings.pdf](http://www.pucrs.br/famat/viali/mestrado/ante/atividades/online/blogs/blogs_artigos/webrings.pdf). Acesso em: 11 nov. 2017.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Leituras sobre hipertexto:** trilhas para o pesquisador. Trabalho apresentado no GT Hipertexto: que texto é esse?, no XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística, Uberlândia, nov. 2006.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. *In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (org.). Multiletramentos na escola.* São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-32.

ROCHA, Gilmar; TOSTA, Sandra. **Antropologia & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

RODRIGUES, Nara Caetano. A abordagem etnográfica na pesquisa em Linguística Aplicada – reflexões de uma trajetória. *In: FRITZEN, Maristela Pereira; LUCENA, Maria Inêz Probst (orgs.). O olhar da etnografia em contextos educacionais: interpretando práticas de linguagem.* Blumenau: Edifurb, 2012.

SAITO, Fabiano Santos; SOUZA, Patrícia Nora de. (Multi)letramento(s) digital(is): por uma revisão de literatura crítica. **Linguagens e Diálogos**, v. 2, n.1, p.109-143, 2011.

SANTOS FILHO, I. I. **Gênero do Discurso:** No papel e na rede – Reflexões sobre as especificidades do suporte. Disponível em: [www.portrasedasletras.com.br/pdtl2/nopapelenarede](http://www.portrasedasletras.com.br/pdtl2/nopapelenarede). Acesso em: 23 jul. 2016.

STREET, Brian. A escolarização do letramento. *In: STREET, Brian. Letramentos sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação.* São Paulo: Parábola. 2014.



STREET, Brian. Letramento, política e mudança social. *In*: STREET, Brian. **Letramentos sociais**: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola. 2014.

STREET, Brian. **Letramentos digitais, apropriação tecnológica e inovação**. III Encontro Nacional sobre Hipertexto, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

STREET, Brian. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current Issues in Comparative Education**, v. 5, n. 2, p. 77-91. 2003.

SNYDER, Ilana. Antes, agora, adiante: hipertexto, letramento e mudança. **Educação em Revista Belo Horizonte**, v. 26, n. 3, p. 255-282, dez. 2010.

SILVA, Simone B. da. **Da técnica à crítica**: contribuições dos novos letramentos para a formação de professores de língua inglesa. São Paulo. 2011. 243f. Tese - Programa de Pós-graduação em Estudos linguísticos e literários em inglês, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SOUSA, Renata M. R. Q. de. **Multiletramentos em aulas de língua inglesa no ensino público**: transposições e desafios. São Paulo, 2011. 192f. Tese - Programa de Pós-graduação em Estudos linguísticos e literários em inglês. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

VIEIRA, IútaLerche. Tendências em Pesquisas em Gêneros Digitais: Focalizando a Relação Oralidade/Escrita. *In*: **Interação na Internet**: novas formas de usar a linguagem. Júlio César Araújo, Bernardete Biasi-Rodrigues (orgs.). Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

## ANEXOS

## ANEXO A - Resposta de consentimento autorizado para a análise do blog Exequi

| <https://exequi.com/2018/03/27/ouvinte-atentou-achou-uma-edicao-traduzida-da-taxonomia-de-bloom-pa>

**Mariana Galdino** 17 de abril de 2018 às 22:29 | **Responder**

Olá, Ilona.

Eu sou aluna da Universidade Federal de Alagoas e acompanho as suas publicações, elas têm conduzido as minhas reflexões na pesquisa de mestrado que estou fazendo sobre as representações do letramento em sites e blogs sobre educação. Gostaria que me autorizasse a usar o seu blog como objeto de pesquisa, ficarei muito feliz com a sua permissão. Qualquer detalhamento a respeito da pesquisa que estou desenvolvendo peço que me contacte por e-mail e lhe responderei.

Grata,

Mariana Galdino.

**Ilona Becskeházy** 23 de abril de 2018 às 21:07 | **Responder**

Mariana, desculpa...eu mesma estou na minha tese e há semanas não entro aqui. Pode usar sim, são públicas. Depois me manda o trabalho finalizado, por favor. Fiquei curiosa.

Fonte: Disponível em: <https://exequi.com/2018/03/27/ouvinte-atentou-achou-uma-edicao-traduzida-da-taxonomia-de-bloom-para-lp/comment-page-1/#comment-586>

**ANEXO B – Termo de Autorização do blog *Exequi*****TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

Eu, **Mariana Galdino Santana**, responsável principal pelo projeto de pesquisa de Mestrado, o qual pertence ao Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística (PPGLL) da FALE/UFAL, venho pelo presente, solicitar autorização da **Ilona Becskeházy** para realização da coleta de dados através do blog **EXEQUI**, (Disponível em: <<https://exequi.com/>>) no período de **agosto de 2017** a **abril de 2018** para o trabalho de pesquisa sob o título **Estudo das representações do letramento em sites e blogs sobre educação: uma análise dialógica-discursiva**, com o objetivo geral analisar os conceitos de letramento presentes nos meios de comunicação social jornalísticos e institucionais da web. Os objetivos específicos são: a) fazer um estudo dos conceitos de letramentos existentes nos principais agentes e meios de comunicação digital jornalísticos no contexto brasileiro, a fim de identificar quais são os posicionamentos dessas entidades a respeito da educação de língua; b) identificar tais posicionamentos por meio de uma análise dialógica-discursiva dos discursos circulantes nos sites/blogs/portais; c) elaborar um blog que proponha discussões sobre as principais questões do letramento.

O que nos motivou a empreender o presente estudo foi o contato, por meio de áudio, de um desses programas da rádio. Após esse contato, fomos ao *blog* de uma das educadoras que, por meio de uma permanente publicação de artigos, propõe a discussão e a reflexão sobre questões atualizadas concernentes à educação no Brasil. As publicações deixam vista e entrevista a circulação de representações sobre letramento. Interessa-nos investigar quais são essas representações circulantes. Interessa-nos ainda estender esse estudo para outros blogs que possam existir, pois eles são formadores de opinião. Essa pesquisa está sendo orientada pelo(a) Professor(a) Dra. **Andréa da Silva Pereira**.

Declaro ainda, por meio deste termo, que concordei em ser sujeito de análise na pesquisa netnográfica referente ao projeto/pesquisa acima descrito. Fui informado(a), também, de que a pesquisa é [coordenada / orientada] pelo(a) Professor(a) Dra. **Andréa da Silva Pereira**, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail: [andreasp.alp@gmail.com](mailto:andreasp.alp@gmail.com).

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de observação; coleta e análise dos dados. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es).

Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Contando com a autorização da participante em questão, colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento.

Maceió-AL, 30 de abril de 2018

Assinatura do(a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) pesquisador(a): \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) orientador(a) desta pesquisa: \_\_\_\_\_

Nome e assinatura do Pesquisador Principal  
(FALE/UFAL)

Nome e assinatura do Orientador da Pesquisa  
(FALE/UFAL)